



ESCOLA SUPERIOR  
DE EDUCAÇÃO  
DE LISBOA



**POLITÉCNICO  
DE LISBOA**

# **O PAPEL DO CORPO NACIONAL DE ESCUTAS NA EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA: UM OLHAR SOBRE OS CAMINHEIROS**

**Catarina Garcia**

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção de  
grau de mestre em Educação Social e Intervenção Comunitária

**2019**







ESCOLA SUPERIOR  
DE EDUCAÇÃO  
DE LISBOA



**POLITÉCNICO  
DE LISBOA**

## **O PAPEL DO CORPO NACIONAL DE ESCUTAS NA EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA: UM OLHAR SOBRE OS CAMINHEIROS**

**Catarina Garcia**

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção de  
grau de mestre em Educação Social e Intervenção Comunitária

Orientadoras: Prof. Doutora Ana Veríssimo Ferreira e Prof. Doutora Ana Gama

**2019**



## **AGRADECIMENTOS**

No fim deste processo, não posso deixar de agradecer a todos aqueles que foram cruciais para a conclusão desta minha etapa.

Às minhas Professoras Orientadoras Ana Veríssimo e Ana Gama, dotadas de uma enorme sensatez, que me guiaram a bom porto quando eu estava à deriva. Pela dedicação, força e apoio constante. Por acreditarem no meu trabalho e por partilharem comigo todos os seus conhecimentos.

À minha mãe, que foi a responsável por este desafio, por acreditar sempre em mim e por me fazer acreditar que o esforço compensa.

Ao meu namorado Hugo, dotado de uma paciência fora do comum, pelo seu companheirismo, dedicação e compreensão.

À minha irmã de outra mãe Elodie, exemplo de resiliência, que sempre me compreendeu e acalmou todas as minhas inquietações.

Ao meu Agrupamento 699 Miratejo, essencial na minha formação pessoal, onde aprendi a ser livre e me tornei cidadã do mundo.

A todos os meus irmãos escutas, ainda que anónimos, que fizeram valer uma vez mais o 4º artigo da Lei “O Escuta é amigo de todos e irmão de todos os outros Escutas.”

A todos os meus amigos, pela compreensão da minha ausência e pelo apoio incondicional.



## RESUMO

Este estudo pretende analisar o papel do Corpo Nacional de Escutas (CNE) no desenvolvimento das competências de cidadania dos jovens. Neste sentido o estudo teve como objetivos gerais: analisar as questões da Cidadania na metodologia Escutista, compreender as dinâmicas de participação vividas pelos jovens escuteiros nos grupos que frequentam e explorar a vivência do voluntariado nos jovens escuteiros dentro e fora do movimento.

A parte do enquadramento teórico desta investigação sustenta-se no Movimento Escutista, enquanto promotor de Educação Social e nos conceitos de Educação Não Formal, Educação para a Cidadania, Participação e Voluntariado. Do ponto de vista metodológico é um estudo de carácter exploratório e segue uma abordagem mista, combinando métodos de recolha quantitativos e qualitativos. Como instrumento de recolha de dados quantitativos está o inquérito por questionário, com as questões de resposta fechada, aplicado a caminheiros, jovens escuteiros entre os 17 e os 23 anos. Relativamente à recolha qualitativa de dados a mesma procedeu-se através das questões de resposta aberta do mesmo instrumento, bem como análise documental a vários documentos orientadores da prática escutista e trabalhos de investigação acerca do Movimento Escuteiro.

No estudo realizado verificou-se que os jovens conferem ao Escutismo um papel imprescindível em todos os aspetos do seu desenvolvimento pessoal (físico, afetivo, espiritual, intelectual, relacional e moral e ético), dando ênfase à aquisição de valores cidadãos neste contexto, nomeadamente o facto de considerarem que o maior contributo do Movimento é o desenvolvimento de cidadãos ativos e participativos, assim como, a formação moral e cívica dos jovens. Comparativamente com a Escola, contexto onde os inquiridos despendem a maior parte do seu dia, os mesmos consideram que o Escutismo está melhor preparado para facultar aprendizagens e saberes, bem como educar ambientalmente.

Acerca da Igreja Católica, elemento estruturante do CNE, os caminheiros confessam não se identificar com a postura da mesma relativamente à sexualidade, assumindo-a como desatualizada e rígida.

**Palavras-chave:** Escutismo, Educação Social, Educação Não Formal, Cidadania, Voluntariado





## ABSTRACT

This study intends to analyze the role of the Corpo Nacional de Escutas (CNE) in the development of young people's citizenship competencies, to understand the dynamics of their participation in the scouts' group they belong, as well as to understand the nature of the Social Intervention practices developed by youngsters.

Part of the theoretical framework of this research is supported by the Scout Movement, as a promoter of Social Education and in the concepts of Non-Formal Education, Education for Citizenship, Participation, and Volunteering. From the methodological point of view, it is an exploratory study and follows a mixed approach, combining quantitative and qualitative collection methods. As a tool for collecting quantitative data, questionnaire survey was used, with questions of closed response, applied to *caminheiros*, young scouts between 17 and 23 years. Regarding the qualitative collection of data, it was carried out through the open response questions of the same instrument, as well as documentary analysis of several guiding documents of the scout practice and research work on the Scout Movement.

In the study carried out, it was found that young people give Scouting an indispensable role in all aspects of their personal development (physical, affective, spiritual, intellectual, relational and moral and ethical), emphasizing the acquisition of citizens values in this context, namely the fact that they believe that the greatest contribution of the Movement is the development of active and participative citizens, as well as the moral and civic formation of young people. Compared to School, where respondents spend most of their day, they consider Scouting better prepared to provide learning and knowledge as well as to educate about environmental issues.

Regarding the Catholic Church, a structuring element of the CNE, the *caminheiros* questioned confessed that they do not identify with the position of the church regarding sexuality, assuming it as outdated and rigid.

**Keywords:** Scouting, Social Education, Non-Formal Education, Citizenship, Volunteering



## ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO.....	18
CAPÍTULO 1 – O ESCUTISMO .....	20
1.1. A origem do Escutismo.....	20
1.2. O movimento Escutista em Portugal.....	21
1.3. O Corpo Nacional de Escutas .....	24
1.3.1. Breve resenha histórica .....	24
1.3.2. Caracterização do CNE: a organização do Movimento .....	26
1.3.3. O Projeto Educativo do CNE.....	27
1.4. O Escutismo na agenda investigativa.....	35
CAPÍTULO 2 – EDUCAÇÃO SOCIAL E ESCUTISMO.....	40
2.1. Definição de Educação Social / Pedagogia Social.....	40
2.2. Definição de Cidadania e Participação .....	42
2.3. Educação Não Formal e Escutismo.....	46
2.4. O Voluntariado e o Escutismo .....	49
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA .....	54
3.1. Objetivos do estudo e opções metodológicas.....	54
3.2. Técnicas e Instrumentos de recolha e análise de dados .....	56
3.2.1. Análise documental.....	56
3.2.2. Inquérito por Questionário.....	57
3.2.3. Análise de Conteúdo.....	58
3.3. Caracterização da amostra.....	59
3.4. Procedimentos .....	63
CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS .....	66
4.1. Análise Quantitativa .....	66
4.2. Análise Qualitativa.....	94
CONCLUSÃO .....	98
REFERÊNCIAS .....	102
Anexos .....	109
Anexo A. Inquérito por Questionário aplicado aos Caminheiros .....	110
Anexo B. Análise da Questão “Se a tua resposta foi NÃO, indica a razão ou razões que presidiram à tua decisão.” .....	127

Anexo C. Análise da Questão “Se não concordas com a posição da Igreja, aponta as razões que justificam a tua resposta.” .....	129
Anexo D. Objetivos Educativos dos Caminheiros .....	134

## LISTA DE ABREVIATURAS

AEP	Associação de Escoteiros de Portugal
AGEEP	Associação de Guias e Escuteiros da Europa-Portugal
AGP	Associação de Guias de Portugal
BP	Baden-Powell
CD	Clube de Desbravadores
CNE	Corpo Nacional de Escutas
CNS	Corpo Nacional de Scouts
CSCP	Corpo de Scouts Católicos Portugueses
ENF	Educação Não Formal
FEP	Federação Escutista de Portugal
IASD	Igreja Adventista do Sétimo Dia
MP	Mocidade Portuguesa
RR	Royal Rangers
OMME	Organização Mundial do Movimento Escutista
WAGGS	World Association of Girl Guides and Girl Scouts



## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Idade dos Inquiridos.....	60
Figura 2. Género dos Inquiridos.....	61
Figura 3. Distrito de Residência dos Inquiridos. ....	61
Figura 4. Escolaridade dos Inquiridos. ....	62
Figura 5. Região Escutista dos Inquiridos. ....	63
Figura 6. Principais razões que contribuíram para a entrada no CNE .....	67
Figura 7. Cargos ocupados na tribo. ....	68
Figura 8 Opinião dos amigos não-escuteiros acerca do Escutismo. ....	75
Figura 9 Avaliação do papel do Escutismo no desenvolvimento cidadão.....	76
Figura 10. Participação em associações.....	92
Figura 11. Prática de Voluntariado fora do Escutismo.....	93
Figura 12. Continuação no Escutismo. ....	94





## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 Organizações Escutistas em Portugal .....	22
Tabela 2 Valores englobados na Lei do Escuta .....	28
Tabela 3 Sistema de Progresso do Corpo Nacional de Escutas .....	33
Tabela 4 Relação dos objetivos com as questões de investigação .....	55
Tabela 5 Frequência de participação em várias atividades e a sua preferência .....	69
Tabela 6 Periodicidade de contactos com outros escuteiros .....	72
Tabela 7 Representação acerca o que é ser Caminheiro .....	73
Tabela 8 Práticas Cidadãs dos Caminheiros no seu dia a dia .....	78
Tabela 9 Contributos do Escutismo .....	79
Tabela 10 Contributos dos diversos contextos no Desenvolvimento Intelectual dos Caminheiros .....	80
Tabela 11 Contributos dos diversos contextos no Desenvolvimento Moral e Ético dos Caminheiros .....	81
Tabela 12 Contributos dos diversos contextos no Desenvolvimento Relacional dos Caminheiros .....	82
Tabela 13 Contributos dos diversos contextos no Desenvolvimento Afetivo dos Caminheiros .....	83
Tabela 14 Contributos dos diversos contextos no Desenvolvimento Espiritual dos Caminheiros .....	84
Tabela 15 Contributos dos diversos contextos no Desenvolvimento Físico dos Caminheiros .....	85
Tabela 16 Grau de opinião sobre a escola e o escutismo .....	86
Tabela 17 Caracterização da prática religiosa dos Caminheiros .....	91
Tabela 18 Atitude perante Deus .....	91
Tabela 19 Natureza da Associação a que pertencem .....	93
Tabela 20 Justificação para a não continuidade no Escutismo .....	95
Tabela 21 Justificação acerca da não concordância com a posição da Igreja Católica relativamente à sexualidade .....	97







## INTRODUÇÃO

A presente dissertação centra-se no papel do Corpo Nacional de Escutas no desenvolvimento pessoal dos jovens, com especial ênfase na formação cidadã.

Como escuteira desde os 6 anos de idade, acredito que o escutismo católico me ajudou a construir um quadro de valores sustentável, devido ao seu modelo educativo. Permitindo-me experienciar valores cidadãos como a democracia, o altruísmo ou o respeito, assim como vivenciar diferentes dinâmicas de participação sendo autora no meu próprio processo de aprendizagem. Também o facto da associação ser de formação em educação não formal, me suscitou especial interesse pois promove a aquisição de competências pessoais sem a necessidade de avaliações, privilegiando o contacto com a Natureza. Aliado ao facto de frequentar o mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária, que me faculta um quadro teórico sustentável, tudo se caracteriza como motivações à realização do estudo.

O Escutismo caracteriza-se por ser um movimento à escala mundial que procura o desenvolvimento integral dos seus associados, através da perspectiva educativa Aprender Fazendo. O Escutismo está presente em várias organizações que professam diferentes religiões e têm estruturas orgânicas distintas, sendo o CNE uma dessas organizações. O CNE caracteriza-se por ser uma associação de escutismo católico, sendo este um dos elementos reguladores da sua prática, e possui um Projeto Educativo centrado no escuteiro, que visa o desenvolvimento integral do jovem, tal como o fundador do Escutismo idealizou.

Tal como a Educação Social, também o Escutismo tem como propósito a dinamização educativa dos jovens, para que alcancem o desenvolvimento e autonomia pessoal no sentido de se tornarem cidadãos ativos na sociedade (Ortega, 1999). À luz destes pressupostos é importante tornar os jovens, numa perspectiva de educação não formal, conscientes e participativos em todas as dimensões da sua vida.

Assim, foi importante delimitar a investigação formulando a seguinte questão de partida: *A metodologia escutista favorece o desenvolvimento de competências cidadãos nos jovens?*. Posto isto, deliniaram-se os objetivos: analisar as questões da Cidadania na metodologia Escutista, compreender as dinâmicas de participação vividas pelos jovens escuteiros nos grupos que frequentam e descrever a vivência do voluntariado dos jovens escuteiros dentro e fora do movimento.

Para que isso fosse possível, realizou-se um estudo exploratório cujo objetivo é, segundo Cervo, Bervian e Silva (2007), facultar informações sobre a matéria de estudo. Desta forma, optou-se por uma metodologia mista, onde se realizou análise documental a vários documentos reguladores do CNE, assim como, estudos académicos, dissertações, *sítes* e livros acerca do Escutismo. Aplicou-se também um inquérito por questionário a caminheiros a nível nacional, de resposta voluntária.

A presente dissertação encontra-se dividida em 4 capítulos. No primeiro capítulo – O Escutismo – realizamos uma breve contextualização histórica do escutismo a nível internacional e nacional. Posteriormente, caracterizamos o CNE, evidenciando os aspetos organizativos e o modelo educativo da associação, nomeadamente as 7 Maravilhas do Método. Por fim, ainda neste capítulo, apresentamos a investigação produzida sobre o escutismo.

No segundo capítulo – Educação Social e Escutismo - define-se Educação Social e Pedagogia Social, seguidamente da Cidadania e Participação. No terceiro subcapítulo, define-se também a Educação Não Formal e a sua relação com o Escutismo e por fim define-se o Voluntariado, relacionando-o com o Escutismo.

No terceiro capítulo - Metodologia – apresenta-se o âmbito do estudo e a metodologia aplicada. Aqui, será também apresentada a questão de partida e perguntas auxiliares, os objetivos de estudo e a justificação das técnicas e instrumentos de recolha e análise de dados (análise documental, inquérito por questionário e análise de conteúdo). Posteriormente, caracteriza-se a amostra, os caminheiros do CNE que responderam ao inquérito por questionário e explicitam-se os procedimentos das opções metodológicas.

No quarto capítulo – Apresentação e Análise dos Resultados - apresenta-se a análise quantitativa realizada aos dados recolhidos das questões de resposta fechada do inquérito por questionário, seguida da análise qualitativa das questões de resposta aberta do mesmo instrumento de recolha de dados.

## **CAPÍTULO 1 – O ESCUTISMO**

O Escutismo é um movimento de educação não formal que contribui para a educação das crianças e dos jovens através de um sistema de valores e tem como finalidade “contribuir para o desenvolvimento de crianças e jovens, ajudando-os a realizarem-se plenamente no que respeita às suas possibilidades físicas, intelectuais, sociais e espirituais e a crescerem como pessoas, como cidadãos responsáveis e ainda como membros das comunidades locais, nacionais e internacionais” (artigo 1, Constituição e Regulamento da Organização Mundial do Movimento Escutista). Este movimento já existe em Portugal, desde o início da segunda década do século XX, integrando várias organizações escutistas. Uma destas organizações é o Corpo Nacional de Escutas (CNE) cuja ação pedagógica se desenvolve a partir do seu Projeto Educativo, que se encontra estruturado em áreas de desenvolvimento, trilhos e objetivos educativos sustentando assim a proposta educativa do CNE (CNE, 2011).

Este capítulo encontra-se organizado em 4 pontos. No primeiro, realizamos uma breve contextualização do Movimento Escutista a nível mundial. No segundo ponto apresentamos o Movimento Escutista a nível nacional. No terceiro, descrevemos o Corpo Nacional de Escutas, efetuando uma breve resenha histórica, caracterizando a associação e apresentando o seu Projeto Educativo. Por fim, no quarto ponto, expomos a investigação realizada sobre o Escutismo.

### **1.1. A origem do Escutismo**

O Escutismo teve a sua origem no ano de 1907 em Inglaterra, mais precisamente na ilha de Bronwsea, quando Baden-Powell (BP) acampou com um grupo de 20 rapazes, entre os 12 e os 16 anos. Neste acampamento BP organizou o grupo em 4 patrulhas e deu-lhes formação em diferentes áreas (primeiros socorros, observação, cozinha em campo, técnicas de segurança na floresta e na cidade, entre outras) no sentido de testar o método escutista. Este método foi baseado na sua experiência como militar, durante o Cerco de Mafeking, tendo sido possível resistir ao cerco durante 217 dias com a ajuda de vários jovens civis (Reis, 2013). Este facto permitiu a BP, ainda no ano de 1907, reunir-se com o secretário nacional das Associações Cristãs da mocidade ao qual sugeriu a criação do Movimento Escutista (Reis, 2013).



No sentido de compilar o método escutista, BP inicia a redação de “Bivagues para militares”, mais tarde denominado *Scouting for boys*, onde dá instruções acerca da organização dos grupos, das atividades e do progresso de cada escuteiro. Este método é baseado nos “princípios da Educação Nova e pedagogias ativas” e assente no “jogo de *self-government*” com vista a promover a saúde física, moral e cívica (Vicente, 2004, p.217).

Após o sucesso do movimento junto dos jovens entre os 12 e os 17 anos, em 1914 é criada a 1.<sup>a</sup> secção para crianças (entre os 6 e os 9 anos de idade), tendo ficado a cargo de Vera Barclay. No sentido de existir uma orientação e uma coesão do movimento a nível mundial, em 1920 foi fundada a Organização Mundial do Movimento Escutista. Desde então, o movimento continuou a crescer e, atualmente, conta com mais de 40 milhões de escuteiros no mundo, pertencendo a várias associações e distribuídos por mais 200 países e territórios. Em Portugal, este movimento tem sido praticado desde 1912.

## **1.2. O movimento Escutista em Portugal**

O movimento escutista, existe formalmente em Portugal, desde 1913, com a criação da Associação dos Escoteiros de Portugal (AEP). Posteriormente, foram criadas outras organizações. Na Tabela 1 apresentamos as organizações escutistas que existem (ou existiram) em Portugal.

*Tabela 1*  
*Organizações Escutistas em Portugal*

<b>Organização</b>	<b>Ano</b>	<b>Fundador</b>	<b>Local</b>	<b>Fonte de divulgação</b>	<b>Religião</b>	<b>Situação atual</b>
Associação dos Escoteiros de Portugal	1912 (informal) 1913 (formal)	António Sá de Oliveira	Lisboa	O Escuteiro	Interconfessional	Em funcionamento
União de Aduaneiros de Portugal	1914 (informal) 1919 (formal)	Capitão Artur Barros Basto	Porto	O Aduaneiro	Cristã e Católica	Extinta em 1930
Corpo Nacional de Escutas <sup>1</sup>	1923 (formal)	Arcebispo D. Manuel Vieira de Matos e Dr. Avelino Gonçalves	Braga	A Flor de Lis	Igreja Católica	Em funcionamento
Associação de Guias de Portugal	1926(informal) 1934(formal)	Miss Denise E. Lester Maise Norton Palmira Ribatãmegia	Porto Funchal Lisboa	A Joaninha	Igreja Católica	Em funcionamento
Clube de Desbravadores	1925(informal) 1970 (formal)	Não especificado <sup>2</sup>	Lisboa	Não especificado	Igreja Adventista Do Sétimo	Em funcionamento
Associação de Guias e Escuteiros da Europa-Portugal	1979 (formal)	Não especificado <sup>3</sup>	Moimenta da Beira <sup>4</sup>	Alvorada	Igreja Católica	Em funcionamento
<i>Royal Rangers</i> – Portugal	1993 (formal)	Manuel Silva	Mafra	Não especificado	Assembleia de Deus	Em funcionamento

*Nota.* Adaptado de Vicente (2004)

<sup>1</sup>Inicialmente o CNE era denominado de Corpo de Scouts Católicos Portugueses (1923), mas devido a algumas críticas passou a denominar-se Corpo Nacional de Scouts, em 1925. Só a partir de 1934 é que esta organização passa a ter a designação atual (Vicente, 2004).

<sup>2</sup>Embora não tenhamos identificado o fundador, foi a Igreja Adventista do Sétimo Dia que trouxe a associação para Portugal.

<sup>3</sup>Embora não tenhamos identificado o fundador, Vicente (2004) diz-nos que a mesma nasceu “do encontro de elementos regionalistas, pacifistas e católicos conservadores, sob a bandeira comum do pró-europeísmo.” (p. 212)

<sup>4</sup>Este era o local da sede nacional portuguesa, o local de fundação não é referido.

Os dados da tabela permitem-nos evidenciar que a primeira organização escutista a ser criada em Portugal foi a Associação dos Escoteiros de Portugal (AEP), no ano de 1913, seguida da União de Aduaneiros de Portugal (UAP), que iniciou formalmente funções em 1919. Na década seguinte em 1923, é fundado o Corpo Nacional de Escutas (CNE) e, mais tarde, em 1934 surge a Associação de Guias de Portugal (AGP). Cerca de quarenta anos depois, em 1970 nasce o Clube dos Desbravadores (CD) e em 1979 a Associação de Guias e Escuteiros da Europa-Portugal (AGEEP). Por último, em 1993 funda-se a Royal Rangers Portugal (RR).

Relativamente aos fundadores, a AEP destaca-se por ter como fundador António Sá de Oliveira, reitor do Liceu Pedro Nunes, que detinha um vasto currículo na área da pedagogia. A UAP teve como fundador um militar do Exército Português, o Capitão Artur Barros Basto e o CNE caracteriza-se por ter tido dois fundadores, o Arcebispo D. Manuel Vieira e Matos, eclesiástico da Igreja Católica e o Dr. Avelino Gonçalves, como jovem impulsionador do movimento.<sup>5</sup>

No que diz respeito ao local de origem de cada uma das associações escutistas, verifica-se que foi na capital de portuguesa, que se formou a AEP e o CD. A UAP, o CNE e a AGEEP tiveram origem no norte do país, respetivamente, Porto, Braga e Moimenta da Beira. A RR fundou a sua associação em Mafra, na localidade do Livramento e a AGP foi a única associação que dispersou a sua fundação por 3 locais, nomeadamente, Funchal, Lisboa e Porto. (Vicente, 2004)

Em relação às fontes de divulgação de cada uma das associações, identificámos que a maioria delas as detém e que as mesmas são instrumentos como revistas ou jornais, sendo que “O Escuteiro” corresponde à AEP, “O Aduaneiro” à UAP, “A Flor de Lis” ao CNE, “A Joanelha” à AGP e a “Alvorada” à AGEEP. Acerca das fontes de divulgação do CD e do RR não existem dados se estas existem ou não.

Analisando a questão da religião, podemos verificar que a AEP se caracteriza por ser a única associação portuguesa que pratica o Escutismo sem vínculo religioso exclusivo, facultando a liberdade religiosa aos seus membros ao praticar um escutismo plural e interconfessional<sup>6</sup>. As restantes associações detêm parte confessional, sendo que a maioria delas professa a fé católica, como é o caso do CNE, AGP e AGEEP. A UAP compreendia a fé católica num dos seus grupos, sendo o segundo composto por cristãos reformados, detendo assim dois grupos confessionais.

---

<sup>5</sup> Não foi possível obter informação dos outros fundadores.

<sup>6</sup> Consultado em [www.escoteiros.pt](http://www.escoteiros.pt)

O CD surge no seio da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) e é através da disseminação das suas igrejas e missões que chega a Portugal. Já a RR constitui parte do Corpo Executivo das Assembleias de Deus, confessando a fé da igreja evangélica.

Atualmente mantém-se em funcionamento a AEP, a AGP, a AGEEP, os RR e o CNE, do qual falaremos de forma mais aprofundada.

### **1.3. O Corpo Nacional de Escutas**

Neste subcapítulo pretendemos caracterizar o Corpo Nacional de Escutas, uma vez que o nosso estudo incide sobre o papel desta organização na formação de crianças e jovens em relação às questões da Cidadania. Deste modo, começamos por realizar uma breve resenha histórica sobre a organização em Portugal, seguida da caracterização da sua missão, dos seus valores e da sua estrutura orgânica. Por fim, apresentamos o seu Projeto Educativo.

#### **1.3.1. Breve resenha histórica**

A 27 de maio de 1923 pelas mãos do Arcebispo D. Manuel Vieira de Matos e Dr. Avelino Gonçalves, em Braga, nasce o Corpo de Scouts Católicos Portugueses (CSCP), na sequência do Congresso Eucarístico Internacional em Roma (1922), em que ocorreu um desfile de 20.000 escuteiros (Reis, 2013). No entanto, a recém associação católica não era do agrado de todos, tendo sido criada num “ambiente político de animosidade antieclesiástica” (Vicente, 2004, p.230).

Joaquim Pereira Osório, opositor declarado da associação, criticava a legalização do CSCP, porque esta tinha como fim cativar a juventude para a igreja. Várias críticas se travaram, inclusivamente em relação ao Ministro do Interior, tendo sido acusado de ser o responsável desta ilegalidade, o que originou a que o CSCP encerrasse.

Em 1925, através de um novo decreto e com um novo nome - Corpo Nacional de Scouts (CNS) - a associação voltou a existir (Vicente, 2004), porque “deixou de estar explícita a obrigatoriedade de professar o catolicismo, as Juntas Diocesanas passam a designar-se Juntas Regionais, e é erradicado o artigo que colocava os scouts sob a autoridade da Santa Sé.” (Vicente, 2004, p. 230). Ainda assim, segundo Vicente (2004), reconhece-se na rede paroquial e diocesana o desenvolvimento da

associação, sendo que durante os seus primeiros 3 anos de vida ocorreu em Braga, Porto e Leiria e a partir de 1926 estendeu-se a Coimbra e Lisboa.

Em março de 1928, o CNS fixou com a AEP um acordo com vista à formação da Federação Escutista de Portugal (FEP), que permitiu o reconhecimento do CNS, pelo *Bureau* Mundial do Escutismo (Vicente, 2004). Aquela associação foi reconhecida pela Santa Sé, autorizando a celebração de missa campal em atividades escutistas e a confissão de jovens de dioceses diferentes da sua, considerando o movimento escutista como o canal ideal de captação e manutenção de fiéis juvenis (Vicente, 2004).

O crescimento do CNS, que assume a designação de CNE em 1934 e permanece até aos dias de hoje, sofreu algumas dificuldades, maioritariamente no período compreendido entre 1936 e 1942 (Vicente, 2004). Esta difícil etapa deveu-se, segundo Reis (2013), à formação da Mocidade Portuguesa (MP) que foi criada no sentido de coordenar as atividades juvenis, bem como as reformas dos Ministérios da Instrução Pública e da Educação Nacional, núcleos essenciais à educação do governo. Porém, e embora tenha ocorrido uma grande pressão para que as organizações escutistas portuguesas se extinguissem, elas conseguiram sobreviver.

A estratégia utilizada pelo governo para que o CNE cedesse à pressão foi procurar junto do Cardeal Patriarca de Lisboa, Manuel Gonçalves Cerejeira, que intervisse na previsível extinção. No entanto, o mesmo “não se mostrou de todo recetivo, defendendo de forma clara a especificidade e mais valia do trabalho dos escutas” (Vicente, 2004, p.233) por comparação à MP. Também ocorreram outros episódios de pressão tais como, convites de integração à MP a funcionários do governo e, simultaneamente, a dirigentes de cargos superiores no CNE (Vicente, 2004). Porém, estes convites foram recusados e consequentemente os funcionários foram despedidos ou colocados em espaço ultramarino. Segundo Vicente (2004) esta situação evidencia a visão do governo de considerar o CNE como associação concorrente à MP, considerando-o como um movimento que podia educar para uma visão diferente da estatal.

No entanto, em março de 1942 através da publicação do Decreto n.º 31908, o CNE passou a estar dependente da MP, tendo esta passado a ter “poderes de inspeção aleatória a qualquer grupo de escuteiros, bem como de irradicação de elementos considerados indesejáveis pelos graduados da organização estatal.” (Vicente, 2004, p. 234). Os anos perturbados do CNE só cessaram, definitivamente, após o 25 de Abril e

foi a partir dessa data que se iniciou o desenvolvimento da associação tal como ela é atualmente.

### **1.3.2. Caracterização do CNE: a organização do Movimento**

O CNE é uma associação de educação não-formal que visa a educação integral de crianças e jovens (entre os 6 e os 22 anos) de ambos os géneros, com base em voluntariado adulto. É um movimento da Igreja Católica de carácter não político e está em conformidade com as finalidades, princípios e métodos concebidos pelo Fundador do Escutismo – Lord Baden-Powell of Gilwell – e vigentes na Organização Mundial do Movimento Escutista<sup>7</sup>. Atualmente, existem três tipos de agrupamentos no CNE, nomeadamente: os escuteiros Terrestres, os escuteiros Marítimos e os escuteiros do Ar. Embora a organização das várias tipologias seja muito idêntica, existem algumas especificidades entre elas, quer em relação a algumas atividades quer em relação a designações<sup>8</sup>. Em relação à organização territorial do CNE, existe uma Junta Central, Juntas Regionais, Juntas de Núcleo e os Agrupamentos.

A Junta Central é composta por uma equipa executiva eleita e uma equipa fiscalizadora, o Conselho Fiscal e Jurisdicional. Sendo o órgão deliberativo o Conselho Nacional, este pode ser Plenário onde integra todos os dirigentes do CNE a nível nacional, ou de Representantes onde apenas se incluem os chefes de agrupamento de cada estrutura local. Apenas ao Conselho Nacional é negada a participação de caminheiros investidos.<sup>9</sup>

A Junta Regional é constituída por uma equipa de coordenação eleita e uma equipa de acompanhamento e fiscalização também eleita. Estas equipas necessitam de apresentar um plano e orçamento de atividades anual ao Conselho Regional (órgão deliberativo).<sup>10</sup>

Algumas regiões devido a sua extensa dimensão, têm uma estrutura intermédia denominada de Núcleo. Nesta estrutura existe Junta de Núcleo (eleita) e o Conselho de Núcleo.

---

<sup>7</sup> Consultado em [www.escutismo.pt](http://www.escutismo.pt).

<sup>8</sup> Existem diferenças nas designações das Unidades dos escuteiros Marítimos, eles realizam mais atividades aquáticas e possuem embarcações para esse mesmo fim. No caso dos escuteiros do Ar algumas das suas atividades são realizadas em ambientes aéreos e os seus dirigentes têm de possuir qualificações técnicas para este género de atividades.

<sup>9</sup> Consultado em [www.cne-escutismo.pt](http://www.cne-escutismo.pt)

<sup>10</sup> Consultado em [www.cne-escutismo.pt](http://www.cne-escutismo.pt)

O Agrupamento, base da estrutura do CNE, encontra-se integrado numa paróquia e na sua comunidade local. Cada agrupamento tem uma direção executiva e um conselho de agrupamento. A direção executiva é composta pelo chefe de agrupamento (cargo que passa por um processo de eleição) um adjunto e um tesoureiro. À direção executiva é obrigatória a apresentação do plano de atividades e relatório anual de contas em conselho de agrupamento, órgão deliberativo do agrupamento constituído por todos os dirigentes, noviços e/ou aspirantes a dirigentes, caminheiros investidos, assistente e coordenador da Comissão Permanente de Pais (caso exista).<sup>11</sup> O conselho de agrupamento é o órgão que aprova os documentos de gestão do agrupamento, nomeadamente, o plano e orçamento anual, relatório de contas, entre outros.

As estruturas organizacionais do CNE desenvolvem ações pedagógicas, sendo estas baseadas no Projeto Educativo do CNE.

### **1.3.3. O Projeto Educativo do CNE**

O CNE para desenvolver o crescimento pessoal e social das crianças e dos jovens sustenta a sua ação pedagógica no Projeto Educativo. O Projeto Educativo resulta da proposta educativa do CNE e das áreas de desenvolvimento, trilhos e objetivos educativos (CNE, 2011).

Para que seja possível atingir esta finalidade, existe no CNE um método constituído por elementos basilares à autoeducação progressiva de cada escuteiro, são eles, as 7 maravilhas do método. As 7 maravilhas do método são a Lei e Promessa, a Mística e Simbologia, a Vida na Natureza, o Aprender Fazendo, o Sistema de Patrulhas, o Progresso Pessoal e a Relação Educativa. De acordo com a faixa etária presente em cada secção, cada uma destas maravilhas deve ser adaptada tendo em conta o grau de maturidade, autonomia e responsabilidade de cada criança ou jovem. Para que seja possível compreender de que forma cada um destes elementos se materializa na educação dos escuteiros, procurámos esclarecer em que consiste cada um, bem como onde e como tem lugar na dinâmica das secções.

---

<sup>11</sup> Consultado em [www.cne-escutismo.pt](http://www.cne-escutismo.pt)

A **Lei e a Promessa** compõem o ideal do Escutismo, pelo que apresentam os valores pertencentes ao mesmo em toda a fraternidade mundial. Na Tabela 2 apresentamos os valores englobados em cada artigo da Lei.

Tabela 2  
*Valores englobados na Lei do Escuta*

<b>Lei do Escuta</b>	<b>Valores</b>
1.º A honra do Escuta inspira confiança.	Verdade, Confiança e Coerência
2.º O Escuta é leal.	Lealdade e Fidelidade
3.º O Escuta é útil e pratica diariamente uma boa ação	Altruísmo, Humildade, Serviço e Amor
4.º O Escuta é amigo de todos e irmão de todos os outros Escutas.	Amizade, Disponibilidade e Perdão
5.º O Escuta é delicado e respeitador	Respeito e Delicadeza
6.º O Escuta protege as plantas e os animais.	Responsabilidade, Contemplação e Proteção
7.º O Escuta é obediente.	Obediência, Disciplina e Humildade
8.º O Escuta tem sempre boa disposição de espírito.	Alegria, Otimismo e Esperança
9.º O Escuta é sóbrio, económico e respeitador do bem alheio.	Sobriedade, Economia e Honestidade
10.º O Escuta é puro nos pensamentos, nas palavras e nas ações.”	Pureza, Integridade e Renúncia

Nota: Retirado de CNE (2011)

A Promessa constitui o compromisso pessoal de adesão voluntária ao Movimento, de acordo com a Lei e Princípios da Associação, e permite unir todos os escuteiros do mundo. Esta decisão é tomada num cerimonial, junto de outros escuteiros e da comunidade envolvente. A admissão à Promessa carece aprovação por parte dos elementos da unidade que o elemento integra, bem como a superação de alguns objetivos propostos pelo grupo ao longo da sua caminhada inicial em cada secção. À Promessa estão associados alguns valores como a afirmação da Fé Católica, a Cidadania e a Missão (CNE, 2011).



Através da análise deste primeiro elemento do Projeto Educativo do CNE, compreendemos os valores que visam ser transmitidos às crianças e jovens que o integram, e que têm lugar não só no escutismo, mas em todos os restantes contextos da sua vida. A Lei e a Promessa constituem valores partilhados e vividos por todos os outros escuteiros a nível mundial, verificando-se uma dimensão de educação intercultural.

A **Mística e Simbologia** são o ambiente que envolve cada secção e que se traduz em espírito e linguagem própria, induzindo a um sentimento de pertença ao grupo e à transmissão de valores. Mais concretamente, a Mística constitui a dimensão da fé em cada uma das secções, ou seja, o enquadramento e vivência espiritual para a descoberta de Deus. A cada secção está destinado um patrono (Santo ou Beato da Igreja Católica) e vários Modelos de Vida (Figuras da Igreja Católica) e Grandes Figuras (Personalidades da História da Humanidade) com o fim de estimular à vivência de uma Mística mais rica. A Simbologia caracteriza-se por ser um conjunto de símbolos representativos do ideal proposto a cada secção, procurando uni-los àquela realidade (CNE, 2011).

Este elemento educativo do CNE, Mística e Simbologia, permite-nos verificar a materialização do cunho católico na Associação, sendo este o elemento que liga toda a dinâmica escutista à Igreja Católica.

A **Vida na Natureza** constitui o ambiente privilegiado para o desenvolvimento de atividades escutistas, permitindo às crianças e jovens o contacto com a vida saudável e o ar livre. Para o CNE (2011), o contacto com a Natureza pode ser compreendido como: um laboratório, na medida em que permite tomar consciência do valor do planeta onde vivemos e a aprendizagem do respeito para com ele; um clube onde se aprendem regras sociais e o confronto com os próprios limites; e também como um templo, onde se pode experienciar a ligação com Deus e consigo próprio.

Este é o elemento educativo que distingue o Escutismo como contexto de educação não formal dos demais, uma vez que o ambiente privilegiado para a execução das atividades é a Natureza e não um espaço fechado. Este contacto com a Natureza que o CNE privilegia, denota uma preocupação com a educação ambiental dos seus associados. Através deste contacto, permite às crianças e jovens sentirem-se parte integrante do ambiente e, conseqüentemente, a compreenderem a importância de cuidar da casa comum, que é o mundo.

O **Aprender Fazendo** caracteriza-se pela educação através da ação, tornando a aprendizagem um processo dinâmico e ativo onde as crianças e jovens são atores do seu próprio desenvolvimento, através do jogo escutista. Este jogo materializa-se na realização de projetos em que as crianças e jovens de cada uma das secções, por grupos (bandos, patrulhas, equipas e tribos) são desafiados a elaborarem e executarem projetos a partir de um determinado objetivo. Estes projetos podem compreender vários tipos de atividades (reuniões, jogos, acampamentos, raides, ateliês, etc.) e ter uma duração variável, o que permite que seja possível elaborar vários projetos durante o ano (CNE, 2011).

Os projetos escutistas são estruturados em 4 fases: escolha, preparação, realização e avaliação. Na primeira fase, a escolha, existe um conjunto de passos que devem ser respeitados, são eles a conceção do projeto que é feita primeiramente de forma individual, e depois, realizada em grupo, através da discussão e da troca de ideias, transformando-se então em algo coletivo. De seguida é realizada a apresentação de cada uma das propostas a todos os elementos da secção, e posteriormente procede-se à escolha, sendo esta realizada por todos. A segunda fase é a preparação onde se enriquece o projeto vencedor. Cada grupo propõe melhorias ao mesmo e todas as propostas são levadas ao conselho de guias, onde também a equipa de animação tem voz. Posto isto, procede-se à organização e ao planeamento das atividades. A terceira fase corresponde à realização, onde as atividades se concretizam, se materializam, por exemplo: o raide, o acampamento ou o voluntariado. Por último, ocorre a avaliação onde se identificam os aspetos positivos do projeto e o que devia ser melhorado, sendo numa primeira fase realizada individualmente, de seguida em grupo e posteriormente em unidade. Por fim, ainda nesta fase, realiza-se a celebração, onde se comemora a vitória alcançada.<sup>12</sup>

Ao identificarmos que são, efetivamente, os escuteiros os responsáveis pelo seu processo educativo, e que não o fazem apenas de forma individual, é evidente que o movimento promove a cooperação entre os pares, a responsabilidade das crianças e dos jovens e a participação ativa de cada elemento. Sendo esta uma das bases de trabalho do CNE, o trabalho em secções onde cada escuteiro tem voz ativa na escolha e desenvolvimento do projeto pessoal e da unidade, evidência a importância do movimento na educação para a cidadania, tal como é referido por Powell (2011) “A

---

<sup>12</sup> Consultado em [www.escutismo.pt](http://www.escutismo.pt)

orgânica ensina os rapazes a colaborarem juntos e unidos em equipa. Assegura o esforço cooperativo para um fim comum; isto é processo democrático em si e por si...” (p.32). Deste modo, e tal como defende Garcia (2015) a educação para a cidadania implica o desenvolvimento de projetos multidisciplinares, que promovam a tomada de consciência e a participação das crianças, que incentivem à colaboração e solidariedade, ao respeito pela diferença e à defesa de interesses comuns.

No **Sistema de Patrulhas** o CNE organiza os seus grupos por idades, seguindo assim as orientações dadas por Baden-Powell. Existem as seguintes secções: I.<sup>a</sup> Secção (Alcateia) – Lobitos, que integra crianças entre os 6 e os 10 anos; II.<sup>a</sup> Secção (Expedição) – Exploradores, que integra crianças entre os 10 e os 14 anos; III.<sup>a</sup> Secção (Comunidade) – Pioneiros, onde se incluem jovens dos 14 aos 18 anos e a IV.<sup>a</sup> Secção (Clã) – Caminheiros, que integram jovens dos 18 aos 22 anos. Cada secção está organizada por 2 a 5 grupos (com exceção dos caminheiros) - bandos, patrulhas, equipas e tribos – constituído por 5 a 8 elementos de ambos os géneros.

Dentro de cada grupo, cada um dos elementos tem funções distintas, nomeadamente o guia, que é escolhido pelos elementos do grupo, a quem cabe a responsabilidade de gerir o grupo e representar o mesmo nos conselhos; o sub-guia que ajuda o guia a liderar o grupo; o tesoureiro que gere o dinheiro do grupo, mantém atualizados todos os registos de despesas e proveitos do mesmo, faz os orçamentos das atividades e planeia campanhas de angariações de fundo; o intendente que planeia e confeciona as refeições para o grupo; o guarda-material que é o responsável pelo material do grupo, prepara o material necessário para cada atividade e zela pela sua manutenção e conservação; o socorrista que é o responsável pela farmácia do grupo, devendo prestar os primeiros socorros em caso de acidente em atividades; o animador, que é o responsável por manter as tradições do grupo coordenando cerimónias e rituais do mesmo, prepara animações para as atividades (jogos, dramatizações, danças); e o relações públicas que é o responsável pela comunicação e imagem do grupo, fornece informações acerca do mesmo ao exterior (*site* de agrupamento, correio eletrónico, redes sociais).<sup>13</sup>

Dentro de cada secção existem também vários órgãos deliberativos, nomeadamente o Conselho de Guias, o Conselho de Unidade e o Conselho de Lei. O Conselho de Guias é composto pelos guias e sub-guias de cada bando, patrulha,

---

<sup>13</sup> Consultado em [www.escutismo.pt](http://www.escutismo.pt)

equipa ou tribo, pelo Chefe de Unidade, pelo Chefe de Unidade Adjunto e pelo Assistente de Agrupamento. Este conselho caracteriza-se por ser o órgão onde se tratam assuntos de gestão da unidade, onde se discute e valida o progresso dos elementos, entre outros. O Conselho de Unidade que existe em cada uma das secções, é composto pelo Chefe de Unidade, pelo Chefe de Unidade Adjunto, pelo Assistente de Agrupamento, pela restante equipa de animação e por todos os elementos da secção, sendo o seu objetivo avaliar o funcionamento e os projetos da unidade, entre outros. Ao Conselho de Lei compete o tratamento de casos disciplinares com reconhecida gravidade, sendo este composto por toda a Equipa de Animação da Unidade, guias e elementos implicados no caso a tratar (CNE, 2011). Nestes Conselhos, dependendo da secção, são deliberadas questões como a admissão à Promessa, sendo que, no caso dos lobitos, exploradores e pioneiros, esta decisão cabe à Equipa de Animação ainda que seja ouvida a opinião do Conselho de Guias. Aquando a Promessa de caminheiro, esta carece de deliberação do Conselho de Clã (Regulamento Geral do CNE, nº 59, 1997).

Através do Sistema de Patrulhas verificamos a existência de dinâmicas de participação efetivas através da oportunidade dada a cada criança e jovem de encontrar o seu lugar no grupo, de dar a sua opinião e destas serem tidas em conta tomando parte nas decisões da unidade. Relativamente à democracia, também ela é evidente em todas as dinâmicas do sistema de patrulhas, desde a eleição do guia, passando pela distribuição dos cargos, à votação de projetos e à participação nas decisões da vida da unidade.

O **Sistema de Progresso** procura desenvolver conhecimentos, competências e atitudes em cada escuteiro, pelo que se encontra adaptado a cada faixa etária, pois pretende “envolver - de forma consciente – cada criança e jovem no seu próprio desenvolvimento, é a principal ferramenta de suporte à progressão pessoal, assentando numa perspetiva personalista, considerando as características individuais de cada um, e baseando-se num conjunto de objetivos educativos.”<sup>14</sup>

O Sistema de Progresso contempla seis áreas de desenvolvimento, são elas: Afetiva, Social, Intelectual, Física, Caráter e Espiritual. Cada uma delas está dividida por competências a desenvolver, designadas de trilhos, que se mantêm ao longo de todo o percurso escutista. Por fim, estão subdivididos em objetivos educativos, que

---

<sup>14</sup> Consultado em [www.escutismo.pt](http://www.escutismo.pt)

permitem aos escuteiros atingirem o trilho a que se propuseram. Na tabela 3 apresenta-se o Sistema de Progresso geral, que inclui todas as secções.

Tabela 3  
*Sistema de Progresso do Corpo Nacional de Escutas*

Área	Perspetiva Educativa	Trilho
Afetiva	Os sentimentos e as emoções	Relacionamento e Sensibilidade
		Equilíbrio Emocional
		Autoestima
Social	A integração Social	Exercer ativamente cidadania
		Solidariedade e tolerância
		Integração e cooperação
Intelectual	A inteligência	Procura do conhecimento
		Resolução de problemas
		Criatividade e Expressão
Físico	O corpo	Desempenho
		Autoconhecimento
		Bem-estar físico
Caráter	A atitude	Autonomia
		Responsabilidade
		Coerência
Espiritual	O sentido de Deus	Descoberta
		Aprofundamento
		Serviço

*Nota:* Retirado de CNE (2011)

Verificamos que o Sistema de Progresso procura abranger todas as dimensões da vida do jovem, as designadas áreas, sendo que a cada uma delas corresponde uma perspetiva educativa que se espera desenvolver. Estas encontram-se divididas por 3 trilhos cada uma, que são as competências a desenvolver e são designados da mesma forma para todas as secções.<sup>15</sup> Desta forma, compreendemos que os valores que o escutismo pretende desenvolver acontecem ao longo de todo o percurso do escuteiro, de forma progressiva.<sup>16</sup> Verificando-se uma perspetiva de evolução em todas as áreas de desenvolvimento do escuteiro, para que no término do seu percurso escutista o jovem integre a vida adulta consciente das suas responsabilidades e do seu papel na comunidade.

Este sistema é individual uma vez que é escolha pessoal de cada escuteiro, o trilho que prefere desenvolver dentro de cada área. Embora seja também um processo

---

<sup>15</sup> Consultado em [www.escutismo.pt](http://www.escutismo.pt)

<sup>16</sup> Consultado em [www.cne-escutismo.pt](http://www.cne-escutismo.pt)

de grupo, visto que para além da autoavaliação necessária para a validação de cada trilha é necessário que o guia e a Equipa de Animação validem as oportunidades educativas que o elemento diz ter atingido<sup>17</sup>, tal é possível de mensurar através da vivência em grupo e do conhecimento individual de cada escuteiro.

Destaca-se a preocupação por parte do CNE em desenvolver cidadãos conscientes dos seus direitos e deveres na sociedade, através da existência de exclusivamente uma área, a Social, para o desenvolvimento de competências cidadãs. Embora também as outras áreas o façam mais indiretamente.

Compreendemos assim, que a base do Sistema de Progresso Escutista está na transformação pessoal dos escuteiros, ou seja, ao CNE não interessa apenas que os seus associados adquiram competências exclusivamente escutistas, como construir uma mesa em madeira ou aprender um nó de ligação, mas que desenvolvam capacidades, comportamentos e atitudes.

Por último, a sétima maravilha do método escutista, a **relação educativa** jovem/adulto caracteriza-se pelo voluntariado adulto que garante e regula o funcionamento dos restantes elementos citados. Ou seja, o dirigente no CNE é o adulto que assume o compromisso pessoal e voluntário de trabalhar no Projeto Educativo enquanto educador. Assim, estão-lhe conferidas algumas funções como a animação e motivação do grupo, compreensão e controlo do risco inerentes às atividades, implementação e avaliação de atividades e estabelecimento de uma relação educativa com os elementos.

Esta relação educativa baseia-se em quatro pressupostos, sendo o primeiro o exemplo, onde o dirigente deve compreender que é olhado como um exemplo a seguir e é influência para os seus elementos, por isso necessita ter comportamentos adequados aos valores do CNE. Em segundo lugar, o estilo de animação onde se espera que o dirigente garanta aos elementos espaço de liberdade e iniciativa. Em terceiro, a promoção da autonomia que deve realizar-se consoante a faixa etária e a maturidade de cada elemento. Por último, a animação da vida da Unidade, ou seja, a garantia do cumprimento dos objetivos propostos, através de oportunidades educativas, acautelando a segurança dos elementos.

O dirigente do CNE, tal como BP (2011) o idealizou, caracteriza-se por ser moderador ou guia não sendo o elemento principal na tomada de decisões, pelo que

compreende-se a possibilidade da vivência da autonomia, da liberdade de escolha dos projetos sem a reprovação, muitas vezes praticada pelo adulto responsável.

Posto isto, reconhece-se em cada agrupamento, um local onde cada criança e jovem pode experimentar a cidadania, o que Garcia (2015) afirma como ser praticamente um direito: cada criança ou jovem “deve poder encontrar nos seus contextos de aprendizagem espaços de construção da sua cidadania, onde adquira consciência da sua responsabilidade, da realidade que a rodeia, dos seus direitos e direitos humanos em geral.” (p.55). Sabendo também que “a cidadania é a relação do sujeito com a comunidade que o envolve e com o Estado.” (Garcia, 2015, p.54) é indispensável que se criem espaços de prática cidadã na comunidade, como o escutismo, para que, mais tarde, o exercício da cidadania seja possível a um nível superior.

#### **1.4. O Escutismo na agenda investigativa**

Em Portugal, a entrada do escutismo como objeto de estudo na agenda investigativa é muito recente. Num trabalho realizado por Vicente (2004), a autora evidencia a investigação produzida sobre o Escutismo, em vários países, até ao ano de 2002. França foi o país onde identificou mais investigações sobre o escutismo, desde 1981 até 2002 Vicente (2004) mapeou cento e cinquenta investigações das quais, 61 são sobre o escutismo católico, 19 do escutismo francês de forma geral e 14 acerca do escutismo feminino e sub-temas decorrentes. As restantes investigações incidiram sobre outros movimentos escutistas (p.e., o escutismo laico judaico, entre outros).

Ainda neste trabalho, a autora identificou 30 trabalhos desenvolvidos em Espanha, 20 trabalhos na Bélgica e outros 20 em Itália. Também identificou outros trabalhos produzidos em Inglaterra, Canadá e Alemanha (Vivente, 2004).

No que diz respeito a Portugal, até 2002, a autora identificou que tinham sido realizados apenas três trabalhos académicos, no âmbito das Ciências da Educação e na dimensão programática do movimento. O primeiro foi o de Carla Mira (1991) que no seu trabalho final de licenciatura aborda o processo de sociabilização no escutismo, atendendo ao sistema de patrulhas. De seguida, António José Santos (s/d) desenvolveu um resumo sobre jogo escutista como potenciador do relacionamento intergeracional, culminando o seu projeto de licenciatura na formação de um

agrupamento local do CNE. E em terceiro, José Carlos Novais Lima (2000) realizou na sua tese de mestrado uma investigação acerca da metodologia escutista do CNE, dando enfoque ao papel do jogo escutista na autoeducação dos jovens. Relativamente a artigos científicos, a autora identificou dois da autoria de Paulo Fontes (1997 e 2000) que visaram desenvolver a perspetiva histórica do movimento escutista em Portugal.

Tendo como ponto de partida o ano de 2002, realizámos uma pesquisa sobre a investigação produzida acerca do escutismo e identificámos alguns trabalhos académicos e artigos científicos, os quais passaremos a apresentar:

- A tese de doutoramento de José Augusto Palhares (2004) que tem como objetivo compreender os percursos dos jovens em contexto de educação não escolar, no âmbito do movimento escutista católico. O autor procurou compreender quais as condições de vida dos jovens portugueses, quais os contextos de educação não formal existentes e suas dinâmicas educativas, dando especial enfoque ao Escutismo Católico. Aplicando como metodologia um inquérito por questionário a caminheiros que participaram no acampamento nacional de 2001. Destacam-se algumas conclusões como a centralidade do movimento escutista na vida dos jovens tendo em conta a sua importância nos contextos ético moral e relacional; a função da escola ser predominantemente instrutiva enquanto o modelo educativo e pedagógico do CNE é mais rico na transmissão de valores; e ainda a importância do escutismo na aprendizagem e vivência efetiva da democracia (Palhares, 2004).

- A dissertação de mestrado de Sandra Granja (2007) onde a autora desenvolveu um estudo cujo objetivo é compreender se a pedagogia escutista teria adequabilidade enquanto complemento à educação escolar. Desenvolveu o estudo com base na compreensão do Escutismo Católico, o CNE, tendo em conta os pilares estruturais para a educação no séc. XXI definidos pela UNESCO, de acordo com o Modelo da Escola Nova. Pelo que, a metodologia seguida foi a análise comparativa da pedagogia escutista e dos pilares da Educação definidos pela UNESCO. Concluiu o estudo enfatizando o trabalho positivo desenvolvido através da metodologia escutista, alertando para o facto de a escola necessitar de se reinventar e sugeriu que isto pudesse ser feito à luz do modelo pedagógico do CNE. Propôs que existisse mais tempo para o jogo para que através dele as crianças aprendessem a socializar e a cumprir regras; que se fomentasse a autonomia através de debates em grupo onde todos davam a sua opinião e tomavam decisões; e que se procurasse que as crianças saiam mais das salas de aula, recorrendo à vida da natureza como no Escutismo.



- A dissertação de mestrado de Olga Cunha (2008), na área da Psicologia da Saúde, tinha como objetivo compreender qual o trabalho realizado no CNE ao nível da educação sexual. Procurou contextualizar historicamente a sexualidade, compreender as atitudes face à mesma e deu especial ênfase à sexualidade na adolescência, as suas características e atitudes associadas. A metodologia seguida foi o focus group realizado com Dirigentes investidos, onde se geraram vários debates sobre a temática nomeadamente: a perceção da adolescência, a relação jovem-dirigente, a educação sexual dos adolescentes e o CNE e a educação sexual. A partir da análise realizada a autora evidenciou a falta de formação acerca desta temática para os Dirigentes e o escasso investimento na educação sexual dos jovens escuteiros.

- A dissertação de Paulo Oliveira (2010), cujo objetivo era caracterizar o Movimento Escutista nas suas componentes educativas e localizá-lo nos quadros dos movimentos de educação não-escolar. Para isso, realizou o levantamento das causas socioculturais que proporcionaram o surgimento do Escutismo, bem como analisou a vida do fundador e a sua relação com os principais fundamentos do Movimento Escutista. A metodologia seguida foi a descrição histórica do Movimento Escutista desde a sua origem até então e a caracterização dos desafios na área da Educação no século XXI. Concluiu que o Movimento tem uma sólida identidade pedagógica, que se destaca enquanto movimento associativo e que a sua proposta educativa é determinadamente moderna, tendo lugar na presente era.

- A dissertação de mestrado de Mirna Bernardo (2013) acerca da significação atribuída pelos jovens aos espaços de lazer, nomeadamente nos escuteiros, teve como objetivo compreender se o desenvolvimento educativo/formativo de cada jovem é influenciado pelo escutismo. Recorrendo à técnica de focus group e conversas informais com pioneiros e caminheiros, concluiu que o contributo do Escutismo acontece essencialmente na formação do ser e do saber dos jovens, bem como na construção de uma consciência ambiental.

Em relação aos artigos científicos na temática do Escutismo, identificámos os seguintes:

- Joaquim Pintassilgo e Ana Clara Nery (2007) são autores do artigo “As Práticas Educativas do Escutismo numa perspetiva comparada. O debate no campo pedagógico, em Portugal e no Brasil, nos anos 10 e 20 do Séc. XX”, cujo objetivo era compreender a prática Escutista nos dois países. Assim sendo, a metodologia adotada foi a análise comparativa da prática do movimento em Portugal e no Brasil. A partir dos

dados eles concluíram que: existe um desenvolvimento notável em ambos os países entre os anos compreendidos no estudo; existem importantes diferenças nos dois contextos, como é o caso do militarismo dos grupos escuteiros que se verifica ainda no Brasil.

- José Augusto Palhares, em 2008, publica um artigo na Revista “Educação Sociedade e Culturas”, onde reflete acerca da influência que cada contexto (formal e não formal) da vida dos jovens tem na construção da cidadania e subjetividade juvenil. Neste artigo mobilizou alguns dos dados da investigação recolhida no âmbito da sua tese de doutoramento e debateu-os criticamente.

- Em 2009, José Augusto Palhares apresenta uma comunicação no Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais em Braga e redigiu um texto que foi publicado no livro de Atas. Neste artigo o autor compara as respostas do inquérito por questionário aplicado em 2001 e em 2007, aplicados numa atividade nacional de caminheiros do CNE. Neste trabalho o autor verificou que as representações dos jovens, acerca do Escutismo Católico, se mantiveram e que os espaços de sociabilização e educação não se confinam apenas à escola e à família, alargam-se também a contextos de educação não formal.



## **CAPÍTULO 2 – EDUCAÇÃO SOCIAL E ESCUTISMO**

Neste capítulo pretende-se enquadrar teoricamente o Escutismo enquanto promotor de Educação Social, Educação Não Formal, Educação para a Cidadania, para a Participação, e Voluntariado.

Tendo em conta que a Educação Social se entende, segundo Ortega (1999), como um conjunto de metodologias que estimula a mudanças das condições educativas da cultura, da vida social e dos seus indivíduos, é cada vez mais pertinente refletir, tendo em conta todas as transformações que ocorrem nas sociedades contemporâneas, sobre que tempos e espaços de lazer as crianças e jovens se sentem mais atraídos a frequentar e a pertencer. Como refere Costa (2001) “qualquer indivíduo pertence, simultaneamente, a vários grupos que o definem culturalmente de forma distinta na medida em que cada uma das situações de pertença modelam e estruturam práticas sociais” (p.67) assim, quando um(a) jovem escolhe ser escuteiro/a, o seu desenvolvimento educativo e formativo passa a ser influenciado por este contexto de socialização, onde se concretiza uma aprendizagem social de Educação Não Formal, num processo educativo e contínuo de socialização e participação no desenvolvimento da cidadania.

Este capítulo encontra-se estruturado em quatro pontos. No primeiro ponto realizamos uma abordagem à Educação Social e a Pedagogia Social. No segundo realizamos um enquadramento à Cidadania e Participação. De seguida, no terceiro ponto abordamos a Educação Não Formal e no quarto o Voluntariado, realizando sempre um paralelismo com as vivências, organização e modelo educativo do CNE.

### **2.1. Definição de Educação Social / Pedagogia Social**

A origem da Educação Social remete-se à industrialização e aos problemas de desigualdade social que dela decorreram, onde era necessário gerar respostas inovadoras a problemas de uma sociedade cada vez mais complexa (Correia, Martins, Azevedo & Delgado, 2014). Assim, segundo Azevedo e Correia (2013), o trabalho social tem-se alterado, passando de uma postura assistencialista de emergência e caridade, para uma postura de promoção da autonomia, do empoderamento e da emancipação do indivíduo. É nesta nova abordagem sobre o trabalho social que o trabalho de um educador social deve assentar.

Para Ortega (citado por Correia, Martins, Azevedo e Delgado, 2014) a educação social é entendida “como uma progressiva e contínua configuração do indivíduo para alcançar o seu desenvolvimento e autonomia pessoal e conseguir a sua participação na sociedade”. (p.119)

Por outro lado, para Martins (2013) “a educação social é o produto do processo de sociabilização equivalente ao conjunto de habilidades sociais desenvolvidas por aprendizagens diversificadas, que capacitam o indivíduo para se integrar e conviver na comunidade.” (p.18) De forma mais específica, Martins (2013) caracteriza a educação social como a

educação na sociedade, como transmissão dos valores educativos e culturais próprios de uma comunidade; influência da sociedade no indivíduo e influência política para a vida social do indivíduo (aquisição de competências sociais); e, ainda, como ação educadora da sociedade e de socialização do indivíduo; como adaptação, prevenção e controlo social; como trabalho social educativo (apoio educativo) a pessoas e grupo que configuram a sociedade; (p.9).

Destacamos assim, o papel pedagógico do educador social, cuja ação “parte essencialmente das relações construídas com os outros sujeitos” (Timóteo & Bertão, 2012) com características que tem por referência a Pedagogia Social.

A Pedagogia Social surge pela primeira vez em 2001 com Natorp que defende que o homem só existe na comunidade, e é esta que lhe permite o progresso. Pelo que, só faz sentido se a pedagogia for social, isto é, o homem em todas as suas dimensões apresenta-se como um ser social, inserido numa comunidade e é através dela que se desenvolve. “A Pedagogia Social é mais do que uma estratégia ou disciplina: é o saber matricial dos educadores sociais.” (Azevedo e Correia, 2013, p.8) Deve, por isso, ser encarada como uma disciplina científica que fundamenta as práticas dos educadores sociais, promovendo a educação de todos através de uma relação pedagógica pelo respeito pelo outro, segundo as suas ambições, condições de vida e interesses (Azevedo & Correia, 2013). A Pedagogia Social e a Educação Social estão ligadas, uma vez que confluem a teoria e a prática.

Segundo Correia, Martins, Azevedo e Delgado (2014) a Pedagogia Social assegura as bases de atuação da Educação Social, dando-lhe conhecimento, metodologias e técnicas que permitem aos educadores sociais promoverem a educação de todas as pessoas porque “As intervenções dos educadores sociais só

serão eficientes se existirem teorias e modelos que sustentem a ação.” (Correia, Martins, Azevedo & Delgado, 2014, p. 118).

A metodologia da Educação Social é baseada na participação ativa e consciencializada dos indivíduos no seu próprio desenvolvimento e no desenvolvimento da comunidade onde se inserem (Correia et al., 2014), o que nos leva à ideia de Cidadania uma vez que é dada a oportunidade de praticar o direito e a responsabilidade de participar em assuntos da comunidade.

## **2.2. Definição de Cidadania e Participação**

Definir Cidadania não é tarefa fácil considerando que a Cidadania é um saber que abrange conhecimentos, valores, atitudes e não são entendidos por todos da mesma forma. A aprendizagem e vivência da cidadania dependem do país onde nascemos, da nossa cultura e religião, bem como de uma identidade familiar que herdamos dos nossos pais. No entanto, é evidente que muitos dos autores que se debruçam acerca do tema da Cidadania, abordam-na a partir de diferentes perspetivas e dimensões, nomeadamente: política, social, cultural, entres outras.

Maia e Soares (2004) definem a Cidadania a partir da sua dimensão política. Para estes autores a Cidadania

consiste na pertença juridicamente reconhecida a uma comunidade política e não depende de pertenças individuais tais como língua, religião, etnia, classe económica visto tratar-se de um estatuto jurídico-político. A cidadania confere direitos, liberdades e garantias e tem deveres estipulados e responsabilidades cívicas<sup>18</sup>.

Para Amorim (2009) o conceito de Cidadania deve ser compreendido através da sua dimensão cultural:

Direito à cidadania, em âmbito cultural, remete à participação nos bens de cultura como um direito como os demais – reconhecimento, inclusive, de minorias – seja de criação, seja de acesso (amplo, efetivo) a bens culturais, seja na preservação de patrimónios culturais (materiais ou imateriais), além do reconhecimento a todas as culturas com igual valor (multiculturalismo – valor à igualdade e diversidade) (p.18).

---

<sup>18</sup> O documento consultado não está paginado.

Já Rodrigues (2003), define a Cidadania através da sua dimensão comunitária/social, considerando que:

A cidadania implica o conhecimento dos direitos e das garantias, bem como a sua efetivação, a incumbência de enquanto cidadão velar pela garantia dos direitos de todos, participando política e socialmente. O desafio de uma nova ordem social radicar-se-á na revalorização da solidariedade, como princípio orientador da existência em comunidade, valor que permite abarcar, reunir e consolidar a diversidade (p.21).

Gonçalves (2007) diz-nos também que a Cidadania é “um conjunto de posturas a desenvolver/estimular” (p. 270), visto que não é algo inato ao ser humano necessita de ser ensinada, assim é impreterível que o seu método de instrução implique “a aprendizagem experimental, a discussão de questões sociais e políticas bem como a aprendizagem formal e ensinada” (Crick, 2000, p.106).

Relaciona-se Cidadania à ideia de liberdade própria de cada indivíduo, bem como, à responsabilidade do mesmo para consigo e para com a sociedade em que está inserido. Esta consciência, sintetiza-se no saber de que todos temos direitos e deveres e por isso a necessidade de respeitarmos os direitos dos outros que nos rodeiam.

À Cidadania são confiados valores fundamentais como “o respeito, solidariedade, tolerância, paz” (Granja, 2007, p. 79), para que cada indivíduo aprenda a viver com as suas diferenças e as dos outros, beneficiando da diversidade humana, numa perspetiva de ajudar a comunidade e a resolver os seus problemas, para melhor viver em sociedade.

Para que tal aconteça é essencial transmitir a importância e trabalhar, desde as primeiras fases da educação do indivíduo, o valor da Cidadania e o que a mesma implica, ao longo da vida fazendo de cada sujeito um cidadão livre e responsável numa perspetiva de “Ser respeitado respeitando os outros, aprender a conviver, com as diferenças, de saber ouvir e exprimir-se livremente, incentivar o diálogo, a autonomia e a responsabilidade” (Granja, 2007, p.80). Estes “princípios” são essenciais para que as crianças e os jovens possam exercer a Cidadania. No entanto, só será possível o exercício da cidadania se se proporcionarem às crianças e aos jovens, espaços propícios ao seu desenvolvimento educativo, que tenham “sempre

presente que é necessário educar na cidadania pela cidadania, ou seja, para a liberdade pela liberdade e com responsabilidade” (Figueiredo, 1999, p.88).

Para Garcia (2015), a Cidadania e a Participação são conceitos que caminham lado a lado quando pretendemos abordar temas como a intervenção, a transformação social e o empoderamento dos indivíduos, uma vez que a participação pode ser vista como “um caminho para a concretização da cidadania e afirmação das identidades e das diferenças” (Vieira, 2015, p.15), pois quando cada um expressa o seu ponto de vista sobre determinado tema, está a fazê-lo em conformidade com as suas convicções, os seus princípios e valores.

Na perspectiva da participação infantil, a participação “significa influir diretamente nas decisões e no processo em que a negociação e a concertação entre adultos e crianças são fundamentais, um processo que possa integrar tanto as divergências como as convergências relativamente aos objetivos pretendidos e que resultam num processo híbrido.” (Tomás & Gama, 2011, p. 3). Compreendemos assim, que na promoção da participação infantil no processo educativo não deve haver lugar para imposições sendo este um processo levado a cabo através do diálogo e da negociação.

É neste sentido, e tal como defende Azevedo (2015) “a educação para a cidadania, enquanto processo educativo, e tendo por base os direitos humanos, e valores de igualdade, da democracia e da justiça social, contribui para o desenvolvimento de capacidades como a responsabilidade, a autonomia e a solidariedade.” (p.28). Deste modo, a educação para a cidadania deve ser contemplada em todos os contextos educativos e não ser levada para segundo plano, uma vez que a criança ou jovem só poderá ser um cidadão completo e útil na sua comunidade se tiver consciência do seu papel na sociedade, se for autónomo e responsável.

Assim, se se procurar educar pela cidadania deve dar-se aos jovens (e às crianças) “vez, voz e voto” e “uma ênfase na construção do homem como ator social e não como sujeito passivo que deve, simplesmente, consumir um conhecimento intelectual linearizado.” (Lima, 2010, p.216).

A atribuição das responsabilidades, o trabalho em equipa, a cooperação e o serviço ao próximo conferem ao escutismo um papel importante no que toca à experimentação de valores de democracia, justiça e cidadania. Esta questão é bem evidente na finalidade de formação do escutismo que visa



melhorar o nível dos nossos futuros cidadãos, especialmente no que diz respeito ao carácter e à saúde; substituir o egoísmo pelo serviço, tornar os moços individualmente capazes, moral e fisicamente, com o fim de aproveitar essa capacidade para servir os seus semelhantes (Powell, 2011, p.33).

A partir da mesma finalidade, o escutismo pretende que os indivíduos se sintam realizados e que desempenhem um papel construtivo na sociedade, proporcionando a capacidade da tomada das próprias decisões e de assumir responsabilidades. Desta forma, reconhecemos que a finalidade do escutismo se encontra com o seguinte conceito de cidadania: “cidadania é ter direitos, é poder agir, participar e intervir livremente na comunidade a que se pertence e onde se é reconhecido como cidadão/cidadã (Marshall, 1967, citado por Garcia 2015, p.54). É possível verificá-lo também através da finalidade do Escutismo, descrita por Powell (2011), “é pegar no carácter do jovem na fase em que o entusiasmo está aquecido ao rubro, forjá-lo devidamente e promover e desenvolver a sua individualidade – de modo que o jovem se possa educar a si mesmo – para se tornar um homem recto e cidadão prestável para o seu país.” (p.101). Tal ideia é também corroborada por Martins (1991) quando se refere que

Os jovens cidadãos têm de conquistar por si o direito ao protagonismo na sociedade em que se encontram – enquanto esta lhes deve criar, como a todos os cidadãos, condições de igualdade de oportunidades, capazes de darem sentido útil à igual consideração e respeito devido a todos. (p.123).

A Educação para a Cidadania é trabalhada em todos os universos educativos, sejam eles de Educação Formal – nas escolas; de Educação Informal – relações familiares, amigos ou conhecidos; ou de Educação Não Formal – associações, grupos de trabalho. Trabalhar as questões da cidadania nos vários universos educativos é crucial, uma vez que embora seja “inegável o reconhecimento de que a educação e a aquisição de conhecimentos são fundamentais para a construção da cidadania com valor ético-político, mas também é verdadeiro que a escola sozinha não tem condições de traduzir as mudanças substantivas e estruturais que se desejam.” (Oliveira & Lima,

2012, s/p) <sup>19</sup>, existem outras organizações com um papel importante na Educação para a Cidadania, sendo o escutismo um dos exemplos.

### **2.3. Educação Não Formal e Escutismo**

É possível identificar a Educação Não Formal como um motor de capacitação dos indivíduos para uma participação ativa na sociedade e na comunidade, através de diferentes aprendizagens, podendo ser caracterizada como um processo de aprendizagem social ao longo da vida. De acordo com Lopes (2008), a Educação Não Formal caracteriza-se como uma

tendência educativa assente no pluralismo e na partilha vivencial; propósito de complemento em relação à educação formal; ênfase na convivência geradora de afetos; nivelamento tendencial horizontal das relações humanas, aproximando as pessoas umas das outras sem as valorizar em função de graus académicos; não outorgar títulos académicos mas certificados e diplomas de participação; abrangência a toda a população, promovendo relações e aprendizagens intergeracionais; recurso a metodologias próprias com recusa à reprodução de procedimentos utilizados pelo sistema educativo institucional. (p. 404).

É neste diferente envolvimento, participação e processos de aprendizagem das crianças, que assenta a base de atuação da Educação Não Formal procurando trabalhar na inclusão dos indivíduos.

Ainda assim, é indispensável que a ENF se desenvolva acompanhada da Educação Formal, porque como afirmam Pinto e Pereira (2005), a articulação entre as duas formas de educação é fundamental para o desenvolvimento de novas competências, de desenvolvimento humano e social. Devido à sua diferente estrutura, ao local onde atua e à pedagogia que adota, a ENF atinge objetivos educativos distintos da Educação Formal, tais como: “um vasto conjunto de valores sociais e éticos tais como os direitos humanos, a tolerância, a promoção da paz, a solidariedade e a justiça social, o diálogo intergeracional, a igualdade de oportunidades, a cidadania democrática e a aprendizagem intercultural, entre outros.” (Pinto & Pereira, 2005, p.5).

---

<sup>19</sup> O documento consultado não está paginado.

Sarramona, Vázquez e Colom (1998) identificaram as principais diferenças entre a educação formal, informal e não formal partir das seguintes dimensões educativas (duração, universalidade, institucionalização e estruturação):

- a) *Duração* – a educação informal ocorre ao longo da vida sem limite de duração; já a educação formal ocorre dentro de um limite de idade definido, desde a instrução primária até à instrução universitária; em semelhança, a educação não formal tem uma duração limitada, dependendo do número de horas da formação.
- b) *Universalidade* – a educação informal engloba todos os indivíduos ao longo da sua vida pois têm a capacidade de adquirir novas aprendizagens; a educação formal acontece dentro dos níveis de ensino; e a educação não formal envolve todos os sujeitos, embora direcionada a grupos específicos com características semelhantes.
- c) *Institucionalização* – a educação formal acontece numa instituição, a escola, organizada em vários níveis de ensino; a educação não formal pode acontecer dentro das organizações como fora delas; e a educação informal não acontece dentro de nenhuma instituição, como é o caso do ambiente familiar.
- d) *Estruturação* – a educação formal apresenta uma efetiva organização e estrutura, o que também acontece nas ações de educação não formal, ainda que sem tanto ênfase; contrariamente, em educação informal isso não acontece por esta não ser intencional.

A ENF, segundo Gohn (2006) “visa à formação integral dos indivíduos.” (p.32) uma vez que é “voltada para o ser humano como um todo, cidadão do mundo” (p.32), bem como “prepara os cidadãos, educa o ser humano para a civilidade, em oposição, à barbárie, ao egoísmo, individualismo, etc...”(p.29). Encontramos então um ponto em comum, da ENF com o Escutismo. No entanto, existem mais, ora vejamos:

- Tanto a ENF como o Escutismo trabalham com os indivíduos, preferencialmente em grupos, acreditando o sentimento de pertença a esse mesmo grupo gera um maior empoderamento em cada indivíduo.
- Ambos têm a prática como metodologia, como defende Gohn (2006) “os indivíduos adquirem conhecimento de sua própria prática, os indivíduos aprendem a ler e interpretar o mundo que os cerca.” (p.31)

- Experiencia-se em ambos os contextos “o aprendizado da diferença. Aprende-se a conviver com os demais. Socializa-se o respeito mútuo.” (Gohn, 2006, p. 31)

O Escutismo caracteriza-se por ser uma educação que não sendo parte integral do sistema educativo, é estruturada, progressiva e relevante para quem aprende e para a comunidade. Ao contrário da generalidade do ensino formal, são definidos segundo Barcelos (2016) objetivos com cada um dos jovens escuteiros e depois encontrados métodos adequados não só aos objetivos, mas também ao contexto envolvente. Assim o escutismo é reconhecido por ser um movimento com a finalidade de formar crianças e jovens, contribuindo para o seu desenvolvimento pessoal, social e intelectual.

Em ENF os objetivos são alcançados sob mediação de um profissional qualificado, um educador, que ainda que não tenha lugar no ensino formal, tem também que traçar um método de aprendizagem estruturado, “baseado na identificação de objetivos educativos, com formatos de avaliação efetivos e atividades preparadas” (Pinto, 2005, p.4) O que no caso do escutismo, o papel é assumido pelo dirigente que planifica as atividades para o seu grupo de escuteiros, consoante a sua faixa etária e os objetivos educativos a que cada elemento se propôs. “O trabalho do Chefe Escuteiro consiste unicamente em dar ao jovem a ambição de aprender por ele próprio, sugerindo-lhe atividades atraentes que ele aprende executando-as mal ao princípio, e cada vez melhor na sucessão das experiências.” (Powell, 2011, p.32). Assim, neste ponto, o escutismo não se encontra totalmente com a ENF, uma vez que o dirigente não é um profissional qualificado, é apenas um cidadão civil com formação escutista para assumir a função de chefe. O que faz com que, em alguns grupos de escuteiros, os dirigentes possam não conseguir cumprir plenamente o seu papel, devido à carência de formação em pedagogia, nomeadamente: não saber como lidar com um jovem com um núcleo familiar destruturado ou num contexto socioeconómico desfavorável. Agem apenas segundo a sua experiência pessoal e o senso comum, o que para quem trabalha diretamente com crianças e jovens, é insuficiente.

É possível identificar a ENF como um motor de capacitação dos indivíduos para uma participação ativa na sociedade, à semelhança do escutismo. Este investimento na aprendizagem, através da educação não formal “resulta na melhoria da capacidade produtiva, além de possibilitar novas escolhas e oportunidades para o decorrer da vida.” (Bendrath, 2014, p. 184).

Mayor (1995) reconhece o papel educativo do escutismo, sendo este “uma das maiores redes multiculturais e multiconfessionais para a educação e para a ação dos jovens no desenvolvimento de uma cultura da paz, da tolerância e da solidariedade”<sup>20</sup>, complementando-se assim à escola, o escutismo pretende ensinar os jovens a viver partindo do aprender fazendo, da aprendizagem através da experiência.

A grande preocupação de BP (2011), era que o escutismo se diferenciasse da escola em relação ao trabalho em grupo, à cooperação e ao serviço ao próximo procurando eliminar o individualismo, a competição e o materialismo. Desta forma, idealizou uma pedagogia assente em todas as dimensões do jovem: o seu caráter, a saúde, a força, a habilidade manual e o serviço ao próximo. A sua expressão foi então o sistema de patrulhas, a metodologia que mostra a cada jovem a sua responsabilidade dentro da patrulha e consequentemente a responsabilidade que a patrulha tem no grupo. Desta forma, o jovem reconhece-se e é reconhecido como membro de uma equipa, são-lhe conferidos deveres e o jovem responsabiliza-se pela consequência dos seus atos, e compreende que isso pode afetar a patrulha e consequentemente o grupo.

Tal implementação da pedagogia é possível através da dimensão do voluntariado vivida no Escutismo.

## **2.4. O Voluntariado e o Escutismo**

Ainda que o voluntariado não seja um fenómeno recente, apenas a partir do ano 2011 é que se deu um grande impulso e reconhecimento do mesmo, aquando o Ano Europeu do Voluntariado difundido pela Organização das Nações Unidas, é um fenómeno com cada vez mais adesão.

Para Viveiros (2012) a matriz do voluntariado está assente num conjunto de práticas altruístas e solidárias desenvolvidas por pessoas que por iniciativa própria e de forma organizada em grupo, dedicam parte do seu tempo livre e do seu saber-fazer aliado ao sentido de serviço ao próximo e à defesa de causas nobres – culturais, sociais, cívicas, ambientais, entre outras – sem receber qualquer remuneração financeira ou em espécie. (p.3)

---

<sup>20</sup> O documento consultado não está paginado.

A definição dos termos “voluntariado” e “voluntário” dependem dos diferentes contextos sociais e culturais, vejamos então como são entendidos em Portugal.

A legislação portuguesa define nas bases do enquadramento jurídico do voluntariado, este mesmo termo como

um conjunto de ações de interesse social e comunitário, realizadas de forma desinteressada por pessoas, no âmbito de projetos, programas e outras formas de intervenção ao serviço dos indivíduos, das famílias e da comunidade, desenvolvidos sem fins lucrativos por entidades públicas ou privadas. (artigo 2º da Lei n.º 71/98, de 3 de novembro).

Seguidamente entende-se o voluntário como um “indivíduo que de forma livre, desinteressada e responsável se compromete, de acordo com as suas aptidões próprias e no seu tempo livre, a realizar ações de voluntariado no âmbito de uma organização promotora.” (artigo 3º da Lei n.º 71/98, de 3 de novembro).

De acordo com Ferreira (2008) O trabalho voluntário pode distinguir-se em informal e formal. O voluntariado informal caracteriza-se por comportamentos ocasionais, como ajudar os vizinhos numa determinada tarefa. Por outro lado, o voluntariado formal caracteriza-se da mesma forma, mas inserido em organizações sem fins lucrativos. Dentro desta dimensão do voluntariado, segundo Bandeira e Barbedo (2015), subdivide-se em ações que acontecem de forma regular, ou seja, que preveem um costume regular e as que acontecem de forma ocasional, que são as tarefas de curta duração.

À prática do voluntariado estão associados inúmeros benefícios. Segundo Miller et al. (2005), é evidente que as pessoas que realizam voluntariado melhoram o seu nível de bem-estar individual. Este bem-estar assenta na felicidade, na satisfação com a vida, na autoestima, na saúde física e na autopercepção da mesma, no controlo sobre a vida e na depressão. Deste modo, o voluntariado contribui para um desenvolvimento positivo do indivíduo a nível pessoal, assim como também ao nível da cidadania, de forma responsável e participativa, como nos diz Santos, Silva e Guedes (2011), promovendo desta forma o desenvolvimento de uma sociedade mais responsável e inclusiva.

Segundo Viveiros (2012) o voluntariado hoje em dia “é fruto de uma nova consciência social e de maturidade humana. É uma outra forma de exercício da cidadania ativa, é a dimensão do dever cívico que, paradoxalmente, é exercício de

forma autónoma, consciente e voluntária.” (p.6). O que gera nos voluntários a aquisição de competências e conhecimentos que os tornam indivíduos mais conscientes, críticos e ativos na sociedade.

Paralelamente, no Escutismo procura-se fazer exatamente a mesma coisa através da aquisição de competências, conhecimentos e atitudes que tornem os jovens em adultos cidadãos conscientes e responsáveis pela comunidade que integram. De forma particular na IVª secção, onde o lema do caminheiro é “Servir” e onde toda a caminhada do jovem é realizada em prol de um conhecimento profundo de si mesmo, a fim de estar mais atento e disponível para a sua comunidade, é passível equiparar-se a prática do voluntariado ao serviço dinamizado nos caminheiros.

Na perspetiva de BP o vício que mais dominava o mundo era o egoísmo, pelo que ao fundar o Escutismo concebeu uma intervenção neste sentido, contemplando nas atividades escutistas a prática de Boas-Ações “como base de futura boa vontade e auxílio aos outros.” (Powell, 2011, p.97). Propôs ainda uma forma de efetivar o desenvolvimento desta dimensão, considerando que em primeiro lugar o importante é incutir nas crianças e jovens o espírito da boa vontade e em segundo lugar criar oportunidades para a sua aplicação prática (Powell, 2011). Assim, surgiu a dimensão do serviço especialmente tida em conta nos escuteiros mais velhos, os caminheiros, que se tornou prática frequente nas suas atividades, caracterizando-se por serem “ações de longo termo, que denotem uma vontade de compromisso”. (CNE, 2010, p.33). O caminheiro é então aquele que procura a verdadeira felicidade sabendo que esta passa por fazer felizes os demais, não a relacionando com coisas efémeras como o dinheiro ou a fama.<sup>21</sup>

Verifica-se também que este conceito é contemplado nas etapas de progresso, sendo o “Serviço” a segunda etapa do progresso da IVª secção. Neste estágio o serviço ao outro deve ser reforçado, acreditando que quem o presta enriquece, caracterizando-se o mesmo como “uma dinâmica de descoberta, vivida numa relação de amor fraterno, de “receber, dando-se em troca”. (CNE, 2011, p.323). Na última etapa, a “Partida” o caminheiro é convidado a realizar o Desafio, que consiste numa ação de voluntariado individual com um tempo mínimo de 3 meses numa instituição ou

---

<sup>21</sup> Consultado em [www.cne-escutismo.pt](http://www.cne-escutismo.pt)

organização escolhida pelo próprio, a fim de que possa mostrar o que aprendeu e o quão cresceu em Clã, na sua vida pessoal e fora do Movimento.

BP (2011) considera que a prática do serviço desperta no escuteiro o sentimento de dever para com os outros e o CNE (2011) acredita que a verdadeira descoberta de si mesmo só é possível no serviço. Desta forma, reconhecemos nesta dimensão do escutismo a equiparação com o voluntariado, e consequentemente com os valores e benefícios que advêm desta prática.





## **CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA**

Este capítulo tem como objetivo apresentar e descrever as opções metodológicas que orientaram e concretizaram o estudo do papel do Escutismo Católico no desenvolvimento de competências cidadãs nos jovens.

Este capítulo encontra-se estruturado em 5 subcapítulos. No primeiro subcapítulo apresentam-se os objetivos e opções metodológicas do estudo, de seguida, no segundo expõem-se as técnicas e instrumentos de recolha de dados. No terceiro explicam-se as técnicas e instrumentos utilizados na análise de dados, no quarto caracteriza-se a amostra. Por fim, no quinto subcapítulo apresentam-se os procedimentos do estudo.

### **3.1. Objetivos do estudo e opções metodológicas**

O presente estudo procura compreender o papel do CNE na formação integral dos jovens, com especial enfoque na aquisição de competências cidadãs.

Assim, tornou-se importante delimitar a investigação formulando a seguinte questão de partida: *A metodologia escutista favorece o desenvolvimento de competências cidadãs nos jovens?*

Desta forma formularam-se os seguintes objetivos:

Tabela 4  
*Relação dos objetivos com as questões de investigação*

Objetivos	Questões de investigação
Analisar as questões da Cidadania na metodologia Escutista.	De que forma se desenvolve a Educação para a Cidadania no CNE?
	Os jovens escuteiros reconhecem a importância do CNE na aquisição de competências cidadãs?
Compreender as dinâmicas de participação vividas pelos jovens escuteiros nos grupos que frequentam.	Quais as dinâmicas de participação dos jovens no CNE?
	Como se desenvolvem as dinâmicas de participação nas atividades escutistas?
Descrever a vivência do voluntariado dos jovens escuteiros dentro e fora do movimento.	Como se vive a dimensão do voluntariado no CNE?
	Fora do CNE os escuteiros praticam voluntariado?

Este estudo considera-se exploratório, uma vez que “visa oferecer informações sobre o objeto” (Cervo, Bervian & Silva, 2007) e não tem como objetivo confirmar ou revogar hipóteses. Apresenta também particularidades descritivas uma vez que pretende o entendimento global do fenómeno (Godoy, 1995), com vista a compreender em pormenor o contexto, as suas dinâmicas e as perspetivas dos seus intervenientes.

No que se refere às escolhas metodológicas este estudo é de natureza mista uma vez que combina a abordagem qualitativa e a quantitativa.

Os métodos de abordagem qualitativa, segundo Craveiro (2007), “privilegiam, essencialmente, a compreensão de problemas a partir da perspetiva dos sujeitos da investigação.” (p. 203); por outro lado, a abordagem quantitativa orienta-se “para a produção de proposições generalizáveis e com validade universal decorrentes de um processo experimental, hipotético-dedutivo e estatisticamente comprovado” (Craveiro, 2007, p. 205). O que, à partida nos pode levar a deduzir que são abordagens incompatíveis para a efetivação de um trabalho de investigação, no entanto existem alguns autores, como Serrano (2004), que discordam com esta perspetiva, defendendo que a combinação de ambas origina uma melhor compreensão do estudo.

Sendo que, a complementaridade entre métodos dá-se através da aplicabilidade de cada um deles em momentos diferentes da investigação (Serrano, 2004).

A abordagem qualitativa é desenvolvida na análise documental e na análise de conteúdo de algumas questões abertas presentes no inquérito por questionário. A abordagem quantitativa é realizada no tratamento das respostas fechadas e de escolha múltipla do mesmo instrumento.

## **3.2. Técnicas e Instrumentos de recolha e análise de dados**

Para Carmo e Ferreira (1998) as técnicas são procedimentos definidos e adaptados ao tipo de problema e aos fenómenos em causa, isto é, são a operacionalização do método. Desta forma, tendo em conta o estudo e os seus objetivos, as técnicas utilizadas para a recolha de dados foram a análise documental e o inquérito por questionário. Relativamente à análise de dados a técnica utilizada foi a análise de conteúdo.

### **3.2.1. Análise documental**

A análise documental é uma técnica que se enquadra nos métodos não interferentes, uma vez que os dados são obtidos “por processos que não envolvem recolha direta de informação a partir dos sujeitos investigados (evitando) problemas causados pela presença do investigador.” (Lee, 2003, p. 15) mas a partir de documentos já existentes.

Na perspetiva de Carmo e Ferreira (1998), esta técnica tem como característica “selecionar, tratar e interpretar informação bruta existente em suportes estáveis (scripto, áudio, vídeo e informo) com vista a dela extrair algum sentido.” (p. 59) e “obter dados relevantes para responder às questões de investigação.” (Afonso, 2005, p.88).

Neste estudo foi realizada análise documental de vários documentos que são estruturantes e reguladores do CNE, tais como: o manual do Dirigente, que explica em profundidade o projeto educativo da associação e como deve ser implementado; o regulamento geral do CNE, que detém as regras e normas de funcionamento da associação; o *site* oficial, que contém a informação mais genérica, no entanto, estruturante, acerca do CNE, e o Escutismo para Rapazes, o primeiro livro escrito pelo fundador do Movimento e que explicita as convicções e o propósito do mesmo. Foi também realizada a análise documental de alguns trabalhos de investigação a partir

do ano de 2002, como dissertações de doutoramento e mestrado nas áreas das ciências sociais, como Sociologia, Psicologia ou Educação. Também se analisaram alguns artigos científicos na área da educação.

### **3.2.2. Inquérito por Questionário**

O inquérito por questionário foi outra técnica utilizada neste estudo para a recolha de dados, visto ser segundo Dias (1994), uma técnica de observação não participante que permite a aplicação do instrumento e a integração do investigador no meio independentemente da distância a que está dos respondentes, e também possibilita a recolha de um grande número de respostas em pouco tempo.

Este instrumento caracteriza-se por ser, de acordo com Dias (1994), uma técnica de investigação que “através de um conjunto de perguntas, visa suscitar uma série de discursos individuais, interpretá-los e depois generalizá-los a conjuntos mais vastos.” (p.5).

Coutinho (2011), procura descrever os objetivos desta técnica de recolha de dados: “um inquérito visa a analisar a incidência, distribuição e relações entre variáveis que são estudadas, tendo como um destes três objetivos: descrever, explicar ou explorar.” (p.277). Posto isto, e de acordo com o autor, classifica-se o inquérito elaborado para esta dissertação como exploratório uma vez que o objetivo da investigação passa também por deixar pistas para futuros estudos.

O questionário utilizado neste estudo é uma adaptação de um já existente da autoria do Professor Doutor José Palhares, Professor Universitário no Instituto de Educação da Universidade do Minho, pelo que já se encontrava previamente validado. Embora tenhamos tido como base o questionário de Palhares (2004), realizámos algumas alterações ao mesmo (retirando perguntas e acrescentando outras) devido à extensão do instrumento e à necessidade de adequação ao presente estudo. Foram retiradas questões ligadas à caracterização exaustiva do inquirido bem como, do agregado familiar do escuteiro, optando-se assim por uma caracterização mais genérica do público. Foram acrescentadas três perguntas finais, relativas à prática de voluntariado dentro e fora do Escutismo. Uma primeira questão de resposta aberta, relativa ao voluntariado realizado no agrupamento, a segunda de escolha múltipla e a terceira de resposta aberta, como justificação da pergunta anterior relativamente ao voluntariado praticado pelos respondentes fora dos escuteiros.

Assim, o instrumento é composto por questões abertas e fechadas, sendo que está dividido em seis partes: em primeiro e segundo lugar a caracterização dos caminheiros e dos seus percursos escutistas, em terceiro a educação de forma comparada entre a escola e o escutismo, em quarto a família e o contexto doméstico e por fim, em quinto a religião.

### **3.2.3. Análise de Conteúdo**

A análise de conteúdo, aplicada às respostas do inquérito por questionário, tem como objetivo a representação da informação sob forma de síntese organizada. De acordo com Bardin (2009), a análise de conteúdos caracteriza-se por ser um conjunto de técnicas de análise de comunicações utilizando procedimentos objetivos e sistemáticos de descrição do conteúdo das mensagens.

Assim, para uma melhor análise de dados foi realizada uma análise qualitativa e quantitativa.

Na análise qualitativa consideraram-se as respostas às questões abertas do questionário, referente às ideias, sentimentos e opiniões dos inquiridos. Em analogia com Carmo e Ferreira (1998), reconhece-se a análise qualitativa da informação como um processo mais subjetivo, demorado e reflexivo que se realiza numa perspetiva de desenvolvimento e melhoria. Esta análise “constrói-se e consolida-se à medida que os dados vão sendo organizados e trabalhados no processo analítico e interpretativo.” (Carmo & Ferreira 1998, p.118). Desta forma, o material qualitativo gerado é único, uma vez que resulta do olhar específico daquele investigador, bem como do contacto com o contexto (Carmo & Ferreira, 1998). Assim, a fim de compreender as representações por trás de cada resposta, organizaram-se as unidades de registo (que são parte das respostas dos inquiridos) em tabelas de análise através de categorias e subcategorias. As questões analisadas foram a justificação para a discordância com posição da Igreja na temática da sexualidade e a justificação para a não continuidade no CNE.

Na análise quantitativa, o objetivo consiste na “generalização dos resultados a uma determinada população em estudo a partir da amostra, o estabelecimento de relações causa-efeito e a previsão de fenómenos.” (Carmo & Ferreira, 1998, p. 178). Ou seja, tal como Carmo e Ferreira (1998) acreditamos que os objetivos desta análise estatística são testar teorias e fazer descrições da população através da generalização

dos dados. Relativamente à análise quantitativa tiveram-se em conta as questões de resposta fechada que dizem respeito, por exemplo, ao número de inquiridos alcançados, às idades dos mesmos, às representações que têm do Escutismo como por exemplo “Poder-se-á afirmar que um(a) jovem escuteiro(a) se distingue no dia-a-dia de um(a) jovem não-escuteiro(a) no que se refere à construção da democracia e da cidadania?”, bem como perguntas de informação como “O que significa para ti ser Caminheiro?”, “Como avalias o papel do escutismo no desenvolvimento da tua pessoa como cidadão?” ou “Certamente já tiveste oportunidade de conversar com os teus amigos não-escuteiros sobre o movimento escutista. Que dizem eles sobre o assunto?”. Estas perguntas visam compreender atitudes dos inquiridos, o que consequentemente origina a necessidade da utilização de escalas que permitam a mensuração desses dados.

Carmo e Ferreira (1998), apresentam como principal distinção entre as duas formas de análise, o seguinte, na “análise quantitativa, o que é mais importante é o que aparece com frequência, sendo o número de vezes o critério utilizado, enquanto que numa análise qualitativa, a noção de importância implica a novidade, o interesse, o valor de um tema.” (p. 253).

No que diz respeito à avaliação da qualidade dos dados recolhidos, segundo Carmo e Ferreira (1998), a mesma depende de três critérios: fidedignidade, validade e representatividade. O critério da fidedignidade refere-se “à qualidade externa dos dados, ou seja, à garantia de que os dados se referem a informação efetivamente recolhida e não foram fabricados.” (Carmo & Ferreira, 1998, p.112). A validade dos dados reside na sua qualidade interna, ou seja, “avalia a efetiva relevância da informação produzida em relação ao conhecimento que se pretende produzir.” (Carmo & Ferreira, 1998, p. 113); Por fim, a representatividade dos dados consiste “na garantia de que os sujeitos envolvidos e os contextos selecionados representam o conjunto dos sujeitos dos contextos a que a pesquisa se refere.” (Carmo & Ferreira, 1998, p. 113).

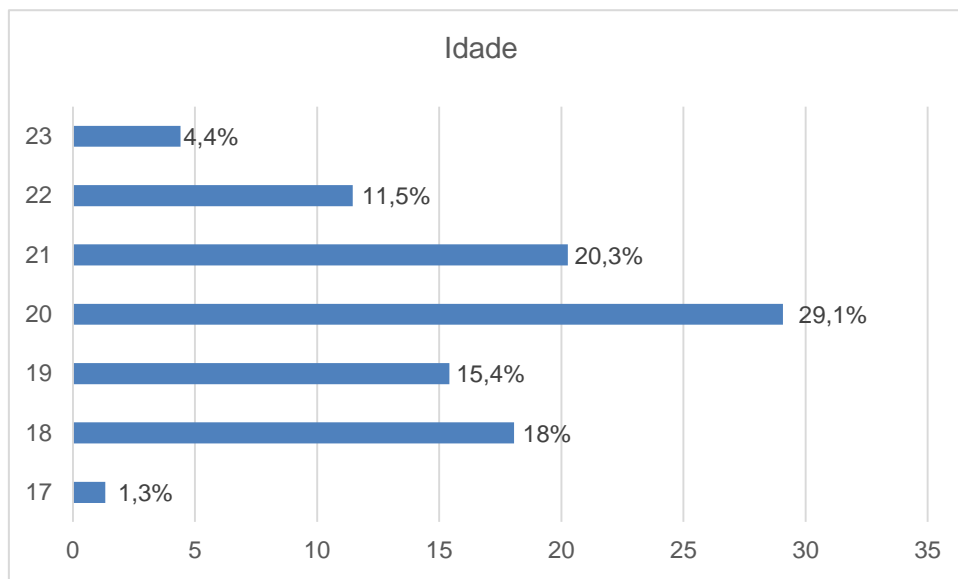
### **3.3. Caracterização da amostra**

Neste estudo, de natureza exploratória, o tipo de amostra é de conveniência (Carmo & Ferreira, 1998), uma vez que a participação dos inquiridos foi voluntária. Deste modo, os resultados não podem ser “generalizados à população à qual pertence

o grupo de conveniência” (Carmo & Ferreira, 1998, p. 197), aplicando-se somente a esta amostra. A amostra deste estudo é composta por 227 caminheiros<sup>22</sup> que integram o movimento escutista católico.

Assim, iremos caracterizar os 227 jovens a partir das seguintes categorias: idade, género, distrito de residência, escolaridade e região escutista.

Na figura 1 apresenta-se a caracterização da idade dos respondentes.



*Figura 1.* Idade dos Inquiridos. Dados recolhidos em inquérito por questionário aplicado aos caminheiros do CNE

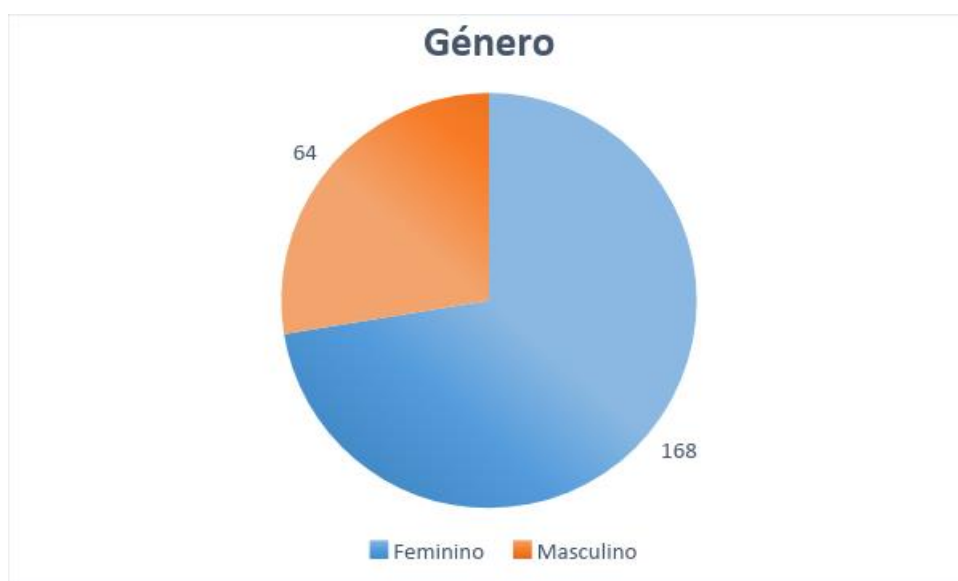
A idade dos inquiridos varia entre os 17 e os 23 anos, sendo a média de idades de 20 anos (29,1%). 20,3% dos caminheiros têm 21 anos, 18% tem 18 anos, 15,4% apresenta-se como tendo 19 anos. Existem ainda 11,5% de caminheiros com 22 anos de idade, 4,4% com 23 anos e apenas 1,3% com 17 anos.

No que diz respeito à categoria do género, na figura 2 apresentamos os dados sobre a mesma.

---

<sup>22</sup> Ao inquérito por questionário responderam 233 jovens, no entanto foram analisados 227 questionários uma vez que os restantes foram considerados inválidos por não terem idade para pertencer à IVª secção.

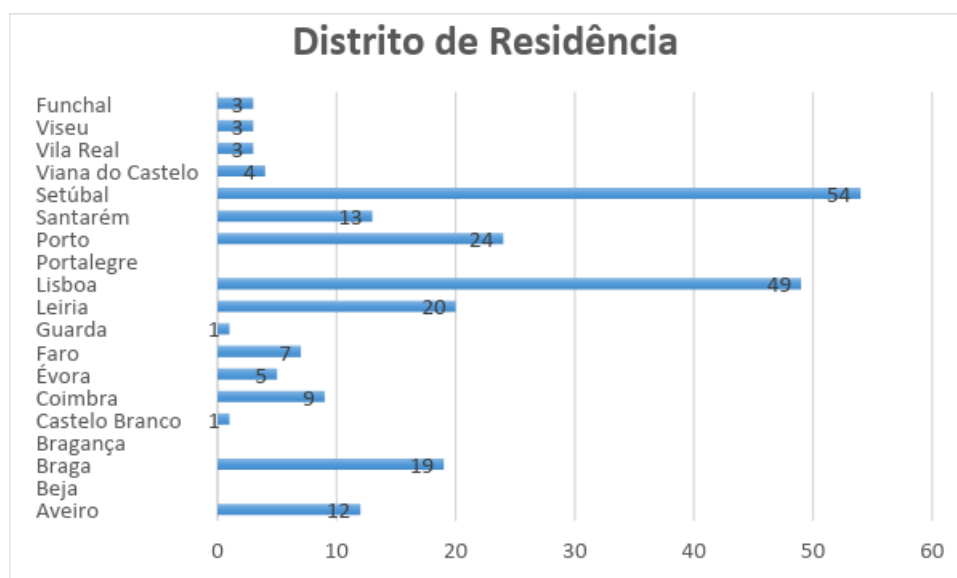




*Figura 2.* Género dos Inquiridos. Dados recolhidos em inquérito por questionário aplicado aos caminheiros do CNE

A maioria dos respondentes são raparigas, correspondendo a 74% dos inquiridos e apenas 26% são rapazes.

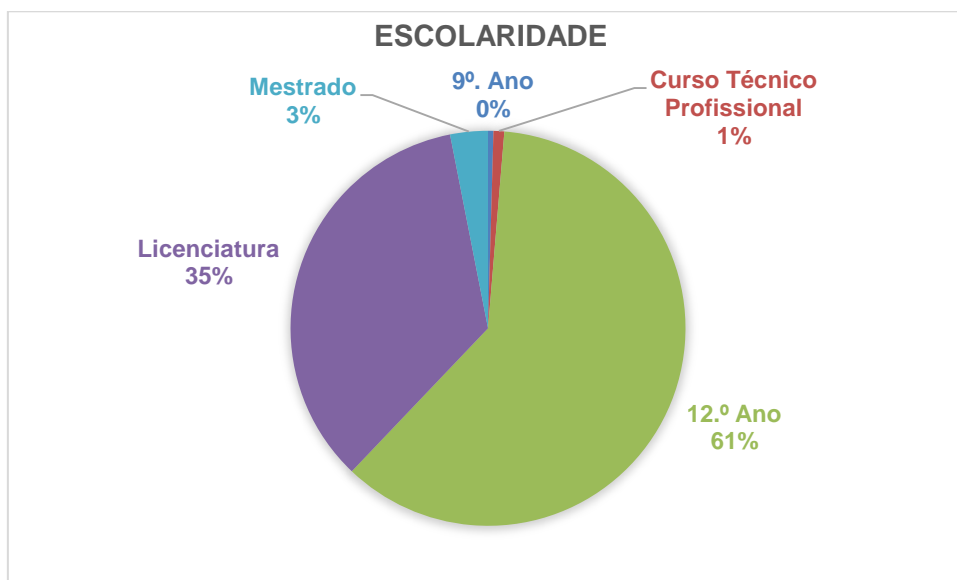
Quanto ao distrito de residência apresentamos na figura 3 os dados referentes ao mesmo.



*Figura 3.* Distrito de Residência dos Inquiridos. Dados recolhidos em inquérito por questionário aplicado aos caminheiros do CNE

Os caminheiros que colaboraram no estudo estão distribuídos por todo o país, tendo havido participação de escuteiros em quase todos os distritos de Portugal Continental, não estando representados apenas 3 distritos – Portalegre, Bragança e Beja. Houve também respondentes da Madeira mas não houve dos Açores. Os distritos de Lisboa e Setúbal são os que têm maior representação (21% e 23%, respetivamente). Seguidos pelo Porto (10,6%), Leiria (8,8%), Braga (8,4%) e Santarém (5,7%).

No que diz respeito à escolaridade dos respondentes, apresenta-se na figura 4 os dados sobre a mesma.



*Figura 4.* Escolaridade dos Inquiridos. Dados recolhidos em inquérito por questionário aplicado aos caminheiros do CNE

A maioria dos respondentes, cerca de 62% possui o Ensino Secundário (61% de 12º ano e 1% de Curso Técnico Profissional). Seguindo-se 38% dos jovens com escolaridade ao nível do Ensino Superior (35% com Licenciatura e 3% com Mestrado). Ao nível do ensino básico não houve nenhuma resposta (0%).

Quanto à distribuição geográfica da região escutista de pertença, apresenta-se na figura 5 as regiões de proveniência dos jovens.

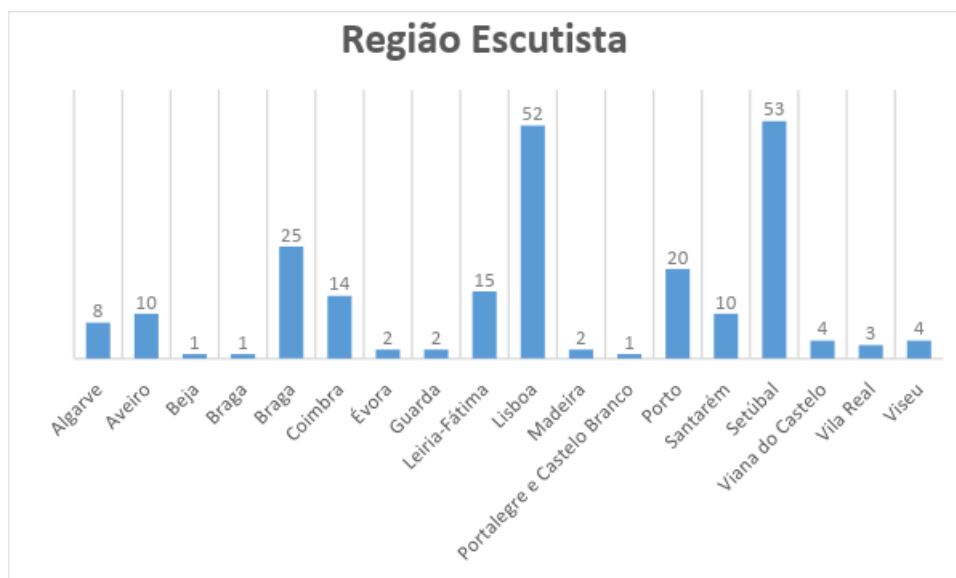


Figura 5. Região Escutista dos Inquiridos. Dados recolhidos em inquérito por questionário aplicado aos caminheiros do CNE

À semelhança do distrito de residência, as regiões escutistas com mais respondentes foram as de Lisboa e Setúbal (22% e 23% respetivamente); No norte são as regiões escutistas de Braga e do Porto onde pertencem mais inquiridos.

### 3.4. Procedimentos

Primeiramente, no que diz respeito à análise documental foram analisados *sites* e vários documentos: sites do CNE e do Movimento Escutista Mundial, ao regulamento e normas do CNE, ao Sistema Educativo do CNE nomeadamente ao Sistema de Progresso, bem como a alguns livros editados pelo Corpo Nacional de Escutas. Esta análise teve como objetivo compreender a história do Escutismo e do CNE em específico, qual o seu projeto educativo e pedagógico e como se aplica o método no trabalho diário com os jovens.

No que se refere ao inquérito por questionário a sua utilização, para a recolha de dados, foi solicitada ao Dr. José Palhares, autor do mesmo, no dia 28 de fevereiro de 2018, através de *e-mail*. Tendo sido pelo mesmo meio autorizado no dia seguinte, 1 de março de 2018, sem quaisquer constrangimentos.

A fim da divulgação do questionário, numa primeira fase contactaram-se os Serviços Centrais do CNE para obter a autorização de aplicação do mesmo, no entanto como não obtivemos resposta em tempo útil avançámos por um contacto

direto à Junta Regional de Setúbal, cedido pelo agrupamento ao qual a investigadora pertence. Neste contacto para a Junta Regional de Setúbal, solicitámos ajuda para direccionar o pedido à pessoa responsável da Junta Central e assim foi possível obtermos uma resposta positiva e em tempo útil, pela Secretaria Executiva para o Programa Educativo do CNE. Desta forma, o inquérito por questionário foi divulgado a nível nacional, em formato digital, através de plataformas de redes sociais como o *facebook* (grupo nacional de caminheiros do CNE) e newsletter da associação. Foi-nos também disponibilizada uma lista das atividades nacionais e regionais que foram realizadas durante o presente ano, bem como a identificação e contacto dos responsáveis pelas mesmas, para ser feita uma aplicação direta em diversos locais de encontros de escuteiros, no entanto o mesmo não ocorreu em tempo útil e por isso excluimos esta forma de administração do instrumento.

Aquando o contacto com a Junta Regional de Setúbal, solicitámos autorização para a divulgação a nível regional e a mesma foi autorizada. Assim, procedemos também à divulgação do questionário em formato *online*, através de um formulário Google, para os e-mails institucionais dos agrupamentos e na rede social facebook mais concretamente num grupo regional de caminheiros. A divulgação do questionário foi promovida também através de contactos diretos com estruturas locais e caminheiros. O presente instrumento de recolha de dados esteve disponível durante aproximadamente dois meses, de abril a junho do ano 2018, tendo sido necessário enviar um lembrete aos caminheiros através da plataforma *facebook*.

Os dados foram recolhidos e tratados qualitativamente – análise de conteúdo e quantitativamente em folha excel, analisando frequências e percentagens.

Os resultados são apresentados em gráficos e tabelas, devidamente analisados de forma descritiva.



## **CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Neste capítulo apresentam-se os resultados obtidos após a análise dos dados recolhidos através de um inquérito por questionário aplicado aos caminheiros do CNE. Como referido anteriormente o propósito deste instrumento de recolha de dados foi compreender quais as representações dos caminheiros acerca do escutismo e da sua influência no desenvolvimento global dos indivíduos, comparativamente a outros contextos educativos.

Assim, a análise das questões está dividida em análise quantitativa, onde se englobam as questões de resposta fechada, e análise qualitativa, onde se encontram as questões de resposta aberta.

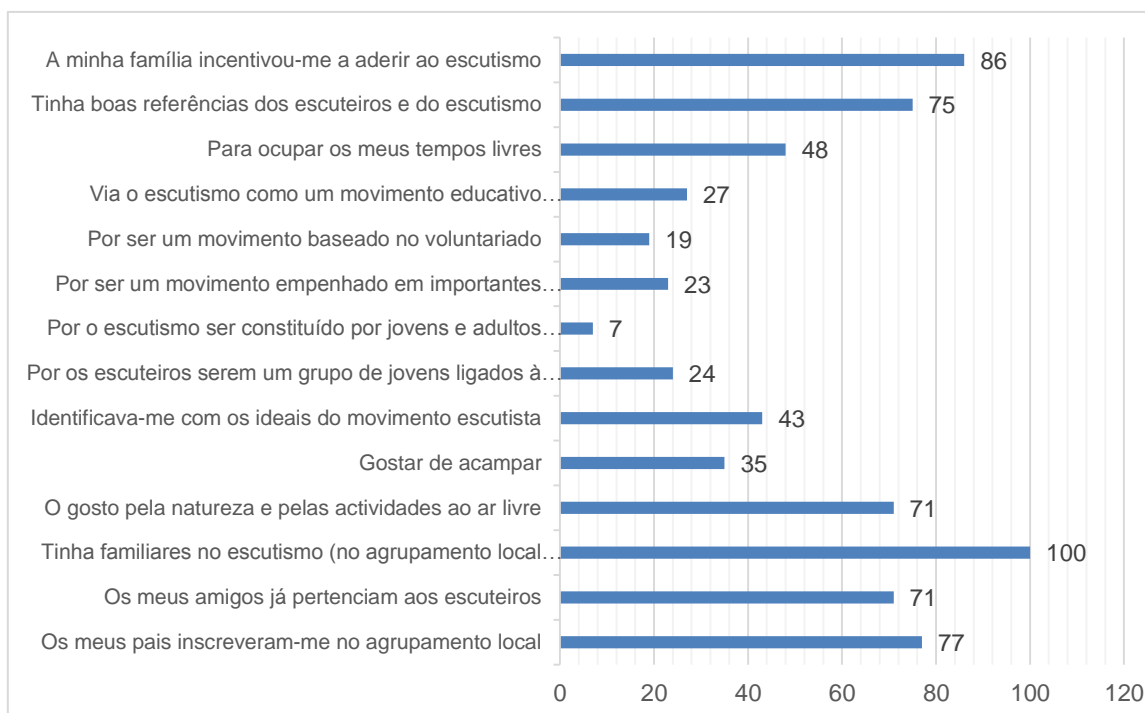
### **4.1. Análise Quantitativa**

Apresenta-se a análise das questões fechadas, e de modo a facilitar a leitura, a mesma encontra-se organizada de forma semelhante ao instrumento aplicado, sendo esta:

- Percurso escutista
- A Educação, a Escola e Escutismo
- A família e o contexto doméstico
- Religião
  
- **Percurso escutista**

À questão “Tens alguém do teu agregado familiar que também pertença ao Escutismo?”, 96 caminheiros responderam “Não” e 136 dos respondentes afirmou que “Sim”. Sendo que destes, 91,7% refere ter irmãos no movimento, 15,6% tem a mãe e 11,9% tem o pai.

De seguida, questionaram-se os caminheiros acerca das razões que mais contribuíram para sua entrada no escutismo, podendo podiam indicar no máximo 3 razões. Posto isto, apresenta-se o gráfico seguinte.



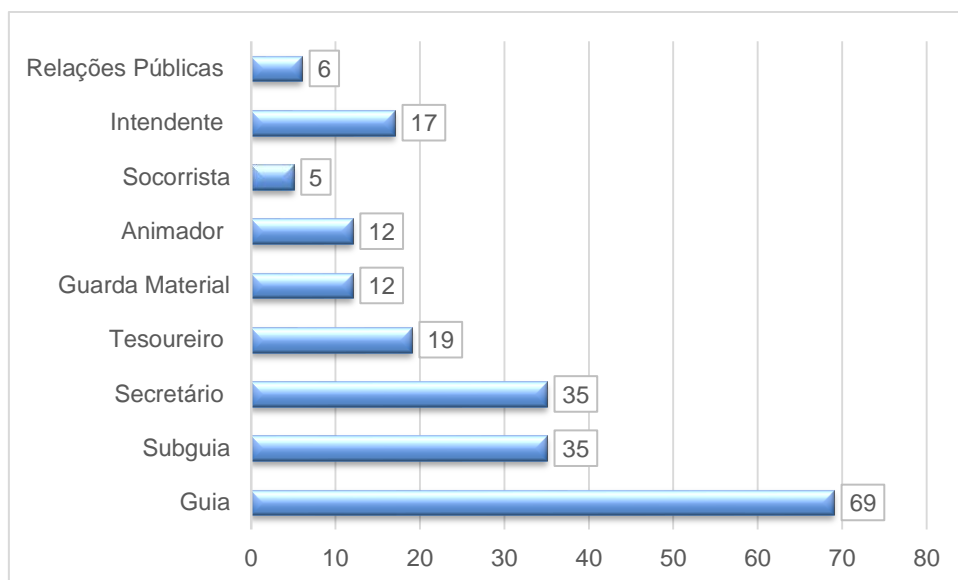
**Figura 6.** Principais razões que contribuíram para a entrada no CNE. Dados recolhidos em inquérito por questionário aplicado aos caminheiros do CNE

Ao analisarmos a figura 6, verificamos que a razão que mais contribuiu para a entrada dos caminheiros no CNE foi a família, sendo que 100 pessoas (44,1%) referiram ter familiares no movimento, 86 (37,9%) indicaram que a família as incentivou a aderir e ainda mais 77 (33,9%) mencionaram que foram os pais que as inscreveram no agrupamento. Reconhece-se assim que o seio familiar tem significativa importância na escolha dos contextos de Educação Não Formal dos jovens. O facto dos familiares incentivarem os jovens a pertencerem ao Escutismo, assim como o facto dos familiares já pertencerem ao Movimento, faz com que os jovens se sintam confortáveis e confiantes naquele contexto.

Realça-se também as boas referências do Escutismo ( $n=75/33\%$ ), o facto de os amigos já pertencerem aos escuteiros ( $n=71/31,3\%$ ), o que sugere a importância da escolha do CNE como uma associação de referência nas comunidades. Destaca-se também o gosto pela natureza e atividades ao ar livre ( $n=71$ ), sendo esta uma das

qualidades que distingue o Escutismo das demais organizações de educação não formal.

Acerca dos cargos que ocupam nas tribos, os caminheiros responderam sobre forma de resposta aberta e os resultados apresentam-se na figura 7.



*Figura 7.* Cargos ocupados na tribo. Dados recolhidos em inquérito por questionário aplicado aos caminheiros do CNE

O cargo mais ocupado na sua tribo pelos caminheiros inquiridos é o de guia (69 escuteiros), seguido de elementos que são subguias ou secretários ( $n=35$ ), tesoureiros ( $n=19$ ), e intendentess ( $n=17$ ). Com menor quantidade de respostas estão os cargos de animador ou guarda material ( $n=12$ ), relações públicas ( $n=6$ ) e socorrista ( $n=5$ ).

Verifica-se assim que são muitos ( $n=104$ ) os caminheiros que ocupam cargos de responsabilidade, como guia ou subguia, o que contribui para o desenvolvimento de qualidades como a liderança, a organização, o compromisso e a comunicação, através da gestão da tribo e da participação nos conselhos deliberativos da unidade. Também os restantes cargos potenciam o desenvolvimento das relações interpessoais, do respeito, da criatividade, entre outros, através da participação nas decisões e na execução de tarefas inerentes ao seu cargo nos projetos de unidade (Caminhadas) e nas atividades em geral. Tudo isto contribui para a formação cidadã na medida em que possibilita a experiência e respeito pelas diferentes profissões.



Os caminheiros foram questionados sobre a sua participação em diferentes tipos de atividades, tendo em conta o seu percurso na IV<sup>a</sup> secção. E também que indicassem duas das atividades apresentadas como as que mais gostavam de participar. Os resultados apresentam-se na tabela 5.

Tabela 5

Atividades	Frequência de Participação				Atividades em que mais gostam de participar
	Nada Frequente	Pouco Frequente	Bastante Frequente	Muito Frequente	
1. Atividades de ar livre	1	27	96	103	177
2. Atividades de interior	1	12	81	133	27
3. Atividades de natureza religiosa	6	50	107	64	15
4. Atividades de natureza institucional	13	70	94	50	15
5. Atividades de âmbito nacional e internacional	42	87	73	25	86
6. Atividades de carácter cívico	4	49	116	58	50
7. Atividades de carácter ambiental	34	111	59	22	16
8. Atividades lúdico-recreativas	24	81	86	36	20

*Frequência de participação em várias atividades e a sua preferência*

*Nota.* Dados recolhidos em inquérito por questionário aplicado aos caminheiros do CNE

Através da tabela acima<sup>23</sup>, verifica-se que as atividades em que os inquiridos participam com maior frequência são as atividades de interior, ou seja, as reuniões e conselhos de grupo (n=214) bem como as atividades ao ar livre (n=199) como os acampamentos ou raides. Em terceiro lugar de participação encontram-se as atividades de carácter cívico (n=174) como por exemplo as atividades de voluntariado (Proteção Civil, Banco Alimentar). De seguida, estão as atividades de natureza religiosa, como as idas à Eucaristia por exemplo (n=171). Com menor frequência encontram-se as atividades de natureza institucional (n=144) como formações, bem como as atividades de âmbito nacional e internacional (n=98) como o Jamboree

<sup>23</sup> Os valores apresentados nesta análise correspondem à soma dos valores das tabelas “Bastante Frequente” e “Muito Frequente” ou “Nada Frequente” e “Pouco Frequente”

(acampamentos internacionais de escuteiros), e ainda as atividades de caráter ambiental (n=81) como a vigilância e o combate a incêndios. De forma mais equilibrada de participação, encontram-se as atividades lúdico-recreativas como os torneios desportivos ou as festas de cariz popular, com apenas 17 unidades de diferença entre os que referem “Nada Frequente” e “Pouco Frequente” (n=105) e os que referem fazer com “Bastante Frequente” e “Muito Frequente” (n=122).

Relativamente à preferência dos caminheiros por estas atividades, classificam-se as atividades ao ar livre como as mais preferidas (n=177), seguidas das atividades de âmbito nacional e internacional (n=86) e das atividades de caráter cívico (n=50) como a terceira atividade onde mais gostam de participar. Todas as restantes atividades estão equilibradas em número, sendo o mesmo entre as 15 e as 27 unidades.

Desta forma, verificamos que não existe total concordância entre a frequência de participação de cada uma das atividades com a preferência de atividades dos caminheiros. Relativamente às atividades de interior estas revelam-se como as que os caminheiros participam de forma mais frequente, no entanto são uma das atividades que os mesmos menos preferem realizar. Sabendo que estas atividades se caracterizam por reuniões de tribo, conselhos de guias ou de unidade, ou ainda preparação de atividades, compreendemos que seja aqui que se desenvolve um pouco de todas as maravilhas do método. No entanto, estas atividades podem acontecer noutro qualquer contexto de educação não formal, não sendo este o género de atividades que diferencia o escutismo dos demais e talvez por isso os caminheiros revelem baixa preferência pelas mesmas.

Do mesmo modo, também a discrepância entre a frequência das atividades de natureza religiosa e a preferência revelada pelos caminheiros, nos surpreende pois a vertente religiosa da associação é obrigatória, portanto é natural que se realizem atividades frequentes nesta temática no entanto as mesmas são das menos apreciadas pelos associados, logo a questão da Mística provavelmente não estará a ser trabalhada da melhor forma com estes jovens. Talvez por ser uma temática imposta e obrigatória à frequência no CNE não seja algo que lhes agrade e que lhes suscite muito interesse.

No mesmo sentido, a relação entre a frequência de participação e o gosto dos caminheiros, relativamente às atividades de âmbito nacional e internacional, é bastante diferente, a frequência neste género de atividades é baixa no entanto é o

segundo género de atividade em qual os caminheiros mais gostam de participar. Estas atividades permitem aos escuteiros experienciar a fraternidade mundial onde estão inseridos, e conseqüentemente educar e vivenciar a interculturalidade, contudo, são atividades que não acontecem com muita frequência (p.e. acampamentos nacionais em Portugal acontecem de 4 em 4 anos) devido a sua complexa organização e aos custos inerentes, quer para a organização quer para os participantes.

Também acerca das atividades de natureza institucional, os caminheiros afirmam acontecer com frequência no entanto não demonstram especial gosto por participar nas mesmas. Relativamente às atividades lúdico-recreativas, estas foram as mais equilibradas em termos de frequência de participação ainda assim, foram as que tiveram menores registos de preferência.

Por outro lado, existem géneros de atividades em que a concordância da preferência e participação acontece, como é o caso das atividades ao ar livre, sendo estas atividades as que os caminheiros mais preferem realizar e a segunda atividade com maior frequência de participação. Assim, compreende-se que uma das particularidades do Escutismo que é a Vida na Natureza, é efetivamente vivida na associação e é um elemento que os escuteiros apreciam, constituindo um dos elementos diferenciadores dos demais contextos de educação não formal.

Também as atividades de carácter cívico foram as terceiras com maior preferência e frequência de participação, o que nos leva a verificar a importância do CNE no desenvolvimento de valores cidadãos, nomeadamente no serviço ao próximo assim como, na consciencialização dos jovens para esta temática.

Por outro lado, a pouca participação e gosto dos caminheiros por atividades de carácter ambiental, revela-se controverso tendo em conta a perspetiva ambiental escutista patente em algumas das 7 maravilhas do método, como a Vida na Natureza, a Lei do Escuta e a Mística.

Os caminheiros quando questionados acerca dos contactos realizados com escuteiros de outros agrupamentos, a maioria (85%) referiu que os mantém e apenas 14% revela não realizar contactos regulares.

Assim, procurou compreender-se qual a periodicidade destes contactos, tendo em conta as estruturas organizativas do CNE. Os resultados são apresentados na tabela 6.

Tabela 6  
Periodicidade de contactos com outros escuteiros

	Periodicidade de comunicação				
	Nunca	Quase Nunca	Algumas vezes	Quase sempre	Sempre
1. Escuteiros de outros agrupamentos locais	6	6	74	71	41
2. Escuteiros da minha Região/Núcleo	4	14	74	66	39
3. Escuteiros de diferentes partes do país	38	48	64	33	14
4. Escuteiros de outros países da Europa	110	47	32	7	1
5. Escuteiros de outros países do mundo	128	48	19	0	2

Nota. N=197/198<sup>24</sup>. Dados recolhidos em inquérito por questionário aplicado aos caminheiros do CNE

Quanto ao grau dos contactos mantidos<sup>25</sup>, reconhece-se que os que se realizam com maior frequência são entre escuteiros de outros agrupamentos locais (n=112), seguindo-se os escuteiros da sua região ou núcleo (n=105) e escuteiros de diferentes partes do país (n=47). Relativamente a contactos efetuados com escuteiros de outros países da Europa e escuteiros de outros países do Mundo, estes são escassos tendo 157 respondido “Nunca” ou “Quase Nunca” que comunicavam com escuteiros de outros países da Europa e 176 em relação à comunicação com escuteiros de outros países do mundo, havendo apenas 20,3% dos escuteiros que refere comunicar com os escuteiros da Europa e 10,6% que comunicava com escuteiros de outros países do mundo.

Verifica-se assim que a comunicação entre escuteiros diminui na medida em que aumenta a distância física entre eles, facto associado à periodicidade de atividades conjuntas e ao custo monetário que estas envolvem.

Seguidamente os caminheiros foram questionados acerca do que significava para eles ser caminheiro, procurando classificar cada uma das afirmações consoante o seu grau de concordância, assim, apresentam-se os resultados na tabela 7.

<sup>24</sup> Estes valores diferem pois houve categorias às quais os inquiridos não responderam.

<sup>25</sup> Os valores apresentados nesta análise correspondem à soma dos valores das tabelas “Nunca” e “Quase Nunca” ou “Quase Sempre” e “Sempre”.

Tabela 7  
*Representação acerca o que é ser Caminheiro*

Atividades	Grau de Concordância				
	Concordo Totalmente	Concordo	Indeciso	Discordo	Discordo Totalmente
1. Um período de amadurecimento pessoal e social orientado pelos valores da Igreja e do escutismo	124	92	6	3	2
2. Um período de reflexão sobre os futuros papéis sociais que o jovem assumirá quando se tornar adulto	136	74	14	1	2
3. Uma etapa no escutismo onde os jovens demonstram todo o seu potencial de serviço aos outros	117	92	14	2	2
4. Uma oportunidade para se aprofundar a importância do escutismo na educação para a cidadania democrática	101	98	21	7	0
5. Um período de aprofundamento do sentido de Deus e da fé	87	107	23	6	4
6. Um período de preparação do escuteiro jovem para mais tarde assumir as funções do dirigente	40	78	41	49	19
7. Um período onde se descobre que o escutismo já não faz nenhum sentido	1	3	7	35	181
8. Uma etapa menos atraente no escutismo por não ter tantas atividades como nas outras secções	5	6	13	53	150
9. Uma etapa no escutismo desadequada aos interesses dos jovens com mais de 17 anos de idade	6	13	9	47	152

10. Um período onde o escuteiro se deve preocupar mais consigo do que com os outros	8	11	18	67	123
---	---	----	----	----	-----

*Nota.* Dados recolhidos em inquérito por questionário aplicado aos caminheiros do CNE

A partir dos dados da tabela<sup>26</sup> é possível evidenciar que a esmagadora maioria dos caminheiros (n=216/95,2%) concorda com o caminheirismo ser um período de amadurecimento pessoal e social orientado por valores da Igreja e do escutismo. Assim como, concordam que este estágio é um período de reflexão sobre os papéis sociais que encararão no futuro, quando forem adultos (n=210/92,5%). Também, cerca de 92% dos inquiridos assume, nesta etapa, demonstrar todo o seu potencial no serviço aos outros.

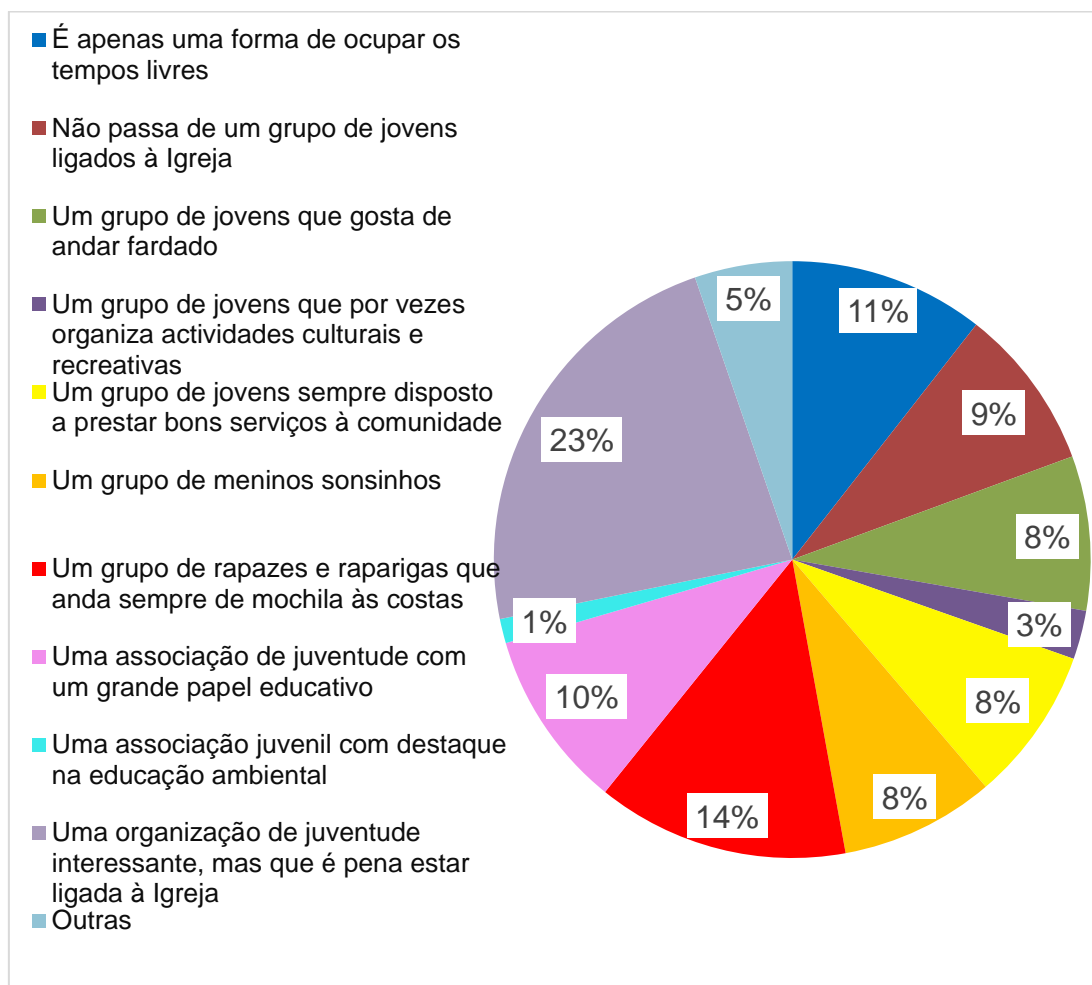
A maioria dos caminheiros (n=199/87,7%) vê no caminheirismo uma oportunidade de aprofundamento da educação para a cidadania democrática, e também um período de aprofundamento da fé e de Deus (n=194/85,5%). Cerca de 52% dos respondentes acreditam que a IV<sup>a</sup> secção é um período de preparação para ser dirigente.

Por outro lado, a grande maioria (n=216/95,2%) discorda com o caminheirismo ser uma etapa em que o escutismo já não faz sentido, assim como ser uma etapa menos atraente por não existirem tantas atividades como nas outras secções (n=203/89,4%). Os inquiridos discordam também com a ideia da IV<sup>a</sup> secção ser uma etapa desadequada aos interesses dos jovens (n=199/87,7%) e com ser um período onde o escuteiro se deve preocupar mais consigo do que com os outros (n=190/83,7%).

A partir desta análise verifica-se que os caminheiros compreendem o propósito desta etapa do seu percurso, que consiste em olhar menos para si próprio e procurar a sua felicidade fazendo os outros felizes, experienciando valores como a missão e a solidariedade. Desta forma, educa-se para uma consciência de comunidade, através da educação democrática por exemplo.

Os inquiridos foram questionados acerca das representações que os seus amigos não-escuteiros têm acerca do movimento e os resultados apresentam-se na figura 8.

<sup>26</sup> Os valores apresentados nesta análise correspondem à soma dos valores das tabelas “Discordo Totalmente” e “Discordo” ou “Concordo Totalmente” e “Concordo”.

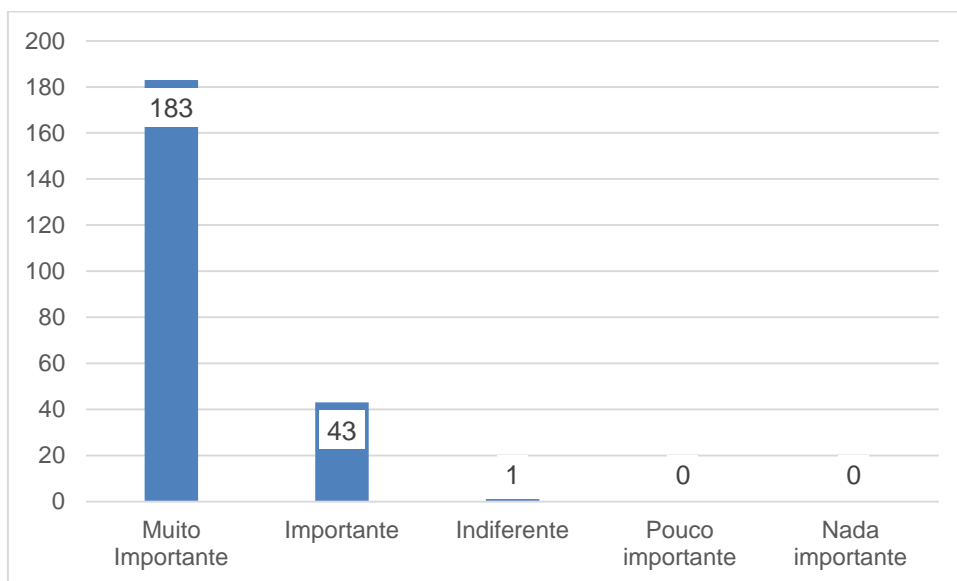


*Figura 8* Opinião dos amigos não-escuteiros acerca do Escutismo.

Dados recolhidos em inquérito por questionário aplicado aos caminheiros do CNE

Numa análise global do que pensam os amigos não escuteiros, a maioria dos jovens inquiridos (55%) tem representações positivas: 23% dos inquiridos afirma que os seus amigos veem o Escutismo como uma organização de juventude interessante, porém lamentam que esteja ligada à Igreja; 11% consideram ser uma associação juvenil com destaque na educação ambiental; 10% afirmam ser uma associação de juventude com um grande papel educativo; 8% um grupo sempre disposto a prestar bons serviços à comunidade e 3% um grupo de jovens que por vezes organiza atividades culturais e recreativas.

À questão “Como avalias o papel do Escutismo no desenvolvimento da tua pessoa como cidadão?” foi proposto que os inquiridos classificassem ao nível da sua importância, desta forma, apresenta-se a figura 9.

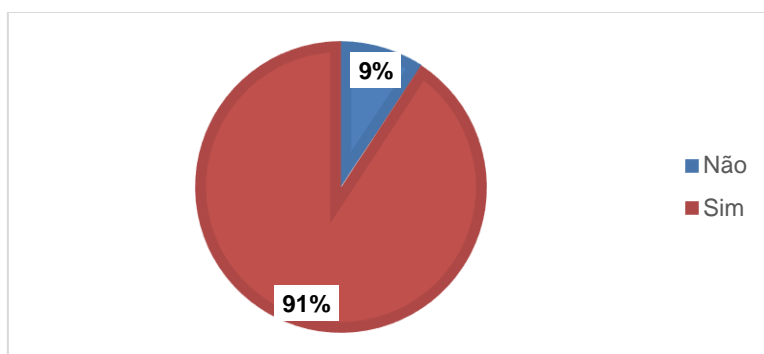


*Figura 9. Avaliação do papel do Escutismo no desenvolvimento cidadão.*

Dados recolhidos em inquérito por questionário aplicado aos caminheiros do CNE

A maioria dos caminheiros ( $n=183/80,6\%$ ) considera que o Escutismo é muito importante ou importante ( $n=43/18,9\%$ ), no seu desenvolvimento pessoal enquanto cidadão, e ninguém o considerou como pouco importante ou nada importante. Verifica-se assim, que os jovens escuteiros compreendem o trabalho desenvolvido no CNE ao nível da cidadania, um dos propósitos do Escutismo desde a sua origem.

Ainda acerca da Cidadania, foi questionado aos caminheiros se os jovens escuteiros se distinguem dos não-escuteiros na construção da democracia e cidadania, pelo que se apresentam os resultados na figura 10.



*Figura 10. Distinção de jovens escuteiros e não escuteiros em experiências cidadãs.*

Dados recolhidos em inquérito por questionário aplicado aos caminheiros do CNE

A maioria dos caminheiros inquiridos (91%) reconhece que o Escutismo é um fator distinguível na construção pessoal da democracia e cidadania, e apenas 9%



consideram que não é a pertença ao movimento que distingue as práticas democráticas e cidadãos dos indivíduos. O que nos leva a verificar que a maioria dos caminheiros associa o seu desenvolvimento cidadão ao Escutismo.

De seguida, solicitou-se aos inquiridos que classificassem as suas práticas como cidadão no dia-a-dia numa escala de 1 a 5, desta forma, apresentam-se os resultados desta análise na tabela 8.

Tabela 8  
Práticas Cidadãs dos Caminheiros no seu dia a dia

Práticas como cidadão	Mínimo					Total ponderado das respostas <sup>27</sup>
	1	2	3	4	5	
Respeito pelas diferenças (género, raça, credo e orientações sexuais)	1	0	5	56	165	1065
Respeito pelos afetos e emoções	1	1	12	66	147	1038
Respeito pelo património e pelo bem-comum	0	3	8	80	136	1030
Diálogo e solidariedade entre as gerações	1	4	20	83	119	996
Participação ativa na família e no espaço doméstico	0	6	28	113	80	948
Empenho na escola e no ofício do aluno	1	5	35	112	74	934
Condução segura, respeito pelo código da estrada	9	7	30	96	85	922
Ética no local de trabalho, na escola e nas relações profissionais	0	1	8	79	139	898
Adoção de comportamentos saudáveis	1	6	57	123	40	863
Envolvimento na paróquia e nos rituais da Igreja	11	33	57	84	42	794
Participação em ações de cariz ecológico e ambiental	6	18	65	109	29	789
Ativismo em causas sociais e na defesa dos direitos humanos	16	33	75	86	17	736
Pertença ativa a associações (para além do escutismo)	31	46	66	49	35	692
Participação em iniciativas de voluntariado	4	11	52	96	64	690
Participação política na esfera pública e nas instituições democráticas	39	47	96	34	11	612

Nota. Dados recolhidos em inquérito por questionário aplicado aos caminheiros do CNE

Verifica-se então que as práticas cidadãs que os caminheiros consideraram com maior ponderação no seu dia a dia são o respeito pelas diferenças (género, raça,

<sup>27</sup> Foi feita uma ponderação das respostas considerando os diferentes pesos 1,2,3,4 e 5.

credo e orientações sexuais) (n=1065), o respeito pelos afetos e emoções (n=1038) e respeito pelo património e pelo bem-comum (n=1030).

De seguida encontram-se o diálogo e solidariedade entre as gerações (n=996), a participação ativa na família e no espaço doméstico (n=948), o empenho na escola e no ofício do aluno (n=934) assim como, a condução segura e o respeito pelo código da estrada (n=922), entre outros.

Com menor ponderação encontra-se a participação política na esfera pública e nas instituições democráticas (n=612), a participação em iniciativas de voluntariado (n=690) e a pertença ativa a associações para além do escutismo (n=692).

Foi solicitado aos caminheiros que identificassem, na tabela 9, o principal contributo do Movimento.

Tabela 9  
*Contributos do Escutismo*

Contributos	N	%
O desenvolvimento de cidadãos ativos e participativos	80	35,2
A formação moral e cívica dos jovens	61	26,9
A metodologia pedagógica e educativa criada por B-P.	26	11,4
A construção do espírito de fraternidade entre os povos	17	7,5
Aprofundamento do sentido da solidariedade	13	5,7
O preenchimento de algumas lacunas educativas da escola	12	5,3
A consciência ambiental e a preservação da natureza	9	4
Outra opção	4	1,8
A aposta na valorização dos jovens face aos “perigos” que os ameaçam	3	1,3
O aprofundamento da relação dos jovens com Deus	2	0,9
Responsabilização dos jovens na vida democrática do país	0	0
O desenvolvimento saudável das aptidões físicas dos jovens	0	0
Total	227	100

*Nota.* Dados recolhidos em inquérito por questionário aplicado aos caminheiros do CNE

Através desta questão verificou-se que os caminheiros identificam como principal contributo do Movimento, o desenvolvimento de cidadãos ativos e participativos (n=80), seguido pela formação moral e cívica dos jovens (n=61). Desta forma, constata-se que a missão primária do Escutismo, a formação integral dos jovens, se mantém até à data de hoje, dando ênfase à educação para a Cidadania praticada pelo movimento.

Curiosamente, com um menor número de respostas encontra-se a consciência ambiental e a preservação da natureza (n=9), o que não vai ao encontro de um dos elementos mais importantes e característicos do CNE, a Vida na Natureza. Também o aprofundamento e a relação dos jovens com Deus apresenta apenas 2 respostas, o que não era de esperar uma vez que é na IV<sup>a</sup> secção que se dá maior enfoque à área da espiritualidade.

Acerca do contributo para o desenvolvimento intelectual de cada um dos contextos da vida dos caminheiros, solicitou-se que classificassem os mesmos por níveis. Os resultados apresentam-se na tabela 10.

Tabela 10  
*Contributos dos diversos contextos no Desenvolvimento Intelectual dos Caminheiros*

Desenvolvimento Intelectual (Aquisição de Conhecimentos)						
Instituição/Contexto	Mínimo Máximo					Total Ponderado das Respostas <sup>28</sup>
	1	2	3	4	5	
Escutismo	0	2	10	79	136	1030
Família	1	3	25	71	127	1001
Escola	2	3	20	99	103	979
Grupo de Amigos	1	8	61	121	36	864
Meios digitais de informação e comunicação (internet, redes sociais...)	5	23	81	85	33	799
Meios inform. e comunicação (TV, rádio...)	9	36	87	82	13	735
Igreja	15	38	80	73	21	728
Clube, Associação (desp., cultural...)	47	52	74	46	8	597

*Nota.* Dados recolhidos em inquérito por questionário aplicado aos caminheiros do CNE

Verifica-se que o contexto que os caminheiros consideram que mais influencia o seu desenvolvimento intelectual, é o escutismo (n=1030), seguido pela família (n=1001) e só depois a escola (n=979). Estes dados são curiosos uma vez que é a escola que detém à priori a dimensão instrutiva das crianças e jovens, é onde estes

<sup>28</sup> Foi feita uma ponderação das respostas considerando os diferentes pesos 1,2,3,4 e 5.

passam a maior parte do seu dia, assim seria espectável que fosse a escola o contexto ao qual conferissem a função primária de aquisição de conhecimentos. Só depois aparecem o grupo de amigos (n=864), os meios digitais de informação e comunicação (n=799), os meios de informação e comunicação (n=735), a igreja (n=728) e por fim, os clubes e associações (n=597).

Seguidamente, solicitou-se que se pronunciassem acerca dos contributos dos vários contextos no desenvolvimento moral e ético. Os resultados apresentam-se na tabela 11.

Tabela 11  
*Contributos dos diversos contextos no Desenvolvimento Moral e Ético dos Caminheiros*

Desenvolvimento Moral e Ético						
(valores)						
Instituição/Contexto	Mínimo					Total Ponderado das Respostas <sup>29</sup>
	1	2	3	4	5	
Escutismo	0	1	3	37	186	1089
Família	2	2	11	33	179	1066
Igreja	10	18	54	80	65	853
Grupo de Amigos	1	18	70	107	31	830
Escola	4	19	68	99	37	827
Meios digitais de informação e comunicação (internet, redes sociais...)	38	70	80	27	12	586
Clube, Associação (desp., cultural...)	61	43	74	38	11	576
Meios inform. e comunicação (TV, rádio...)	44	74	77	27	5	556

*Nota.* Dados recolhidos em inquérito por questionário aplicado aos caminheiros do CNE

Relativamente ao contexto Moral e Ético também o Escutismo ocupa o primeiro lugar (n=1089), seguido pela família (n=1066) e depois pela igreja (n=853). Ou seja, os caminheiros consideram que o contexto que mais lhes permitiu a aquisição e experiência de vários de valores foi o escutismo, sobrepondo-se à escola (n=827) que

<sup>29</sup> Foi feita uma ponderação das respostas considerando os diferentes pesos 1,2,3,4 e 5.

é o local onde passam a maior parte do seu dia, logo onde é expectável adquirirem competências morais e éticas.

Acerca dos contributos dos diversos contextos no desenvolvimento relacional, apresenta-se a tabela 12.

Tabela 12

*Contributos dos diversos contextos no Desenvolvimento Relacional dos Caminheiros*

Desenvolvimento Relacional (relações sociais)						
Instituição/Contexto	Mínimo Máximo					Total Ponderado das Respostas <sup>30</sup>
	1	2	3	4	5	
Escutismo	0	1	6	38	182	1081
Grupo de Amigos	0	1	14	61	151	1043
Família	1	4	33	68	121	985
Escola	4	5	40	101	77	923
Igreja	25	39	83	55	25	697
Clube, Associação (desp., cultural...)	41	33	61	63	29	687
Meios digitais de informação e comunicação (internet, redes sociais...)	26	46	75	57	23	686
Meios inform. e comunicação (TV, rádio...)	56	60	80	25	6	546

*Nota.* Dados recolhidos em inquérito por questionário aplicado aos caminheiros do CNE

Acerca do desenvolvimento relacional, é o escutismo (n= 1081) o contexto que os inquiridos consideram que melhor lhe permitiu a evolução de relações sociais. De seguida, encontramos o grupo de amigos (n=1043), e a família (n=985), seguidos da escola (n=923), da igreja (n=697), dos clubes e associações (n=687), dos meios digitais de informação e comunicação (n=686) e dos meios de informação e comunicação (n=546).

De seguida, pediu-se também que se pronunciassem acerca da influência de cada um dos contextos no seu desenvolvimento afetivo, sendo que os resultados se apresentam na tabela 13.

<sup>30</sup> Foi feita uma ponderação das respostas considerando os diferentes pesos 1,2,3,4 e 5.

Tabela 13  
*Contributos dos diversos contextos no Desenvolvimento Afetivo dos Caminheiros*

Desenvolvimento Afetivo						
Instituição/Contexto	Mínimo					Total Ponderado das Respostas <sup>31</sup>
	1	2	3	4	5	
Escutismo	0	2	6	51	168	1066
Grupo de Amigos	0	1	13	77	136	1029
Família	2	4	20	49	152	1026
Escola	10	23	83	70	41	790
Igreja	30	26	78	54	39	727
Clube, Associação (desp., cultural...)	61	41	68	46	11	586
Meios digitais de informação e comunicação (internet, redes sociais...)	52	60	74	30	11	569
Meios inform. e comunicação (TV, rádio...)	73	61	68	22	3	502

*Nota.* Dados recolhidos em inquérito por questionário aplicado aos caminheiros do CNE

Em relação ao desenvolvimento afetivo dos caminheiros, os mesmos consideraram uma vez mais o escutismo (n=1066) como o contexto privilegiado a esse crescimento. Em segundo lugar encontra-se o grupo de amigos (n=1029) e em terceiro a família (n=1026). Seguidos pela escola (n=790), pela igreja (727), pelos clubes e associações (n=586), pelos meios digitais de informação e comunicação (n=569) e pelos meios de informação e comunicação (n=502).

Na tabela 14 apresentam-se os resultados da influência de cada um dos contextos da vida dos caminheiros no desenvolvimento Espiritual.

<sup>31</sup> Foi feita uma ponderação das respostas considerando os diferentes pesos 1,2,3,4 e 5.

Tabela 14

*Contributos dos diversos contextos no Desenvolvimento Espiritual dos Caminheiros*

Desenvolvimento Espiritual						
Instituição/Contexto	Mínimo					Total Ponderado das Respostas <sup>32</sup>
	1	2	3	4	5	
Escutismo	3	3	18	58	145	1020
Igreja	9	13	24	60	121	952
Família	10	16	48	70	83	881
Grupo de Amigos	41	61	73	38	14	604
Escola	71	62	61	23	10	520
Meios digitais de informação e comunicação (internet, redes sociais...)	105	44	65	9	4	444
Meios inform. e comunicação (TV, rádio...)	120	38	56	12	1	417
Clube, Associação (desp., cultural...)	129	46	43	7	2	388

*Nota.* Dados recolhidos em inquérito por questionário aplicado aos caminheiros do CNE

No desenvolvimento Espiritual, é o escutismo (n=1020) o contexto ao qual os caminheiros concedem maior influência, seguido pela Igreja (n=952) e em terceiro lugar pela família (n=881).

Por fim, relativamente ao desenvolvimento físico apresenta-se na tabela 15 a influência de cada um dos contextos da vida dos inquiridos.

<sup>32</sup> Foi feita uma ponderação das respostas considerando os diferentes pesos 1,2,3,4 e 5.



Tabela 15  
*Contributos dos diversos contextos no Desenvolvimento Físico dos Caminheiros*

Desenvolvimento Físico						
Instituição/Contexto	Mínimo					Total Ponderado das Respostas <sup>33</sup>
	1	2	3	4	5	
Escutismo	2	1	21	85	118	997
Escola	6	12	47	99	63	882
Família	9	25	71	80	42	802
Clube, Associação (desp., cultural...)	45	14	31	58	79	789
Grupo de Amigos	14	20	62	99	32	769
Meios digitais de informação e comunicação (internet, redes sociais...)	94	46	63	18	6	477
Meios inform. e comunicação (TV, rádio...)	110	44	54	18	1	437
Igreja	107	54	51	11	4	432

*Nota.* Dados recolhidos em inquérito por questionário aplicado aos caminheiros do CNE

Sobre o contexto que mais contribui para o desenvolvimento físico dos caminheiros, os mesmos elegeram o escutismo (n=997) em primeiro lugar, a escola (n=882) em segundo e a família em terceiro (n=802).

Ao analisar os resultados obtidos em todos os campos de desenvolvimento, compreendemos que o escutismo é o contexto mais distinguido pelos respondentes em todas as áreas. Não obstante, a importância da família no desenvolvimento global dos caminheiros não é descurado, pelo que ocupa em todas as áreas de desenvolvimento o segundo ou terceiro lugar. Também o grupo de amigos é relevante no desenvolvimento relacional e afetivo dos inquiridos, bem como a igreja nos campos do desenvolvimento moral e ético e espiritual. A escola é também tida em conta no desenvolvimento intelectual e físico.

Assim, os resultados obtidos são inequívocos quanto à consciência dos inquiridos acerca da importância de cada um dos contextos no seu desenvolvimento, dando destaque ao Escutismo na formação integral dos indivíduos. Distinguindo-se

<sup>33</sup> Foi feita uma ponderação das respostas considerando os diferentes pesos 1,2,3,4 e 5.

assim da escola, que detém a maior carga horária de formação diária dos respondentes, bem como dos demais contextos de educação não formal como os Clubes e Associações desportivas e culturais.

Verifica-se então que a metodologia e o Projeto Educativo do Escutismo permitem que o CNE consiga efetivamente desenvolver globalmente o jovem.

- **A Educação, a Escola e Escutismo**

Relativamente às representações que os caminheiros têm acerca da escola e do escutismo, solicitou-se que classificassem cada uma das afirmações segundo o grau de concordância. Os resultados apresentam-se na tabela 16.

Tabela 16  
*Grau de opinião sobre a escola e o escutismo*

Afirmações	Grau de Opinião				
	Concordo Totalmente	Concordo	Indeciso	Discordo	Discordo Totalmente
1. A escola continua a ser uma instituição importante para preparar o futuro profissional dos jovens	87	117	11	6	6
2. O método escutista do “aprender fazendo” deveria ser uma prática pedagógica da escola	139	65	17	4	2
3. Do ponto de vista de uma educação ambiental, o escutismo suplanta largamente a escola	99	91	29	5	3
4. O escutismo é a organização mais bem preparada para facultar outras aprendizagens e saberes aos jovens	86	99	32	8	2
5. A minha experiência no escutismo permite-me tirar melhor partido da escola	66	112	35	9	5
6. Era desejável que escola e o escutismo trabalhassem em conjunto	79	75	46	23	4
7. A educação fornecida na escola é sobretudo	31	121	33	34	8

uma educação livresca e de transmissão de conhecimentos					
8. De um modo geral, a escola e os professores não valorizam as aprendizagens fora da escola	32	80	45	52	18
9. A escola é a instituição mais importante de educação existente na sociedade	24	79	43	63	18
10. A escola desenvolve uma educação de valores mais plural e aberta que o escutismo	9	18	47	91	62
11. Os conteúdos da educação escolar são mais úteis no dia-a-dia que os conteúdos do escutismo	5	14	68	98	42
12. A escola é apenas valorizada pelos jovens como um local de convívio e de amizades	7	48	40	115	17
13. A escola é o melhor lugar para a aprendizagem dos valores da democracia e da cidadania	3	44	72	86	22
14. A educação escolar valoriza o mérito e o esforço individual dos alunos	9	74	59	67	18
15. Sinto que os professores valorizam o facto de eu estar no escutismo	13	62	77	50	25

*Nota.* Dados recolhidos em inquérito por questionário aplicado aos caminheiros do CNE

A maioria dos caminheiros<sup>34</sup> (n=204/89,9%) concorda com a perceção da escola como uma instituição importante para a formação profissional dos jovens, assim como consideram que o “aprender fazendo” do método escutista deveria ser uma prática pedagógica na escola (n=204/89,9%). Acerca da educação ambiental, pensam também que o escutismo desenvolve um trabalho mais válido do que a escola

<sup>34</sup> Os valores apresentados nesta análise correspondem à soma dos valores das tabelas “Discordo Totalmente” e “Discordo” ou “Concordo Totalmente” e “Concordo”.

(n=190/83,7%) e acreditam que o escutismo está melhor preparado que a escola para facultar aprendizagens e saberes aos jovens (n=185/81,5%).

78,4% dos caminheiros (n=178) concorda que o escutismo lhe permite tirar melhor partido da escola, e consideram que o desejável era que as duas instituições trabalhassem em conjunto (n=154/67,8%), uma vez que a educação fornecida pela escola é essencialmente livresca e de transmissão de conhecimentos (n=152/67%).

Os inquiridos concordam ainda que, de um modo geral as aprendizagens fora da escola não são consideradas pelos professores (n=112/49,3%) e consideram a escola a instituição mais importante de educação existente na sociedade (n=103/45,4%).

Por outro lado, a maioria dos caminheiros (n=153/67,4%) não concorda com a afirmação “A escola desenvolve uma educação mais plural e aberta que o escutismo”, nem com os conteúdos da escola serem mais uteis no dia-a-dia que os do escutismo (n=134/59%). 58,1% (n=132) discorda também com o facto da escola ser valorizada pelos jovens como um local de convívio e amizade.

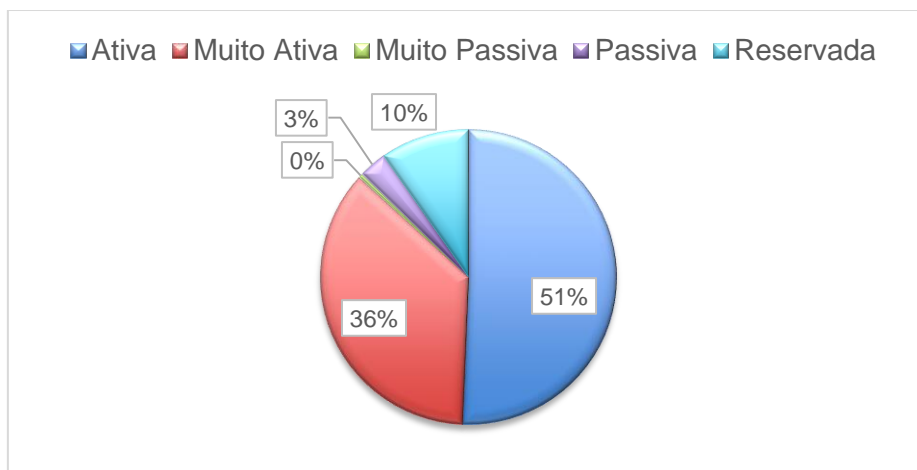
Cerca de 45,8% dos respondentes considera também que a escola não é o melhor lugar para a aprendizagem dos valores da democracia e da cidadania e 37,4% não consideram que a escola valorize o mérito e o esforço individual dos alunos.

Relativamente à percepção que os caminheiros têm acerca da valorização da pertença ao escutismo por parte dos professores, os mesmos encontram-se indecisos (n=77/33,9%).

Compreendemos assim que os caminheiros conferem à escola o papel da instituição educativa mais importante na sociedade, no entanto esta tem importância praticamente apenas da vida profissional futura dos jovens. Enquanto ao escutismo é valorizada a educação para os valores, a educação ambiental e a educação de conteúdos uteis para o dia a dia do jovem. Relativamente à relação escola/escutismo, salienta-se o sentimento dos inquiridos para a não valorização dos professores para o facto dos mesmos pertencerem ao escutismo, bem como, a sugestão da escola e do escutismo trabalharem em conjunto, implementando o “aprender fazendo” como prática pedagógica na educação formal.

- **A Família e o Contexto Doméstico**

Relativamente à participação dos caminheiros no seio familiar solicitou-se que classifikassem a mesma, e apresentam-se os dados na figura 11.

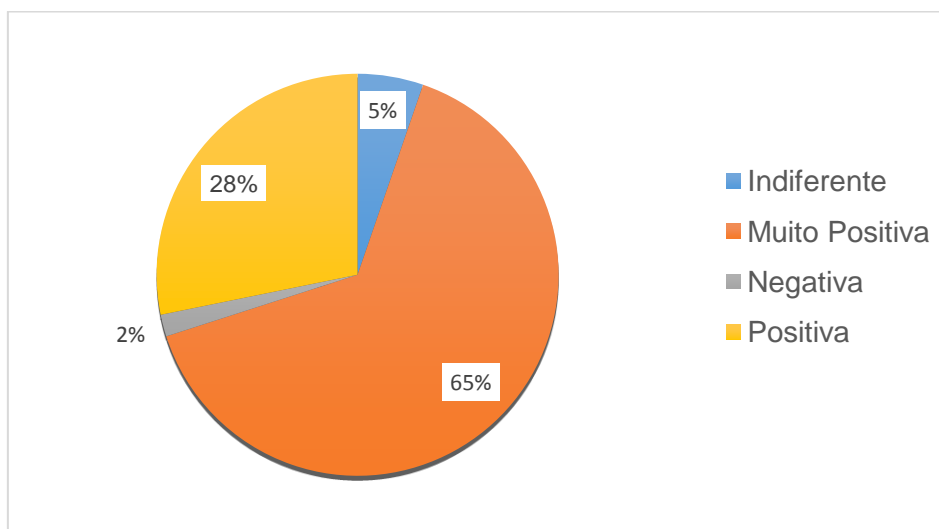


*Figura 11.* Nível de participação no agregado familiar. Dados recolhidos em inquérito por questionário aplicado aos caminheiros do CNE

Constatou-se que mais de metade dos caminheiros (51%) afirmou ter uma participação ativa no agregado familiar, 36% reconhece a sua participação como muito ativa e apenas 13% a considera passiva ou reservada.

Assim sendo, reconhece-se que estes caminheiros têm uma participação efetiva na sua família, tal como solicitado pelo 3º Princípio do Escuta “O dever do Escuta começa em casa”.

De seguida, solicitou-se que os inquiridos classifikassem de que forma vêem os seus pais a pertença ao movimento, assim, apresentam-se os resultados na figura 12.



*Figura 12.* Grau de aceitação dos pais ao Escutismo. Dados recolhidos em inquérito por questionário aplicado aos caminheiros do CNE

Relativamente à visão que os pais dos caminheiros têm acerca da sua pertença ao movimento, 65% dos respondentes afirmaram ter algo muito positivo, 28% classificaram-na como positiva e apenas 7% como indiferente ou negativa. Verifica-se então que a maioria dos pais dos caminheiros considera a pertença dos seus filhos ao escutismo como algo positivo, como uma atividade que os enriquece.

- **Religião**

Acerca da caracterização da prática religiosa, solicitou-se aos caminheiros que optassem pela afirmação com que mais se identificavam, assim apresentam-se os dados da tabela 17.

Tabela 17  
*Caracterização da prática religiosa dos Caminheiros*

Como caracterizas a tua prática religiosa?	n	%
Vou à missa diariamente e comungo	8	3,5
Vou à missa diariamente mas não comungo	3	1,3
Vou à missa ao Domingo e comungo	71	31,3
Vou à missa ao Domingo mas não comungo	14	6,1
Vou ocasionalmente à missa	66	29
Vou apenas à missa nas atividades dos escuteiros	52	22,9
Não vou à missa	3	1,3
Outras	10	4,4

*Nota.* Dados recolhidos em inquérito por questionário aplicado aos caminheiros do CNE

No que diz respeito à prática religiosa dos respondentes, (31,3%) afirmam-na como prática semanal onde comungam, seguida pelos inquiridos que referem ir à missa ocasionalmente (29%) e pelos caminheiros que afirmam à missa apenas nas atividades dos escuteiros (22,9%). Poucos são os que fazem da Eucaristia prática diária (4,8%) e os que afirmam não ir à missa em ocasião alguma (1,3%).

Na tabela 18 encontramos os resultados à questão da atitude dos inquiridos perante Deus, na qual tinham que optar pela afirmação com que mais se identificavam.

Tabela 18  
*Atitude perante Deus*

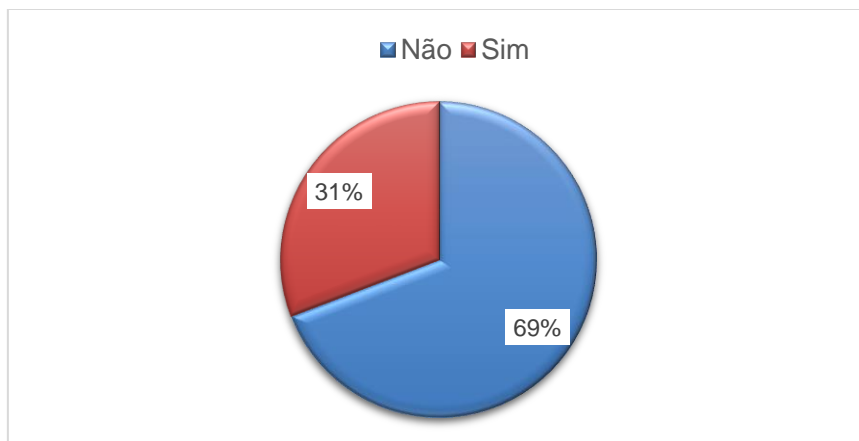
Diz-nos qual é a tua atitude perante Deus.	n	%
Creio em Deus e tento que Ele esteja sempre presente em todos os aspetos da minha vida	87	38,3
Creio em Deus, mas por vezes coloco em dúvida a Sua existência	81	35,6
Tento esforçar-me por crer em Deus, porque quero continuar no escutismo	8	3,5
Não creio em Deus, mas participo nas atividades religiosas por ser escuteiro	22	9,6
Não creio em Deus e talvez seja a razão para eu abandonar futuramente o escutismo	3	1,3
Creio em Deus, mas não me identifico com a Igreja Católica	15	6,6
Outras	11	4,8

*Nota.* Dados recolhidos em inquérito por questionário aplicado aos caminheiros do CNE

Relativamente à atitude dos inquiridos perante Deus, (38,3%) afirma crer em Deus e tenta que Ele esteja presente em todos os aspetos da sua vida. Também com um elevado número de respostas (35,6%) está a crença a Deus ainda que colocando em dúvida a sua existência. Salientam-se também as respostas às afirmações “Tento esforçar-me por crer em Deus, porque quero continuar no escutismo” com 3,5%, “Não creio em Deus, mas participo nas atividades religiosas por ser escuteiro” com 9,6% e “Não creio em Deus e talvez seja a razão para eu abandonar futuramente o escutismo” com 1,3%.

Assim, relativamente às atitudes dos inquiridos acerca da religião existe uma concordância entre a atitude perante Deus e a prática religiosa, a maioria dos caminheiros admite crer em Deus bem como, afirma ir à missa semanalmente e comungar. Ainda assim, realça-se a elevada percentagem de caminheiros que só vai a missa em atividades de escuteiros (22,9%) e a quantidade de caminheiros (n=48/21%) que admite não crer em Deus ou não se identificar com a Igreja Católica.

Relativamente à pertença a mais associações para além do escutismo, os caminheiros responderam conforme a figura 15.



*Figura 10.* Participação em associações. Dados recolhidos em inquérito por questionário aplicado aos caminheiros do CNE

A maioria dos inquiridos (69%) afirma não pertencer a mais nenhuma associação, e apenas 31% admite fazer parte de outras associações.

Na tabela 19 podemos observar qual a natureza das associações a que pertencem os 65 escuteiros que optaram por responder a esta questão optativa.



Tabela 19  
*Natureza da Associação a que pertencem*

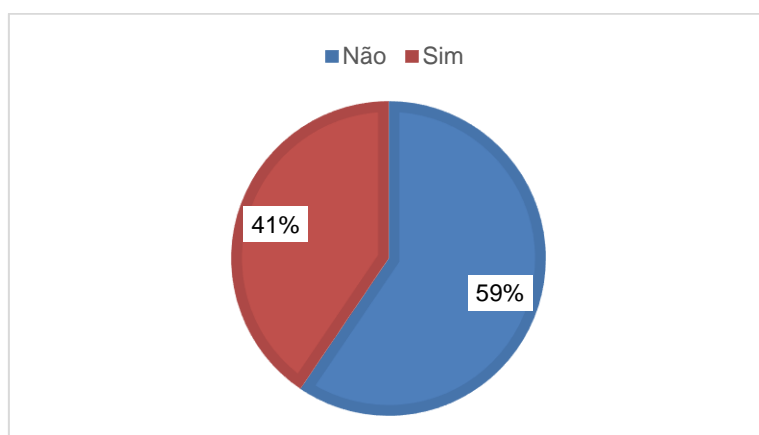
Natureza da Associação	N	%
Desportiva	19	29,2
Cultural	14	21,5
Recreativa	2	3
Política	12	18,4
Cívica	8	12,3
Ambiental	0	0
Religiosas	10	15,3

*Nota.* Dados recolhidos em inquérito por questionário aplicado aos caminheiros do CNE

A maior parte dos caminheiros (29,2%) pertencem a associações desportivas. Em segundo lugar encontramos as associações de natureza cultural como bandas filarmónicas, grupos de teatro, entre outros (21,5%), 18,4% dos caminheiros pertencem também a associações de natureza política como Juventude Popular ou associações académicas. Salientam-se também os caminheiros que pertencem a associações religiosas (15,3%) como grupos de jovens, acólitos ou catequese.

Constata-se então que os escuteiros que pertencem a outras associações de ENF, pertencem maioritariamente a associações de cariz desportivo ou cultural, descurando as de cariz recreativo, cívico ou ambiental.

Relativamente à prática de Voluntariado, questionaram-se os caminheiros se o fazem ou não fora do Escutismo, e apresentam-se os resultados na figura 16.



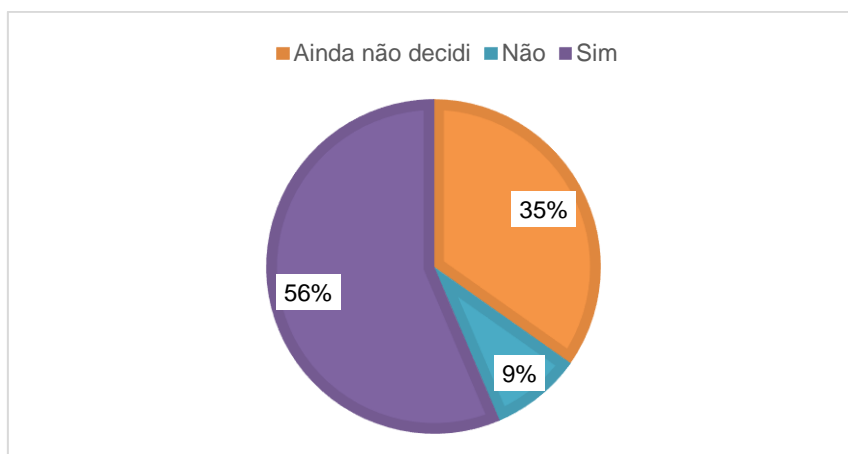
*Figura 11.* Prática de Voluntariado fora do Escutismo. Dados recolhidos em inquérito por questionário aplicado aos caminheiros do CNE

Verifica-se que a maioria dos respondentes (59%) não pratica voluntariado fora do movimento escutista e que 41% dos caminheiros refere praticar, não se verificando uma grande discrepância na prática desta temática.

## 4.2. Análise Qualitativa

### A continuidade do Movimento Escutista após o Caminheirismo

No sentido de recolher dados sobre a continuidade dos caminheiros no movimento escutista colocou-se a seguinte questão: “Após ultrapassares a idade limite do caminheirismo vais continuar ligado(a) ao CNE e ao movimento escutista?”. Na figura 17 apresentam-se os dados da mesma.



*Figura 12.* Continuação no Escutismo. Dados recolhidos em inquérito por questionário aplicado aos caminheiros do CNE

Os dados do gráfico permitem-nos evidenciar que 56% dos respondentes assumem que querem continuar no movimento, 35% ainda se encontram numa fase de indecisão e apenas 9% é que assumem que não querem continuar no movimento.

Relativamente aos 21 respondentes que assumiram que não queriam continuar no movimento, foi-lhes solicitado que indicassem as razões desta decisão. Na tabela 20 apresentamos as justificações e a frequência das mesmas.

Tabela 20  
*Justificação para a não continuidade no Escutismo*

Categoria	Subcategorias	Frequência
Justificações apresentadas para a não continuidade no movimento	Questões profissionais	4
	Excesso de responsabilidade	4
	Necessidade de distanciamento	3
	Indisponibilidade de tempo	3
	Orientação Sexual	2
	Planos Pessoais	2
	Incompatibilidade com a Equipa de Animação	2
	Falta de interesse em continuar	2
	Não identificação com a Religião	1
Total		23

*Nota.* Dados recolhidos em inquérito por questionário aplicado aos caminheiros do CNE

Os dados da tabela permitem-nos destacar que questões relacionadas com a profissão e a responsabilidade do próprio cargo são as duas justificações com maior número de frequência (4 cada). No caso da primeira justificação, é evidente que os respondentes têm a noção que a sua vida profissional condiciona que assumam o papel de chefe. No caso da segunda denota-se que existe uma preocupação em relação à responsabilidade que é exigida pelo cargo, tal como é evidenciado no seguinte testemunho “Ser dirigente exige um grande compromisso” (R21).

Destaca-se a necessidade de distanciamento e a indisponibilidade de tempo, com 3 unidades de registo cada. No caso da primeira justificação os respondentes evidenciam a necessidade de conhecer outros contextos para além do escutismo, como podemos verificar pelo seguinte testemunho “a resposta passa por fazer e viver outras coisas que não conheço” (R5). Acerca da justificação de indisponibilidade de tempo denota-se uma consciencialização sobre a quantidade de tempo necessário dispensar à tarefa de Dirigente Escuteiro.

Com menor número de unidades de registo estão as justificações relacionadas com a orientação sexual, os planos pessoais, a incompatibilidade com a Equipa de Animação, todas elas com 2 unidades cada. A não identificação com a religião católica encontra-se apenas numa unidade de registo. Relativamente à subcategoria “Orientação Sexual” verifica-se que existe a perceção de que a opção não está de acordo com a religião católica, como se pode ler no testemunho “A igreja não aceita a

minha orientação sexual” (R10). Acerca das subcategorias “Planos Pessoais” e “Indisponibilidade de tempo” priorizam-se outros projetos onde o Escutismo não tem lugar. Em relação à Equipe de Animação, os respondentes revelaram que a “fraca empatia com a equipa de animação” (R18) condiciona a permanência no agrupamento.

Por fim, relativamente à não identificação com a religião católica, ainda que haja apenas 1 unidade de registo, reconhece-se a pertinência da mesma uma vez que o CNE é uniconfessional e confessa a fé católica, logo se o Dirigente não se identificar com a mesma, dificilmente conseguirá educar as crianças e jovens sobre esse prisma.

Esta análise permite-nos verificar que os caminheiros compreendem a importância e dedicação associados à função de dirigente do CNE, ao referenciarem a impossibilidade de compatibilizar o escutismo com a vida profissional. Também o reconhecimento da responsabilidade inerente ao cargo de Dirigente e a verificação da impossibilidade de dissociação das regras e normas da Igreja Católica com o CNE, demonstram a compreensão da exigência do cargo.

#### Opinião dos Inquiridos sobre a posição oficial da igreja católica sobre a sexualidade

No sentido de compreender qual a opinião dos caminheiros relativamente à posição da Igreja Católica quanto à sexualidade, colocou-se a questão “Concordas com a posição oficial da igreja católica sobre a sexualidade?”. Pelo que, 71% dos respondentes afirmou não concordar (n=161) e apenas 29% (n=66) referiu concordar.

Aos caminheiros que responderam que não concordavam foi-lhes solicitado que apresentassem as razões que justificavam a sua resposta. Porém, dos 161 caminheiros que não concordavam, apenas 105 apresentaram os seus argumentos. Na tabela 21 apresentamos as razões evidenciadas.

Tabela 21

*Justificação acerca da não concordância com a posição da Igreja Católica relativamente à sexualidade*

<b>Categoria</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Frequências</b>
Contra a posição da Igreja acerca da Sexualidade	Orientação sexual ser diferente da norma	36
	Relações sexuais antes do casamento	5
	Métodos Contracetivos	2
	Aborto	2
Desatualização da Igreja Católica	Desatualizada e rígida	19
Falta de apoio da Igreja Católica	Necessidade de apoio da Igreja Católica	16
	Total	80 <sup>35</sup>

*Nota.* Dados recolhidos em inquérito por questionário aplicado aos caminheiros do CNE

A partir dos dados da tabela é possível evidenciar que 45 (56,2%) dos respondentes desta questão, é contra a posição da igreja sobre a sexualidade, dos quais 36 se opõem à posição da igreja em relação à orientação sexual ser diferente da norma, 5 são contra a posição da igreja relativamente às relações sexuais antes do casamento, 2 são contra a postura da igreja acerca dos métodos contracetivos e outros 2 relativos à temática do aborto.

De seguida, com maior número de unidades de registo encontram-se opiniões opostas como a desatualização e rigidez da Igreja Católica (n=19/23,8%), onde os indivíduos a admitem como “retrógrada.” (R98) e defendem que é indispensável uma evolução da igreja.

Por último, com 16 unidades de registo (20%) apresenta-se a necessidade de apoio da Igreja Católica, onde os respondentes acusaram a Igreja de não praticar valores que eles consideram essenciais como a tolerância, o respeito e a igualdade.

---

<sup>35</sup> Optou por não se analisar as 25 unidades em falta.

## CONCLUSÃO

O presente estudo incidiu sobre a temática da Educação para a Cidadania vivida dentro do Escutismo Católico Português, o CNE, procurando compreender de que forma é que a metodologia escutista desenvolve competências cidadãs nos jovens. Assim, esta dissertação resulta de uma investigação realizada com jovens entre os 17 e os 23 anos, pertencentes ao CNE. Privilegiaram-se métodos de natureza mista como a análise documental a documentos reguladores do CNE, estudos académicos e livros acerca da temática do Escutismo, e o inquérito por questionário aplicado a caminheiros a nível nacional.

Recuperando a questão de partida pretendia-se compreender se “a metodologia escutista favorece o desenvolvimento de competências cidadãs nos jovens?” com a finalidade de compreender qual o papel do CNE na aquisição de competências pessoais dos jovens. No que se refere ao contributo dos diversos contextos, os caminheiros inquiridos consideraram o Escutismo como o contexto que mais contribui para o seu desenvolvimento Intelectual, Moral e Ético, Relacional, Afetivo, Espiritual e Físico. Deste modo é evidente a importância do CNE na formação integral dos jovens e do papel que os contextos de educação não formal podem ter.

Relativamente ao percurso escutista dos jovens caminheiros, salientam-se as seguintes conclusões: as atividades desenvolvidas ao ar livre como os acampamentos, são as que se realizam de forma mais frequente e também as que os caminheiros mais gostam de realizar, pelo que se verifica que a maravilha do método, Vida na Natureza é de facto experienciada e apreciada pelos jovens escuteiros constituindo assim um fator diferenciador do Escutismo dos restantes contextos de Educação Não Formal. Também as atividades de carácter cívico, como por exemplo as atividades de voluntariado, são muito frequentes e apreciadas pelos inquiridos, o que nos leva a constatar a real importância do CNE com o desenvolvimento de valores cidadãos como a solidariedade e a responsabilidade pela sua comunidade.

Verificou-se também que os caminheiros compreendem o propósito desta etapa do percurso como um período de amadurecimento social e pessoal, um período de serviço aos outros e um período de aprofundamento da educação democrática.

De uma forma mais geral, no que diz respeito ao Movimento, os caminheiros reconhecem que o maior contributo do mesmo é o desenvolvimento de cidadãos ativos e participativos bem como, a formação moral e cívica dos jovens.

No que diz respeito à relação da Educação, da Escola e do Escutismo foi possível concluir que os caminheiros classificam a escola como a instituição mais importante para a formação profissional dos jovens, no entanto consideram que o escutismo está melhor preparado que a escola para facultar aprendizagens e saberes aos jovens e pensam que o escutismo lhes permite tirar melhor partido da escola.

Relativamente à Família e ao Contexto Doméstico, conclui-se que os pais dos inquiridos têm uma visão muito positiva acerca da pertença dos filhos ao movimento, e também que os caminheiros têm uma participação ativa no seio familiar como lhes é solicitado na Lei do Escuta.

Acerca da Religião, destaca-se a discordância dos respondentes com a posição oficial da Igreja Católica quanto à sexualidade visto que são contra a perceção que a Igreja tem da homossexualidade, das relações antes do casamento, dos métodos contracetivos e do aborto. Existiram também caminheiros que classificaram a Igreja como desatualizada e rígida e outros que referiram a falta de apoio da Igreja acerca deste tema.

Face a estas conclusões podemos confirmar que a análise documental nos permite avaliar o primeiro objetivo definido, e os dados recolhidos através do inquérito por questionário permitem avaliar o segundo e o terceiro objetivos, que a seguir especificamos.

Foram então deliniados três objetivos, sendo o primeiro “Analisar as questões da Cidadania na metodologia Escutista” segundo o qual foi possível compreender que a aquisição das competências cidadãs, ou seja, o desenvolvimento de valores, capacidades e compreensão (Crick, 2000), se realiza transversalmente em todas as atividades escutistas, através do Projeto Educativo do CNE e da materialização das 7 Maravilhas do Método.

Relativamente ao segundo objetivo “Compreender as dinâmicas de participação vividas pelos jovens escuteiros nos grupos que frequentam” verificou-se que os jovens participam em todas as decisões relativas à sua aprendizagem. Desde a escolha do seu progresso pessoal e a validação dos objetivos a que se propuseram, passando pela elaboração e escolha do projeto a desenvolver em unidade, até à deliberação de problemas da secção, tudo isto são dinâmicas nas quais os escuteiros participam ativamente, o que lhes permite aprender e adquirir “capacidades, valores, atitudes, compreensão e conhecimento necessários para a participação na

comunidade e para a preparação da participação como cidadãos na nossa democracia parlamentar e no mundo político em geral.” (Crick, 2000, p. 106).

O terceiro objetivo “Explorar a vivência do voluntariado nos jovens escuteiros dentro e fora do movimento” teve como conclusões o facto de os escuteiros praticarem voluntariado dentro do CNE de forma frequente, no entanto a maioria dos jovens inquiridos não realiza voluntariado fora do movimento. Tal fenómeno deve-se provavelmente à falta de tempo e disponibilidade dos mesmos, uma vez que a maioria ainda é estudante e o tempo que sobra entre faculdade/escola, escutismo e família é pouco.

Este estudo, permite-nos assim afirmar que o papel que o CNE desempenha no desenvolvimento integral dos jovens, nomeadamente nas competências cidadãs, é positivo e deve existir continuidade. Através da sua metodologia e consequentemente das suas dinâmicas de participação torna-se possível a aquisição destas competências de forma mais eficaz. No entanto, observou-se significativa discordância dos mesmos com um dos elementos reguladores da associação, a religião.

Quanto aos efeitos desejados e objetivos pretendidos, constata-se que os ganhos não se circunscreveram à investigação em si mas também à investigadora, tanto a nível pessoal como profissional. Foi-lhe dada a possibilidade de refletir profundamente sobre a temática estudada e construir uma opinião mais construtiva e objetiva acerca da mesma, a fim de compreender melhor a realidade.

Muitos dos dados recolhidos apontam para novas linhas de investigação às quais se considera pertinente dar continuidade.





## REFERÊNCIAS

- AEP. (2018). Página da Associação de Escoteiros de Portugal. <https://www.escoteiros.pt>
- Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em Educação – um guia prático e crítico*. Porto: ASA.
- Amorim, S. (2009). *A abordagem da cidadania cultural na formulação do plano nacional do livro e leitura - PNLL*. (Dissertação de mestrado, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro). Consultado em <http://hdl.handle.net/10438/2697>
- Azevedo, F. (2015). *Prática de ensino supervisionada no 1.º e 2.º ciclo do ensino básico: Educação para a Cidadania* (Dissertação de mestrado, Escola Superior de Educação de Lisboa, Lisboa). Consultado em <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/3856>
- Azevedo, S. & Correia, F. (2013). A Educação Social em Portugal: evolução da identidade profissional. *RES – Revista de Educación Social*, 17.
- Barbedo, P. & Bandeira, A. (2015). *Voluntariado: sua relevância e necessidade da revelação contabilística*. Comuninação apresentada no Congresso dos TOC, Lisboa.
- Barcelos, M. (2016). *Escutismo é Educação*. Lisboa: Corpo Nacional de Escutas.
- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa; Edições 70
- Bendrath, E. (2014). *A Educação Não-Formal a partir dos relatórios da Unesco*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista.
- Bernardo, M. (2013). *Juventudes e lazer: que significação é atribuída pelos jovens aos tempos e espaços de lazer quando frequentam os escoteiros*. (Dissertação de mestrado, Universidade do Porto, Porto). Consultado em <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/110869>
- Carmo, H. & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da Investigação: Guia para Auto-Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

- Cervo, Bervian & Silva (2007). Metodologia Científica. São Paulo: Pearson
- CNE. (1997). Regulamento Geral do Corpo Nacional de Escutas. Retirado de [https://escutismo.pt/dirigentes/recursos/oficiais/pag:recursos\\_oficiais/158a112a-b20c-4ce7-a493-acd7f5b1c663](https://escutismo.pt/dirigentes/recursos/oficiais/pag:recursos_oficiais/158a112a-b20c-4ce7-a493-acd7f5b1c663)
- CNE. (2010). Caderno de Percurso – Caminheiros e Companheiros. CNE.
- CNE. (2011). Projecto Educativo – Manual do Dirigente. CNE.
- CNE. (2018). Página do Corpo Nacional de Escutas. <https://escutismo.pt/index.php>
- Correia, F., Martins, T., Azevedo, S. & Delgado, P. (2014). A Educação Social em Portugal: Novos Desafios para a identidade Profissional. Interfaces Científicas, 3(1), 113-124.
- Costa, A. S. (2001). Políticas de Juventude: regulação e/ou emancipação. (Dissertação de mestrado não publicada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto.) Consultado em <http://hdl.handle.net/10216/62373>
- Coutinho, P, C (2011) Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas. Coimbra: Almedina.
- Cunha, O. (2008). Os Adolescentes e a sua sexualidade: conversas com Adultos no contexto do Movimento Escutista. (Dissertação de mestrado não publicada, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.) Consultado em <http://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/477>
- Craveiro, M. (2007). Formação em contexto: um estudo de caso no âmbito da pedagogia da infância. (Dissertação de doutoramento não publicada, Universidade do Minho, Braga). Consultado em <http://hdl.handle.net/1822/7085>
- Crick, B. (2000). Cidadania: relatório Crick, 1998. Lisboa: Instituto da Defesa Nacional.
- Dias, M. (1994) O inquérito por questionário: problemas teóricos e metodológicos gerais. Porto: Universidade do Porto
- Figueiredo, I. (1999). Educar para a cidadania. Rio Tinto: Edições ASA.

- Ferreira, M. (2012) *Motivações e Gestão do Voluntariado no setor Hospitalar em Portugal*. Tese de doutoramento. Porto: Universidade do Porto.
- Granja, S. (2007). *Pedagogia escutista como complemento à educação escolar*. (Dissertação de mestrado não publicada, Universidade de Aveiro, Aveiro.) Consultado em <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/984/1/2008000433.pdf>
- Garcia, A. (2015). *No meu bairro, na nossa cidade a ocupar a liberdade – Práticas criativas para uma cidadania na infância*. (Dissertação de mestrado não publicada, Universidade de Aveiro, Aveiro) Consultado em <https://ria.ua.pt/handle/10773/15446>
- Gil, A.(1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas
- Gohn, M. (2006). Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio: avaliação de políticas públicas da Educação*, 14 (50), 27-38.
- Gonçalves, D. (2007). Finalidades da educação para a cidadania In: *Cidadania(s): Discursos e Práticas/Actas do Congresso Internacional*. (pp. 265-271). Porto: Universidade Fernando Pessoa. Consultado em <http://repositorio.esepf.pt/handle/20.500.11796/1231>
- Godoy, H. A. S.(1995). Pesquisa qualitativa - tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*, 35(3), 20-29
- Lima, P.G. (2010) *Formação de professores: por uma resignificação do trabalho pedagógico na escola*. Dourados: Editora da UFGD
- Lopes, M. (2008). Animação Sociocultural e Conceitos Afins, In (Ed.), *Animação Sociocultural em Portugal* (pp. 403-422). Amarante: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Maia, M. & Soares, L. (2004). *Cidadania e Competências essenciais*. Escola Superior de Educação de Lisboa, Génova.
- Martins, E. (2013) *A Pedagogia social/Educação social nos meandros da comunidade e da escola*. *Educar e Educere*, 1. P5-24

- Martins, G. O. (2013) Escola de Cidadãos. Lisboa: Fragmentos
- Mayor, F. (1995). Guidisme et scoutisme, une culture de la paix. Comunicação apresentada na Conférence européenne du guidisme et du scoutisme. Salzburg. Consultado em <http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001008/100851f.pdf>
- Natorp, P. (2001). Pedagogía social. Teoría de la educación de la voluntad sobre la base de la comunidad. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Nery, A. & Pintassilgo, J. (2007). As práticas educativas do Escutismo numa perspectiva comparada. O debate no campo pedagógico, em Portugal e no Brasil, nos anos 10 e 20 do séc. XX. Marília: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Lisboa: Universidade de Lisboa
- Oliveira, P. (2010). Educação não formal: o caso do escutismo. (Dissertação de mestrado não publicada, Universidade de Évora, Évora) Consultado em <http://hdl.handle.net/10174/20774>
- OMME. (1983). Constituição e Regulamento da Organização Mundial do Movimento Escutista. Retirado de <https://www.escoteiros.pt/wp-content/uploads/2017/04/WOSM.pdf>
- Ortega, J. (1999). Educación social especializada. Barcelona: Ariel.
- Pinto, L. & Pereira, S. (2005). Educação Não-Formal para uma Infância real. Inducar - organização para a promoção da educação não formal e integração social, 1-12.
- Palhares, J. (2004). Jovens, Experiência Social e Escutismo. (Dissertação de Doutoramento não publicada, Universidade do Minho, Braga)
- Palhares, J. (2008a). Educação e contextos significativos de acção: representações e experiências juvenis. VI Congresso Português de Sociologia. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- Palhares, J. (2008b). Os sítios de educação e socialização juvenis: Experiências e representações num contexto não escolar. Educação, Sociedade & Culturas (27), p.109-130

- Palhares, J. (2009). A experiência cidadã em contextos educativos não-escolares: representações e práticas de jovens pertencentes ao escutismo. In S. Manuel (Ed.), "Sociedades desiguais e paradigmas em confronto : actas do Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 10, Braga, Portugal, 2009" (pp. 1407-1418). Braga: Centro de Investigação em Ciências Sociais da Universidade do Minho.
- Powell, B. (2011) Auxiliar do Chefe Escuta. CNE
- Reis, M. (2013) O Livro dos Escuteiros. Lisboa: Leya.
- Rodrigues, O. G. (2003). A formação cívica no âmbito da educação para a cidadania em contexto escolar. (Dissertação de mestrado não publicada, Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Porto). Consultado em <http://repositorio.uportu.pt/xmlui/bitstream/handle/11328/110/TME%20280.pdf?sequence=2>
- Santos, P., Silva, M. & Guedes, A. (2011) O Voluntariado como elemento de aprendizagem e de empregabilidade. Lamego, Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Lamego. Consultado em <http://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/978>
- Sarramona, J., Vázquez, G. & Colom, A. (1998). Educación no formal. Barcelona: Ariel.
- Serrano, G. (2004). Investigación cualitativa. retos e interrogantes – I. Métodos. Madrid: Ed. La Muralla.
- Souza, C. & Muller, V. (2009). Formação de Professores e Profissionalização Docente. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. Paraná: Pontifícia Universidade Católica do Paraná
- Timóteo, I. & Bertão, A. (2012) Educação Social Transformadora e Transformativa: clarificação de sentidos. *Sensos*, 1 p. 12-26
- Tomás, C., & Gama, A. (2011). Cultura de (não) participação das crianças em contexto escolar. Educação, Territórios e (Des)Igualdades. II Encontro de Sociologia da Educação. Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa

- Vicente, A. (2004). A introdução do Escutismo em Portugal. *Lusitania Sacra*, 16, 203-245.
- Vieira, I. (2015). *A participação - Um paradigma para a intervenção social*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Viveiros, A. (2012). O voluntariado promotor da cidadania ativa. Que lugar para a Animação Sociocultural? *Quaderns d'animació i Educació Social*, 15.





## **Anexos**

## Anexo A. Inquérito por Questionário aplicado aos Caminheiros

### Um olhar sob o Escutismo

Caro Caminheiro,

Este inquérito por questionário é realizado no âmbito de uma investigação do Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária, ministrado pela Escola Superior de Educação de Lisboa.

Esta investigação surgiu de uma inquietação pessoal, no sentido de compreender a influência do Escutismo na Educação para os valores e para a vida social dos jovens.

Este questionário é de especial importância para mim, mas também para o CNE, que autorizou a aplicação do mesmo. Este instrumento é uma adaptação do questionário realizado pelo Professor Doutor José Palhares, da Universidade do Minho, e aplicado no Rover de 2001 e no ACANAC de 2007.

Sendo eu escuteira, desde os 6 anos, e acreditando que o Escutismo me ajudou a construir um quadro de valores, venho desta forma, pedir a vossa voluntária colaboração, garantindo o anonimato e a confidencialidade dos dados recolhidos, solicitando que o preencham com a máxima sinceridade.

Muito obrigado pela tua colaboração!

**\*Obrigatório**

1. **Idade \***

\_\_\_\_\_

2. **Sexo \***

*Marcar apenas uma oval.*

☐ Feminino

☐ Masculino

3. **Residência (Concelho) \***

\_\_\_\_\_

4. **Escolaridade \***

*Marcar apenas uma oval.*

☐ 3.º Ciclo do Ensino Básico (9.º ano)

☐ Ensino Secundário (12.º ano)

☐ Licenciatura

☐ Outra: \_\_\_\_\_

5. **Se frequentas, ou já frequentaste um curso superior, em que situação te encontras?**

*Marcar apenas uma oval.*

☐ Completo

☐ Incompleto

6. **Qual o nome do curso?**

\_\_\_\_\_

Um olhar sob o Escutismo

7. Como avalias o teu desempenho académico enquanto estudante? (Se já não te encontras a estudar, responde tendo em conta a tua experiência anterior.) \*

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Mau  
☐ Bastante insatisfatório  
☐ Satisfatório  
☐ Bastante satisfatório  
☐ Excelente

8. Condição perante o trabalho (ou condições, no caso de ser mais do que uma) \*

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ Exerço uma profissão (tempo integral)  
☐ Sou estudante  
☐ Estou desempregado à procura do 1º emprego  
☐ Estou desempregado à procura de um novo emprego  
☐ Estou a efectuar um estágio profissional  
☐ Estou a frequentar um curso de formação profissional  
☐ Exerço uma (ou mais) atividade(s) em part-time  
☐ Outra: \_\_\_\_\_

9. Vives habitualmente com os teus pais? \*

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim  
☐ Não

10. Contando contigo, quantas pessoas compõem o teu agregado familiar? \*

\_\_\_\_\_

11. Tens irmãos? \*

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim  
☐ Não

12. Se sim, quantos?

\_\_\_\_\_

13. Tens alguém do teu agregado familiar que também pertença ao escutismo? \*

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim  
☐ Não

14. Se respondeste SIM, indica quem:

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ Pai
- ☐ Mãe
- ☐ Irmão/Irmã
- ☐ Outra: \_\_\_\_\_

## Percurso no Escutismo

15. Agrupamento (Número e Localidade) \*

\_\_\_\_\_

16. Região \*

\_\_\_\_\_

17. Núcleo

\_\_\_\_\_

18. Com que idade entraste para os escuteiros?

\_\_\_\_\_

19. Quais das seguintes razões mais contribuíram para a tua entrada no Corpo Nacional de Escutas? Indica, no máximo 3 razões, que melhor correspondam ao teu caso. \*

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ Os meus pais inscreveram-me no agrupamento local
- ☐ Os meus amigos já pertenciam aos escuteiros
- ☐ Tinha familiares no escutismo (no agrupamento local ou noutros)
- ☐ O gosto pela natureza e pelas actividades ao ar livre
- ☐ Gostar de acampar
- ☐ Identificava-me com os ideais do movimento escutista
- ☐ Por os escuteiros serem um grupo de jovens ligados à Igreja Católica
- ☐ Por o escutismo ser constituído por jovens e adultos bem vistos na comunidade
- ☐ Por ser um movimento empenhado em importantes causas sociais
- ☐ Por ser um movimento baseado no voluntariado
- ☐ Via o escutismo como um movimento educativo complementar à escola
- ☐ Para ocupar os meus tempos livres
- ☐ Tinha boas referências dos escuteiros e do escutismo
- ☐ A minha família incentivou-me a aderir ao escutismo
- ☐ Outra: \_\_\_\_\_

Um olhar sob o Escutismo

21. N.º de tribos que constituem o clã do teu agrupamento \*

---

22. N.º de elementos da tua tribo \*

---

23. Cargo(s) que ocupas na tua tribo? \*

---

24. Em que ponto te encontras atualmente no Sistema de Progresso da IV secção \*

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Adesão – “Caminho”  
☐ 1.ª etapa – “Comunidade”  
☐ 2.ª etapa – “Serviço”  
☐ 3.ª etapa – “Partida”

25. A tua tribo tem elementos de ambos os sexos? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sim  
☐ Não

**26. Tendo em conta o teu percurso como caminhelro do CNE, caracteriza a tua participação nos seguintes tipos de atividades: \***

Marcar apenas uma oval por linha.

	Nada Frequente	Pouco Frequente	Bastante Frequente	Muito Frequente
1. Atividades de ar livre [Acampamentos de agrupamento, de secção, de equipa/tribo; acampamentos regionais e de núcleo; raides, jogos de orientação, caminhadas, montanhismo; atividades aquáticas; entre outras]	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Atividades de interior [Reuniões de tribo/equipa, Conselho de guias, Conselho de clã; reuniões/encontros de animação e preparação de atividades escutistas; formação nos saberes e conteúdos escutistas; entre outras]	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Atividades de natureza religiosa [Celebrações litúrgicas na paróquia, procissões, reuniões de piedade, peregrinações; entre outras]	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Atividades de natureza institucional [Abertura do ano escutista; ações de formação; seminários; animação da fé; fóruns; encontros escutistas; entre outras]	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Atividades de âmbito nacional e internacional [Acampamento nacional; formações; fóruns, congressos; Jamboree, Moot, Rover; intercâmbios com escuteiros de outros países; entre outras]	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Atividades de caráter cívico [Proteção Civil; Banco Alimentar; animação socioeducativa em lares, jardins-de-infância; apoio a doentes; ações de combate à desigualdade e à exclusão social; participação em programas de apoio à criança; defesa do património histórico e cultural; iniciativas de voluntariado; entre outras]	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Um olhar sob o Escutismo

	Nada Frequente	Pouco Frequente	Bastante Frequente	Muito Frequente
7. Atividades de caráter ambiental [Vigilância e proteção das matas; apoio no combate aos incêndios florestais; ações de limpeza e preservação da natureza; programas de sensibilização ambiental; atividades de plantação e reflorestação; atividades de reciclagem; entre outras]	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Atividades lúdico-recreativas [Festas de cariz popular; festivais; torneios desportivos; gincanas; representações teatrais e cénicas; arraias, picnics; entre outras]	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

27. Em qual destas atividades mais gostas de participar? Indica DUAS (escreve apenas os números correspondentes) \*

\_\_\_\_\_

28. Manténs contatos regulares com outros escuteiros para além do teu agrupamento? \*

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim  
☐ Não

29. Se respondeste SIM na questão anterior, indica a regularidade desses contactos.

Marcar apenas uma oval por linha.

	Nunca	Quase Nunca	Algumas Vezes	Quase Sempre	Sempre
Com escuteiros de outros agrupamentos locais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com escuteiros da minha Região/ Núcleo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com escuteiros de diferentes partes do país	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com escuteiros de outros países da Europa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com escuteiros de outros países do mundo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

30. **Que significa para ti ser Caminho? Apresentamos seguidamente algumas afirmações/proposições para as quais te pedimos uma opinião. Responde num dos diferentes graus de concordância ou de discordância sugeridos. \***

Marcar apenas uma oval por linha.

	Concordo Totalmente	Concordo	Indeciso	Discordo	Discordo Totalmente
Uma etapa no escutismo desadequada aos interesses dos jovens com mais de 17 anos de idade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Um período de preparação do escuteiro jovem para mais tarde assumir as funções do dirigente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Um período de amadurecimento pessoal e social orientado pelos valores da Igreja e do escutismo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Um período onde se descobre que o escutismo já não faz nenhum sentido	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Uma oportunidade para se aprofundar a importância do escutismo na educação para a cidadania democrática	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Um período de aprofundamento do sentido de Deus e da fé	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Um período onde o escuteiro se deve preocupar mais consigo do que com os outros	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Uma etapa menos atraente no escutismo por não ter tantas atividades como nas outras secções	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Uma etapa no escutismo onde os jovens demonstram todo o seu potencial de serviço aos outros	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Um período de reflexão sobre os futuros papéis sociais que o jovem assumirá quando se tornar adulto	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>



Um olhar sob o Escutismo

31. Certamente já tiveste oportunidade de conversar com os teus amigos não-escuteiros sobre o movimento escutista. Que dizem eles sobre o assunto? \*

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não passa de um grupo de jovens ligados à Igreja
- ☐ É apenas uma forma de ocupar os tempos livres
- ☐ Um grupo de jovens sempre disposto a prestar bons serviços à comunidade
- ☐ Uma associação de juventude com um grande papel educativo
- ☐ Uma organização de juventude interessante, mas que é pena estar ligada à Igreja
- ☐ Uma associação juvenil com destaque na educação ambiental
- ☐ Um grupo de meninos sonsinhos
- ☐ Um grupo de rapazes e raparigas que anda sempre de mochila às costas
- ☐ Um grupo de jovens que por vezes organiza actividades culturais e recreativas
- ☐ Um grupo de jovens que gosta de andar fardado
- ☐ Outra: \_\_\_\_\_

32. Como avalias o papel do escutismo no desenvolvimento da tua pessoa como cidadão? \*

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Muito importante
- ☐ Importante
- ☐ Indiferente
- ☐ Pouco importante
- ☐ Nada importante

33. Poder-se-á afirmar que um(a) jovem escuteiro(a) se distingue no dia-a-dia de um(a) jovem não-escuteiro(a) no que se refere à construção da democracia e da cidadania?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não

34. Tendo em conta o teu dia-a-dia, procura fazer uma avaliação das tuas práticas como cidadão em relação aos aspetos abaixo indicados. Responde de acordo com a seguinte escala: o 5 corresponde ao nível mais elevado de envolvimento e o 1 ao nível mais baixo de envolvimento. \*

Marcar apenas uma oval por linha.

	1	2	3	4	5
Participação em iniciativas de voluntariado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Adoção de comportamentos saudáveis	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Envolvimento na paróquia e nos rituais da Igreja	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ativismo em causas sociais e na defesa dos direitos humanos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Pertença ativa a associações (para além do escutismo)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Respeito pelas diferenças (género, raça, credo e orientações sexuais)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Diálogo e solidariedade entre as gerações	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Participação em ações de cariz ecológico e ambiental	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Participação política na esfera pública e nas instituições democráticas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Respeito pelos afetos e emoções	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Empenho na escola e no ofício do aluno	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Participação ativa na família e no espaço doméstico	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Respeito pelo património e pelo bem-comum	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Condução segura, respeito pelo código da estrada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ética no local de trabalho, na escola e nas relações profissionais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

35. Vamos admitir, como Baden-Powell, que o escutismo pode dar um bom contributo para a construção de um mundo melhor. Qual te parece ser o contributo mais significativo de entre os que a seguir te apresentamos? \*

Marcar apenas uma oval.

- ☐ O preenchimento de algumas lacunas educativas da escola
- ☐ A consciência ambiental e a preservação da natureza
- ☐ Aprofundamento do sentido da solidariedade
- ☐ Responsabilização dos jovens na vida democrática do país
- ☐ O desenvolvimento de cidadãos ativos e participativos
- ☐ A formação moral e cívica dos jovens
- ☐ O desenvolvimento saudável das aptidões físicas dos jovens
- ☐ A construção do espírito de fraternidade entre os povos
- ☐ A aposta na valorização dos jovens face aos "perigos" que os ameaçam
- ☐ A metodologia pedagógica e educativa criada por B-P.
- ☐ O aprofundamento da relação dos jovens com Deus
- ☐ Outra: \_\_\_\_\_

Um olhar sob o Escutismo

36. Após ultrapassares a idade limite do caminheirismo vais continuar ligado(a) ao CNE e ao movimento escutista? \*

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim  
☐ Não  
☐ Ainda não decidi

37. Se a tua resposta foi NÃO, indica a razão ou razões que presidiram à tua decisão:

---

---

---

---

---

38. Numa escala em que o 1 significa o contributo mínimo e o 5 o contributo máximo, tenta avaliar o papel que os vários contextos (família, amigos, escola, escutismo, ...) tiveram no teu Desenvolvimento Intelectual (aquisição de conhecimentos) \*

Marcar apenas uma oval por linha.

	1	2	3	4	5
Família	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Grupo de amigos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Escola	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Escutismo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Igreja	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Clube, Associação (desport., cultural, recreativa)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Meios inform. e comunicação (TV, rádio, jornais, revistas, ...)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Meios digitais de informação e comunicação (internet, redes sociais, telefones móveis)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

39. Numa escala em que o 1 significa o contributo mínimo e o 5 o contributo máximo, tenta avaliar o papel que os vários contextos (família, amigos, escola, escutismo, ...) tiveram no teu Desenvolvimento Moral e Ético (valores). \*

Marcar apenas uma oval por linha.

	1	2	3	4	5
Família	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Grupo de amigos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Escola	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Escutismo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Igreja	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Clube, Associação (desport., cultural, recreativa)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Meios inform. e comunicação (TV, rádio, jornais, revistas, ...)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Meios digitais de informação e comunicação (internet, redes sociais, telefones móveis)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

40. Numa escala em que o 1 significa o contributo mínimo e o 5 o contributo máximo, tenta avaliar o papel que os vários contextos (família, amigos, escola, escutismo, ...) tiveram no teu Desenvolvimento Relacional (relações sociais). \*

Marcar apenas uma oval por linha.

	1	2	3	4	5
Família	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Grupo de amigos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Escola	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Escutismo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Igreja	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Clube, Associação (desport., cultural, recreativa)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Meios inform. e comunicação (TV, rádio, jornais, revistas, ...)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Meios digitais de informação e comunicação (internet, redes sociais, telefones móveis)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

41. Numa escala em que o 1 significa o contributo mínimo e o 5 o contributo máximo, tenta avaliar o papel que os vários contextos (família, amigos, escola, escutismo, ...) tiveram no teu Desenvolvimento Afetivo \*

Marcar apenas uma oval por linha.

	1	2	3	4	5
Família	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Grupo de amigos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Escola	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Escutismo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Igreja	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Clube, Associação (desport., cultural, recreativa)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Meios inform. e comunicação (TV, rádio, jornais, revistas, ...)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Meios digitais de informação e comunicação (internet, redes sociais, telefones móveis)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

42. Numa escala em que o 1 significa o contributo mínimo e o 5 o contributo máximo, tenta avaliar o papel que os vários contextos (família, amigos, escola, escutismo, ...) tiveram no teu Desenvolvimento Espiritual \*

Marcar apenas uma oval por linha.

	1	2	3	4	5
Família	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Grupo de amigos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Escola	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Escutismo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Igreja	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Clube, Associação (desport., cultural, recreativa)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Meios inform. e comunicação (TV, rádio, jornais, revistas, ...)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Meios digitais de informação e comunicação (internet, redes sociais, telefones móveis)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Um olhar sob o Escutismo

43. Numa escala em que o 1 significa o contributo mínimo e o 5 o contributo máximo, tenta avaliar o papel que os vários contextos (família, amigos, escola, escutismo, ...) tiveram no teu Desenvolvimento Físico \*

Marcar apenas uma oval por linha.

	1	2	3	4	5
Família	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Grupo de amigos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Escola	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Escutismo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Igreja	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Clube, Associação (desport., cultural, recreativa)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Meios inform. e comunicação (TV, rádio, jornais, revistas, ...)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Meios digitais de informação e comunicação (internet, redes sociais, telefones móveis)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

## A EDUCAÇÃO, A ESCOLA E O ESCUTISMO

**44. Os enunciados seguintes debruçam-se sobre a educação escolar e o escutismo. Assinala o teu grau de concordância ou discordância face a cada um dos enunciados: \***

Marcar apenas uma oval por linha.

	Concordo Totalmente	Concordo	Indeciso	Discordo	Discordo Totalmente
A escola é a instituição mais importante de educação existente na sociedade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A escola é apenas valorizada pelos jovens como um local de convívio e de amizades	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A educação fornecida na escola é sobretudo uma educação livresca e de transmissão de conhecimentos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A escola continua a ser uma instituição importante para preparar o futuro profissional dos jovens	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A escola é o melhor lugar para a aprendizagem dos valores da democracia e da cidadania	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A educação escolar valoriza o mérito e o esforço individual dos alunos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
De um modo geral, a escola e os professores não valorizam as aprendizagens fora da escola	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O método escutista do "aprender fazendo" deveria ser uma prática pedagógica da escola	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sinto que os professores valorizam o facto de eu estar no escutismo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A minha experiência no escutismo permite-me tirar melhor partido da escola	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O escutismo é a organização mais bem preparada para facultar outras aprendizagens e saberes aos jovens	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os conteúdos da educação escolar são mais úteis no dia-a-dia que os conteúdos do escutismo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Era desejável que escola e o escutismo trabalhassem em conjunto	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Do ponto de vista de uma educação ambiental, o escutismo suplanta largamente a escola	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A escola desenvolve uma educação de valores mais plural e aberta que o escutismo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Um olhar sob o Escutismo

## A FAMÍLIA E O CONTEXTO DOMÉSTICO

45. Profissão principal do Pai \*

---

---

---

---

---

46. Profissão principal da Mãe \*

---

47. Escolaridade dos Pais

Marcar tudo o que for aplicável.

	Pai	Mãe
Não sabe ler nem escrever	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino Primário (4.º ano)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino Preparatório (6.º ano) ou equivalente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9º ano de escolaridade ou equivalente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino Secundário (10º, 11º, 12º anos) ou equivalente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Bacharelato	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Licenciatura	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Pós-Graduação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

48. Como classificas a tua participação no seio da tua família (agregado familiar)? \*

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Muito Ativa
- ☐ Ativa
- ☐ Reservada
- ☐ Passiva
- ☐ Muito Passiva

49. Como vêem os teus pais a tua pertença no Escutismo? \*

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Muito Positiva
- ☐ Positiva
- ☐ Indiferente
- ☐ Negativa
- ☐ Muito Negativa

## Religião

**50. Como caracterizae a tua prática religiosa? \***

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Vou à missa diariamente e comungo
- ☐ Vou à missa diariamente mas não comungo
- ☐ Vou à missa ao Domingo e comungo
- ☐ Vou à missa ao Domingo mas não comungo
- ☐ Vou ocasionalmente à missa
- ☐ Vou apenas à missa nas atividades dos escuteiros
- ☐ Não vou à missa
- ☐ Outra: \_\_\_\_\_

**51. Diz-nos qual é a tua atitude perante Deus. \***

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Creio em Deus e tento que Ele esteja sempre presente em todos os aspetos da minha vida
- ☐ Creio em Deus, mas por vezes coloco em dúvida a Sua existência
- ☐ Tento esforçar-me por crer em Deus, porque quero continuar no escutismo
- ☐ Não creio em Deus, mas participo nas atividades religiosas por ser escuteiro
- ☐ Não creio em Deus e talvez seja a razão para eu abandonar futuramente o escutismo
- ☐ Creio em Deus, mas não me identifico com a Igreja Católica
- ☐ Outra: \_\_\_\_\_

**52. Concordas com a posição oficial da Igreja Católica sobre a sexualidade? \***

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não

**53. Se não concordas com a posição da Igreja, aponta as razões que justificam a tua resposta.**

---

---

---

---

---

**EXPETATIVAS FACE AO FUTURO**



Um olhar sob o Escutismo

**54. Procura responder aos seguintes enunciados tendo em conta o teu projeto de vida pensado para o futuro. \***

*Marcar apenas uma oval por linha.*

	Gostaria Muito	Gostaria	Gostaria Pouco	Não Gostaria
Constituir família e ter filhos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Exercer uma profissão fora de Portugal	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Viver sempre no meu concelho de residência ou proximidades	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Desenvolver uma carreira ligada à investigação científica	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Enveredar por uma carreira política	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estabelecer-me por conta própria e criar a minha própria empresa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Mesmo que não corresponda à minha vocação, exercer uma profissão que me permita ganhar muito dinheiro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Prolongar os meus estudos o mais que puder (licenciatura, mestrado, doutoramento, ...)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Agarrar-me à primeira oportunidade de emprego, porque o mercado de trabalho está cada vez mais difícil	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Viver com a minha família (pais e irmãos) o mais tempo possível	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Investir noutras aprendizagens para além da carreira profissional que optar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Realizar os meus sonhos custe o que custar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Dedicar algum tempo da minha vida à prática de atividades de voluntariado e solidariedade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Continuar ligado ao escutismo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ter várias experiências profissionais em empresas e locais distintos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Adotar o "espírito escutista" ao longo da vida	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
"Gozar" a vida nos limites	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**55. Para além do escutismo fazes parte de mais alguma associação (desportiva, cultural, recreativa, política, ...)? \***

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sim  
☐ Não

**56. Se respondeste Sim, refere qual ou quais?**

---

---

---

---

---

57. Indica quais as associações com que o teu agrupamento faz voluntariado. \*

---

---

---

---

---

58. Fora do Escutismo realizas voluntariado? \*

*Marcar apenas uma oval.*

☐ Sim

☐ Não

59. Se sim, onde?

---

## Anexo B. Análise da Questão “Se a tua resposta foi NÃO, indica a razão ou razões que presidiram à tua decisão.”

Categoria	Subcategorias	Unidades de registo	Frequência
Justificação apresentada para a não continuidade no movimento	Questões profissionais	“Motivo profissional” (R1) “vida profissional” (R2) “profissão” (R11 e R17)	4
	Orientação Sexual	“Por ser homossexual” (R9) “A igreja não aceita a minha orientação sexual” (R10)	2
	Não identificação com a Religião	“Religião” (R14)	1
	Excesso de responsabilidade	“que não me permitirá responsabilizar-me por um grupo de menores.” (R2) “Devido ao aumento das responsabilidades” (R7) “sei que não conseguirei dar aquilo a que me responsabilizo” (R20) “Ser dirigente exige um grande compromisso” (R21)	4
	Incompatibilidade com a Equipa de Animação	“o meu agrupamento têm um chefe de agrupamento que pensa que é o Salazar” (R12) “Fracá empatia com a equipa de animação”(R18)	2

	Necessidade de distanciamento	<p>“Mas pondero, mais tarde, quando tiver família constituída voltar” (R3)</p> <p>“saber o que é levar uma vida não escutista” (R13)</p> <p>“a resposta passa por fazer e viver outras coisas que não conheço” (R5)</p>	3
	Indisponibilidade de tempo	<p>“não ter disponibilidade para a formação de dirigente” (R4)</p> <p>“Indisponibilidade” (R6)</p> <p>“(falta)Disponibilidade” (R19)</p>	3
	Falta de interesse em continuar	<p>“Não sinto interesse em prosseguir” (R8)</p> <p>“não sentir vontade de ser chefe” (R19)</p>	2
	Planos Pessoais	<p>“planos pessoais” (R15)</p> <p>“Outros projetos de vida” (R16)</p>	2
Total			23

### Anexo C. Análise da Questão “Se não concordas com a posição da Igreja, aponta as razões que justificam a tua resposta.”

Categoria	Subcategorias	Unidades de registo	Frequência
	Orientação sexual ser diferente da norma	<p>“orientação sexual” (R1)</p> <p>“a pessoas que se sentem atraídas por outras do mesmo sexo” (R2)</p> <p>“Não creio, como a igreja afirma, que a homossexualidade seja uma doença” (R4)</p> <p>“Não vejo mal em relações do mesmo sexo.” (R5)</p> <p>“direito a gostar de quem quer” (R6)</p> <p>“livre de amar quem quiser” (R12)</p> <p>“por uns terem uma orientação sexual diferente da dita “normal”, tem que deixar de possuir os mesmos direitos e deveres que um cidadão heterossexual” (R14)</p> <p>“livre de ter a sua sexualidade,” (R18, R20)</p> <p>“explorar em vários aspetos sexuais, mas esta curiosidade é reprimida por ideologias antigas de casais de sexos diferentes,” (R21)</p> <p>“Os valores morais não dependem da orientação sexual.” (R23)</p> <p>“os homossexuais”(R28)</p> <p>“não é a sexualidade que nos define” (R31)</p> <p>“Uma pessoa não é melhor ou pior ou mais ou menos católica por causa da</p>	36

		<p>sua orientação sexual.” (R.36)</p> <p>“Deveria ser aberta a todos indiferentemente da sua orientação sexual” (R37)</p> <p>“diferentes sexualidades” (R39)</p> <p>“sem que a orientação sexual ou a sexualidade em si sejam um impedimento.” (R40)</p> <p>“deveria aceitar todo o tipo de orientação sexual” (R41)</p> <p>“ todos que não são Heterossexuais são fortemente julgados pela Igreja.” (R42)</p> <p>“As crenças religiosas não dependem da nossa sexualidade” (R43)</p> <p>“deveria aceitar também a sua sexualidade” (R45)</p> <p>“sejam de sexos diferentes” (R48)</p> <p>“Se hetero, gay, lésbica, tanto faz.” (R49)</p> <p>“pessoas que gostam de outras no mesmo gênero,” (R50)</p> <p>“a sexualidade não dá mais ou menos valor a ninguém “ (R58)</p> <p>“quanto à questão da homossexualidade” (R59)</p> <p>“"Amar o próximo" e não, o próximo do sexo oposto” (R61)</p> <p>“achar que a homossexualidade é algo errado.” (R68)</p> <p>“Casamento entre o mesmo gênero,” (R71)</p> <p>“rejeitar a homossexualidade” (R77)</p>	
--	--	--	--

		<p>“todas as pessoas devem ter os mesmos direitos independentemente da sua sexualidade” (R83)</p> <p>“Ser heterossexual não devia de ser requisito para estar no escutismo” (R87)</p> <p>“apenas AMA alguém no mesmo sexo” (R90)</p> <p>“a orientação sexual não é uma escolha e não acho que seríamos condenados por sermos como somos.” (R91)</p> <p>“O amor é possível de existir entre 2 pessoas de sexo opostos ou iguais.” (R96)</p> <p>“Jesus não nos diz para não aceitarmos os homossexuais ou o casamento entre eles” (R100)</p>	
	Relações sexuais antes do casamento	<p>“não vejo mal nenhum nas relações sexuais” (R5)</p> <p>“à prática de sexo antes do casamento” (R59)</p> <p>“haver sexo antes do casamento” (R91)</p> <p>“o casal só poder viver junto quando casado pela Igreja” (R5)</p> <p>“União pré-matrimonial” (71)</p>	5
	Métodos Contracetivos	<p>“O uso dos preservativos” (R11)</p> <p>“em relação ao uso do preservativo,” (R31)</p>	2
	Aborto	<p>“nem quanto ao aborto” (R59)</p> <p>“o aborto” (R100)</p>	2
	Desatualizada	“Está desatualizada” (R3)	

	e rígida	<p>“Demasiado rígida” (R9)</p> <p>“Hora de se abrir” (R17)</p> <p>“Estamos no século XXI” (R.19)</p> <p>“a igreja devia ser, por isso, mais aberta no que toca à sexualidade.” (R24)</p> <p>“A igreja católica não evolui” (R.26)</p> <p>“A igreja católica tem uma mentalidade muito “fechada”” (R27)</p> <p>“não devia ser tão extremo” (R.38)</p> <p>“têm que acompanhar as mudanças”(R47)</p> <p>“também a Igreja Católica se deve adaptar à realidade” (R60, R63)</p> <p>“muito crítica e muito fechada” (R62)</p> <p>“Pouca compreensão” (R.66)</p> <p>“estas regras são bastante antigas” (R82)</p> <p>“e é muito fechada no que toca à sexualidade” (R88)</p> <p>“deveria saber adaptar-se à mudança” (R.89)</p> <p>“posição já é muito do século passado” (R97)</p> <p>“Retrógrada.” (R98)</p> <p>“a Igreja tem uma posição retrógrada em relação à sexualidade” (R99)</p>	19
		<p>“deve poder viver a sua vida e liberdade sem que tenha que se ser impedida devido a crenças e valores”(R10)</p> <p>“Necessidade de tolerância e aceitação de todas as pessoas” (R15)</p>	16



		<p>“Devemos aceitar-nos uns aos outros” (R35)</p> <p>“A igreja deveria apoiar mais as pessoas nas suas escolhas” (R44)</p> <p>“devíamos ser aceites como somos” (R51)</p> <p>“Devemos respeitar as opções de cada um” (R52)</p> <p>“Cada um deve ter a liberdade de se sentir bem consigo próprio” (R56)</p> <p>“Devemos amar e respeitar toda a gente!” (R57)</p> <p>“Deus nos deu a liberdade para sermos felizes, e não podemos proibir outrem de o ser” (R67)</p> <p>“nós devemos de ser aceites tal como nos sentimos bem” (R70)</p> <p>“ser aceites por aquilo que somos” (R72)</p> <p>“as pessoas são livres de tomar as suas decisões” (R78)</p> <p>“Concordo que deve haver tolerância e aceitação” (R81)</p> <p>“Somos todos iguais” R85)</p> <p>“Cada um sente o que sente é isso devia ser respeitado por todos” (R93)</p> <p>“não faz sentido excluir” (R7)</p> <p>“Ninguém deve ser excluído” (R46)</p>	
--	--	---	--

## Anexo D. Objetivos Educativos dos Caminheiros

Físico	Desempenho	F1. Praticar atividade física que promova o desenvolvimento e manutenção da agilidade, exibilidade e destreza de forma adequada à sua idade, capacidade e limitações.
	Auto-Conhecimento	F2. Conhecer e aceitar o desenvolvimento e amadurecimento do seu corpo com naturalidade.
		F3. Conhecer as características biológicas do corpo masculino e feminino e a sua relação com o comportamento e necessidades individuais.
	Bem-estar Físico	F4. Cultivar um estilo de vida saudável e equilibrado – alimentação, atividade física e repouso, adaptado a cada fase do seu desenvolvimento.
		F5. Cuidar e valorizar o seu corpo de acordo com os padrões de saúde, revelando orgulho.
		F6. Identificar e evitar, na vida quotidiana, os comportamentos de risco relacionados com a segurança física e consumo de substâncias.
Afetivo	Relacionamento e Sensibilidade	A1. Valorizar e demonstrar sensibilidade nas suas relações afetivas, de modo consequente com a opção de vida assumida.
		A2. Respeitar a existência de várias sensibilidades estéticas e artísticas, formando a sua opinião com sentido crítico.
		A3. Assumir a própria sexualidade aceitando a complementaridade Homem / Mulher e vivê-la como expressão responsável de amor.
	Equilíbrio Emocional	A4. Ser capaz de identificar, compreender e expressar as suas emoções, tendo em conta o contexto e os sentimentos dos outros.
	AutoEstima	A5. Reconhecer e aceitar as características da sua personalidade, mantendo uma atitude de aperfeiçoamento constante.
		A6. Valorizar as próprias capacidades, superando limitações e adotando uma atitude positiva perante a vida.
Caráter	Autonomia	C1. Possuir e desenvolver um quadro de valores que são fruto de uma opção consciente.
		C2. Ser capaz de formular e construir as suas próprias opções, assumindo-as com clareza.
		C3. Mostrar-se responsável pelo seu desenvolvimento, colocando a si próprio objetivos de progressão pessoal.
	Responsabilidade	C4. Demonstrar empenho e vontade de agir, assumindo as suas responsabilidades em todos os projetos que enceta, estabelecendo prioridades e respeitando-as.
		C5. Demonstrar perseverança nos momentos de dificuldade, procurando ultrapassá-los com otimismo.
		C6. Ser consequente com as opções que toma, assumindo a responsabilidade pelos seus actos.

	Coerência	C7. Ser consistente e convicto na defesa das suas ideias e valores. C8. Dar testemunho, agindo em coerência com o seu sistema de valores.
Espiritual	Descoberta	E1. Conhecer e compreender o modo como Deus se deu a conhecer à humanidade, propondo-lhe um Projeto de Felicidade Plena [História da Salvação].
		E2. Conhecer em profundidade a mensagem e a proposta de Jesus Cristo [Mistério da Encarnação e Mistério Pascal].
		E3. Reconhecer que a pertença à Igreja é um sinal de Deus no mundo de hoje [Igreja Sacramento Universal de Salvação].
	Aprofundamento	E4. Aprofundar os hábitos de oração pessoal e assumir-se como membro activo da Igreja na celebração comunitária.
		E5. Integrar na sua vida os valores do Evangelho, vivendo as propostas da Igreja.
		E6. Conhecer as principais religiões distinguindo e valorizando a identidade da Igreja Católica.
	Serviço	E7. Testemunhar que a presença de Deus no mundo dignifica a vida humana e a Natureza. E8. Viver o compromisso Cristão como missão no mundo em todas as dimensões [humanas, sociais, económicas, culturais e políticas].
Intellectual	Procura do Conhecimento	I1. Procurar de forma ativa e continuada novos saberes e vivências, como forma de contribuir para o seu crescimento pessoal.
		I2. Conhecer e utilizar formas adequadas de recolha e tratamento de informação e, dentro dessas, distinguir o essencial do acessório.
		I3. Definir o seu itinerário de formação preocupando-se em mantê-lo atualizado.
	Resolução de problemas	I4. Adaptar-se e superar novas situações, avaliando-as à luz de experiências anteriores e conhecimentos adquiridos.
		I5. Analisar os problemas de forma crítica, sugerindo e aplicando estratégias de resolução dos mesmos.
	Criatividade e Expressão	I6. Ser capaz de utilizar conhecimentos, percepções e intuições na criação de novas ideias e obras, mantendo um espírito aberto e inovador. I7. Expressar ideias e emoções de forma lógica e criativa, adaptada ao[s] destinatário[s] e utilizando os meios adequados.
Social	Exercer ativamente cidadania	S1. Conhecer e exercer os seus direitos e deveres enquanto cidadão.
		S2. Participar activa e conscientemente nos vários espaços sociais onde se insere, intervindo de uma forma informada, respeitadora e construtiva.
		S3. Respeitar as regras democráticas e assumir como suas as decisões tomadas coletivamente.
	Solidariedade e tolerância	S4. Assumir que é parte da sociedade onde se insere, agindo numa perspectiva de serviço libertador e de construção de futuro.

		S5. Usar de empatia na forma de comunicar com os outros, demonstrando tolerância e respeito perante outros pontos de vista.
	Interação e cooperação	S6. Mostrar capacidade de relacionamento e trabalho em equipa, contribuindo ativamente para o sucesso do coletivo através do desempenho com competência do seu papel.
		S7. Assumir papéis de liderança, de forma equilibrada, tendo em conta as suas necessidades e as do grupo.

*Nota:* Retirado de CNE (2011)